

REGISTROS DE UMA TRAVESSIA

Antonio Carlos Aquino Oliveira
Marcos Navarro



ANTONIO CARLOS AQUINO OLIVEIRA, 55 anos, é administrador de empresas, pós-graduado em marketing es-

tratégico, professor universitário e empresário do setor de mídia exterior. Foi líder estudantil na década de 70 e dirigente político na década de 80. Atuou ainda como assessor do Governo do Estado da Bahia, da Prefeitura de Camaçari e da Prefeitura de Juazeiro. Consultor de marketing político e gestão administrativa, foi fundador e dirigente do Sindicato das Empresas de Mídia Exterior do Estado da Bahia, da Associação Nacional das Empresas de Publicidade em Ônibus e da Federação Nacional das Empresas de Mídia Exterior. Também é agricultor e aventureiro.



MARCOS NAVARRO,

45 anos, é jornalista e escritor. É autor da biografia Calasans Neto – o gravador de Itapuá, além de contos e poemas. Navarro foi revisor, redator e editor do Correio da Bahia, e repórter e redator do Bahia Hoje. No período de 1997 a 2003, exerceu o cargo de subcoordenador de jornalismo da Secretaria de Comunicação Social da Prefeitura Municipal de Salvador. Atuou ainda na Comunicação Empresarial da Regional Norte-Nordeste dos Serviços Compartilhados da Petrobras e em outras assessorias de imprensa. Atualmente, é editor de Últimas Notícias e redator da primeira página do Jornal A TARDE.



REGISTROS DE UMA TRAVESSIA

Edição e revisão / Marcos Navarro

Projeto gráfico / Axel Augusto Hegouet

Fotos / Arquivo pessoal de Antonio Carlos Aquino Oliveira

Fotos miniaturas ônibus / Erik Salles

Fotos orelhas / Margarida Neide e Tadeu Miranda

Textos 1ª parte / Marcos Navarro

Textos 2ª, 3ª e 4ª partes / Antonio Carlos Aquino Oliveira

Capa / Axel Augusto Hegouet

Foto da capa / Ag. A TARDE

SUMÁRIO – 1ª PARTE

Infância em Ilhéus	19
A escola do Rio Almada	27
O menino TRAQUINO	31
Fuscão tala larga	35
Organização e método para fazer amigos	37
As tribos e os grupos	41
Duas meninas e um pai de vanguarda	45
Ligação com a terra e com os bichos	51
Um coroa ciumento e orgulhoso	55
Confesso que ralei!	57
Tempo de amor e cuidados	67
Um transporte para o futuro	69
Mural de sonhos, pessoas e realizações	75
Um período difícil	79
Lembranças de uma cidade	83
O baba e o Leão	87
O companheiro não realizou os sonhos sonhados ...	91
Seguindo o curso do rio	99

SUMÁRIO – 2ª PARTE

Direto das margens do Rio São Francisco	109
Lembrança de você no ar!	114
Condene todas as formas de violência	117
Como Napoleão classificava seus soldados	118

Um nauta	120
Desmoralização da política	121
Ética na política e nas relações	123
Entrevista	125
Políticas de aliança – avaliações eleitorais	138
Eleições do Chile – exemplo para o Brasil	139
Os desafios da regionalização	140
Honoráveis bandidos	145
Letras ácidas	146
Abundância não é desperdício	147
Um devaneio em Itacimirim	149
Animais, muito mais humanos	151
Homem no espelho	152
Aos senadores	153
A origem da preguiça	154
Pica-pau corajoso	155
Quem nasceu em Salvador entende de baiano	156
A dengue e a educação	157
O governo como sócio	159
Cadê a mobilização social?	163
O poder do talento e o complemento da mídia	164
O saber feminino	166
Flash de recarga	167
Sobre comunicação	168
O câncer e a cura	169

A gauchada	170
Exercitar a paciência e combater a intolerância	171
Regionalismo	173
El vino hermoso	175
Sermão do casamento	176
Sobre ter, dar e receber	177
Drogas	180

SUMÁRIO – 3ª PARTE

A necessidade da visão sistêmica	185
Preservando a democracia	187
A crise do PSDB da Bahia	189
Cacau: outra versão da crise	193
Limites da omissão	195
Exportando vergonha	299
A reforma necessária	202
A sociedade e os políticos	205
Cidadania, transportes e tráfego	208
Aprendendo com a crise	211
Por uma nova ordem na mídia exterior	216
A crise e as entidades	219
Desastrosa constatação em ano de eleição	221

SUMÁRIO – 4ª PARTE

Uma carta para duas grandes mulheres	227
--	-----

Recordar é viver	231
O maior legado	240
Pensamentos para reflexões e práticas	242
Adágios populares que merecem reflexão	253
Seu tesouro	258
Mais uma lição	260
Perdido e achado	261
Com coragem	262
Amor adolescente	263
Homenagem ao sol	264
Deixa rolar o amor	265
Canção para Luana	266
Um caminho	267
Acordando	269
Deus – arquiteto da natureza	271
O despertar da natureza	273
Visão do tempo	275
História das conquistas	276
Poema da massa	277
Uma breve história	279
O menino de Ondina	280
A água do Prado	282
Acordo familiar de mesada	284
Não se intimide com pouco	287

DEDICATÓRIA

Com todas as diferenças de personalidade, mas com profundos valores, minha família sempre foi a sustentação de tudo o que sou. A eles, dedico este livro, homenageando as mulheres-escolas – minha mãe Alzira e minha irmã Sônia, e as mulheres-alunas, minhas filhas Luana e Yana.

Prefácio 1

Ter filhos, plantar árvores e escrever livros nunca foi uma missão de vida para mim, entretanto tive duas filhas, plantei inúmeras árvores e delas colhi frutos. Agora sai o meu primeiro livro. Sem dever fazer, fiz. As obras imortalizam os homens, na expressão maior e mais ampla que possam ter.

Da minha família, Alcir sempre foi a referência em leitura e redação. Altino escolheu a academia e o magistério como meio de vida. Sônia foi pedagoga sem exercícios maiores. Na infância, escrevi inocentes poesias, expressão das primeiras paixões. Depois, cartas para casa, no período de internato. Sou do tempo da tabuada, ditado, leitura em voz alta e caligrafia (até hoje um desastre). Li muito menos do que desejei e quis, em compensação falei muito mais do que devia e escrevi sobre tudo, sem regras e disciplinas, sem modelos e com poucas referências.

No movimento estudantil, escrevi manifestos e plataformas; na atividade acadêmica e profissional, escrevi planos e projetos. Acredito na força das letras, das palavras, das ações. Por algumas situações de mal-estar e por necessidade do trabalho, sempre gostei de deixar as coisas registradas, claras, escritas. Mesmo sem ser necessariamente cobrado, sempre me manifestei e registrei posições, principalmente em negócios e política, o que já me trouxe discriminações, reclamações, reconhecimento, agradecimentos e problemas. A omissão e a covardia sempre me incomodaram, e

escrever sempre foi uma forma de posicionar-me, mesmo com os riscos que isto traz.

Escrevo o que penso, acho e sinto. Quando me dizem que escrevo bem, faço questão de traduzir que “penso bem”, pois as teclas e letras são expressões de mim. Alguns amigos dizem que escrevo com o fígado, outros com a alma, outros que traduzo sentimentos, e outros que sou absolutamente óbvio e previsível. Nunca foi por necessidade de reconhecimento ou elogios que escrevo e escrevi, até porque acho que escrever é falar pra si em registros, porém sempre foram a emoção, a indignação, o protesto, a distância, a solidão, a saudade, a raiva ou o amor minha motivação literária. Na política partidária e de classe, sempre deixei registradas por escrito minhas posições. Com jornalistas “tradutores em edição”, sempre preferi responder às perguntas por escrito; com meus funcionários e clientes, sempre cobro o registro de negociações, propostas e contratos.

Mas, apesar de muitas críticas e alguns elogios, foi meu irmão Altino quem sempre me cobrou um livro (talvez por sua experiência profissional). Minha amiga Jeane Borges foi decisiva ao me apresentar e referenciar Marcos Navarro. Gostei até do nome do sujeito, e, quando o conheci, rolou empatia. Marcos me passou inquietude, desafio, ousadia e dinamismo, coisas que são fundamentais para “parir” um livro.

Após algumas conversas, almoços e cafés, chegamos ao acordo de produção conjunta. Tratava-se de um trabalho de garimpa-

gem, catalogação, levantamento e pesquisa, já que desde a década de 70 eu escrevia artigos, poesias, músicas, crônicas e comentários. A minha sentida bagunça foi, para Marcos, um exemplo de organização, o que facilitou tudo. Joguei tudo na mão dele, a quem coube a sistematização da massa bruta. Planejamos estar tudo pronto no meu aniversário, em fevereiro de 2011. Depois, deixamos livre o cronograma.

Como a quantidade é muita e a experiência é nova, este será o primeiro volume de tudo o que foi reunido. Deverá ter mais um, no máximo dois. Não tenho pretensão, expectativas, vontade ou meta de ser escritor, mas apenas continuar me dando o privilégio de colocar no papel o que penso. Estes meus livros não serão comercializados, terão edição limitadíssima, apenas para amigos e companheiros.

Gostaria de passar o resto de minha vida viajando e escrevendo, no curso da estrada, sobre as coisas que percebo e sinto, especialmente sobre a natureza, cidades belas e pessoas puras. Se pintarem condições, quem sabe as letras fluirão.

Antonio Carlos Aquino Oliveira

Prefácio 2

Conheci Aquino em fevereiro de 2010. A jornalista e amiga Jeane Borges me passou o telefone dele depois de me dizer que havia um amigo dela interessado em escrever um livro. Felizmente, era Aquino, o cara. Na ocasião, eu estava mergulhado na leitura do fantástico *O segredo de Joe Gould*, do repórter Joseph Mitchell, mestre do jornalismo literário que registrou o cotidiano de Nova Iorque entre as décadas de 30 e 60 do século passado. Devorei os capítulos rapidamente. E me apaixonei pela forma com que Mitchell conta a história de pessoas comuns. Percebi que a vida de cada ser humano é uma verdadeira odisseia, independentemente de elas estarem ou não sob os holofotes da fama.

Meu primeiro encontro com Aquino foi na Mural. Liguei o gravador e pedi que ele derramasse as suas experiências no microfone. Enquanto o aparelho capturava a voz do “menino inquieto”, eu ia colhendo impressões e expressões. Chequei o lugar, fiquei encantado com as miniaturas de ônibus estacionados nas prateleiras da empresa de mídia exterior. Lembrei-me dos brinquedos da minha infância: gude, fura-pé, guiador, carrinho de rolimã e bola, muita bola na praia. Aquino não demorou a abrir o jogo. Fiquei sabendo de muita coisa. O mais interessante de escrever sobre a vida de alguém é que, aos poucos, vamos rodando o nosso filme de palavras. Eis o milagre da escrita, esta memória artificial que serve para revelar e esconder sentimentos.

Seguimos adiante com uma infinidade de histórias que fazem interseções com muitos outros eventos. A oralidade de Aquino me apresentou a pessoas que nunca vi antes: a mãe dele, dona Alzira, a irmã Sônia, parentes, amigos, colegas de universidade. Fizemos a baldeação do gravador para o papel e depois colorimos os acontecimentos com os casos mais relevantes, muito embora os menos relevantes às vezes dessem um matiz engraçado às histórias. O leitor vai encontrar, aqui, ruas, becos e vielas do percurso de um homem extremamente dedicado ao trabalho, mas que também sabe divertir-se como ninguém. Um homem que, acima de tudo, ama a vida.

Aprende-se muito escrevendo sobre uma pessoa. Por meio do verbo de Aquino, mergulhei novamente no ciclo do cacau, memória remota que estava guardada num canto da cabeça, nas linhas de Jorge Amado e de Adonias Filho. Os bate-papos me conduziram ainda pelas veredas da Fazenda Boa Esperança, em Itajuípe. Entrei na seara da política estudantil, da ditadura militar, das festas e babas em uma Salvador que ficou para trás. Mas que fique claro o aviso. Não esperem deste breve perfil nada de melancólico. Trata-se de um registro de quem olha sempre para a frente e acredita na transformação social. Afinal, Aquino não se cansa de dizer que o rio segue adiante, mesmo com todos os obstáculos que encontra pela frente.

Marcos Navarro

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos que me criticaram, alguns duramente. Jamais entendi as críticas como desafio ou desaforo, mas como um direito inalienável de cada um em gostar ou não das minhas posições e opiniões. Serei eternamente grato a meus incentivadores e referências, como Alcir Santos, Carlos Ribeiro, Jeane Borges, Altino Bomfim, Lourival Baptista, Rubens Damato, Alex Alexandre, Marcos Navarro, dentre outros.



1^a

PARTE

**Perfil
Biográfico**

Infância em Ilhéus

O ano é 1956. O cenário político brasileiro está mais do que movimentado. Juscelino Kubitschek toma posse e cria a empresa construtora de Brasília, a Novacap.

Num prazo de três anos, o presidente Bossa Nova, que havia sido eleito no ano anterior com 3 milhões de votos, conclui a obra gigantesca. O número de aparelhos de televisão em São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte alcança a marca de 260 mil, atendendo a um público superior a um milhão de espectadores. Entretanto, o rádio, com preços bem mais em conta, ainda supera a TV em audiência, onde brilhavam Ivon Cury, Cauby Peixoto, Blecaute, Ângela Maria, Dolores Duran e Emilinha Borba.

A literatura brasileira dá um salto astronômico com o lançamento de Grande Sertão: Veredas, obra de Guimarães Rosa que impressiona os intelectuais pela ousadia na renovação do romance e enriquecimento da língua. Neste mesmo ano, a música popular brasileira é brindada com uma das parcerias mais prolíficas da sua história. Vinicius de Moraes é apresentado a Tom Jobim, e os dois começam uma produção alucinante de belas composições. A Mangueira explode em verde e rosa e ganha o Carnaval com o samba de Mirabeau: “Fala, Mangueira, fala

/ Mostra a força da sua tradição”. Jamelão também vence com Exaltação à Mangueira, de Enéas Silva: “Mangueira teu cenário é uma beleza / Que a natureza criou, ô, ô, ô”.

Saindo do eixo Rio-São Paulo, sigamos as coordenadas geográficas na latitude – 14° 47’ 20” e longitude 39° 02’ 58” e vamos bater em cima do município de Ilhéus, onde uma brisa de euforia dava os primeiros indícios de que o Carnaval de 1956 se aproximava. Pelas ruas já se percebia o alvoroço de alguns grupos fantasiados. Homens e mulheres trocavam comentários sobre as escolas de samba em que iam desfilas e ouviam marchinhas sopradas pelos rádios de válvula. Maracangalha, de Dorival Caymmi, era a música do momento. A manhã do dia 10 de fevereiro de 1956, uma sexta-feira, se abriu ensolarada. Pela noite, enquanto a cidade se preparava para o folguedo, uma equipe médica calçava as luvas para trazer mais um ilheense ao mundo. Na Maternidade Santa Izabel, na Avenida Osvaldo Cruz, bairro de Cidade Nova, a produtora de cacau Alzira Aquino dos Santos deu à luz o menino Antonio Carlos Aquino Oliveira, pelas mãos de Dr. Humberto Jesuíno, médico que foi amigo da família por muitos anos.

O caçula nasceu saudável e destinado a gozar a infância num dos cenários mais belos do sul da Bahia. Ilhéus tem o privilégio de ser banhada pelo mar e cortada por rios. Abriga grande parte da mata atlântica baiana e um fabuloso manancial hídrico. Por isso tornou-se um santuário ecológico e um dos destinos turísticos mais visitados do estado. O recém-nascido Aquino se junta a uma

família de mais três irmãos: Alcir, Altino e Sônia. Com o pai, Altino Bonfim Oliveira, teve um convívio quase nulo. Seu Altino se afastou da família quando Aquino tinha apenas seis meses de idade.

Mas dona Alzira nunca foi mulher de esmorecer. Semianalfabeta, era extremamente arguta e criou os filhos sozinha, com muita garra. Apoio teve da irmã, irmãos e amigos de verdade, que naquela época existiam. Cuidava dos negócios de cacau com extrema habilidade. Tocava a fazenda, pagava aos trabalhadores e tinha extremo zelo pela família. Dona Alzira é um exemplo clássico de que cultura não tem absolutamente nada a ver com inteligência. Ela não tinha erudição, mas sabia que educação é o patrimônio mais valioso que os pais devem deixar para os filhos. E tratou de educá-los da melhor maneira que podia. Todos se formaram. Aquino em administração de empresas; Alcir em direito, Altino em agronomia e sociologia, e Sônia em pedagogia. Todos se tornaram independentes, dignos trabalhadores, e estiveram ao lado da mãe até o seu falecimento, em Salvador, aos 84 anos.

O portal da infância se abre para Aquino com dois cenários naturais fantásticos na vida de qualquer garoto. O mar e o campo. De um lado, a beira da praia, com banhos de mar, brisa perene, saborosas peixadas, muito baba na companhia de irmãos e amigos. A casa em que ele cresceu, na Praça Castro Alves, fica próximo ao Porto do Malhado, na Avenida Soares Lopes, na “beira da praia”, como se dizia. De outro, a Fazenda Boa Esperança, em Itajuípe, terra fértil, com o cheiro peculiar de húmus,

o aroma doce das amêndoas que recende das barcaças, passeios a cavalo e as atividades infundáveis de uma fazenda típica. Aquino cresceu com olhar focado na natureza. E aprendeu muitas lições de vida entre o oceano e a vida rural. A natureza está sempre presente em seus exemplos de vida.

O caçula de dona Alzira nasceu um ano antes de uma das piores crises da região cacauzeira. Em 1957, a produção de cacau tornou-se antieconômica. Os preços do produto despencaram no mercado internacional. A tecnologia para sustentar o desenvolvimento da cultura era precária. Nas fazendas, predominava a lavoura extensiva, suscetível a doenças e pragas. Muitos agricultores, endividados, abandonaram o cultivo. Felizmente, não foi o caso de dona Alzira, que continuou tocando a produção com dificuldades e superação. Vale salientar que a matriarca era, antes de tudo, uma administradora inata, exemplar.

No auge da crise do cacau, o governo federal criou, em 20 de fevereiro de 1957, a Comissão Executiva do Plano de Recuperação Econômico Rural da Lavoura Cacauzeira – Ceplac, com o objetivo de recuperar e racionalizar a lavoura. E conseguiu. Com a injeção de dinheiro do governo, os produtores tiveram acesso a crédito mais barato para produzir os frutos de ouro e implantar tecnologia em suas fazendas. Ou seja, produzia-se mais, com menos custos. A pujança econômica do cacau voltava a fazer parte do sul da Bahia. A Ceplac prestou assistência financeira aos produtores durante 15 anos, sucumbindo depois como o Instituto do Cacau, Banco da

Bahia, Barreto de Araújo, Correia Ribeiro e tantos outros ícones.

Pouco mais de três décadas se passaram após a criação da Ceplac, até que, em 1989, os produtores são tomados de assalto pela vassoura-de-bruxa. Para se ter ideia do impacto econômico e social trazido pelo fungo, basta analisar os seguintes dados: em 1987, a produção brasileira de cacau era de 400 mil toneladas/ano. Em 1989, com a chegada do fungo devastador, a produção nacional passa a ser de 100 mil toneladas/ano. Na região sul da Bahia, o faturamento anual com o cacau chegou a aproximadamente US\$ 1,5 bilhão/ano. Com as doenças e a baixa do preço internacional do produto, o faturamento caiu para menos de US\$ 70 milhões. A crise deixou mais de 300 mil pessoas desempregadas, aumentando a favelização das cidades da região sul. Mais de 2,5 milhões de pessoas ficaram prejudicadas com o enfraquecimento da cultura do cacau na Bahia.

A família de Aquino foi uma das poucas que subverteram o axioma do cacau: pai rico, filho nobre e neto pobre. De fato, a primeira geração construiu fortuna e angariou poder econômico e político. Era o tempo dos coronéis. A segunda geração não teve ideia do trabalho que era plantar os frutos de ouro. Apenas gastou o dinheiro sem se preocupar com o futuro. Época de farras homéricas em prostíbulos e cassinos, estudos na Europa, esbanjamento da fortuna. Conta-se que muitos filhos de produtores de cacau acendiam charutos com notas de mil réis. A terceira geração viu o patrimônio dilapidado. Ficou somente com as histórias do apogeu.

Antes de dona Alzira vender a fazenda, negociar com cacau sempre foi tradição na família de Aquino. O avô materno, Thomaz Aquino dos Santos, foi um homem poderoso na região, um dos fundadores da cidade de Itajuípe. Ele chegou a receber uma comenda do presidente da República Hermes da Fonseca, conforme registro do documento a seguir:

“O Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil

Faço saber, aos que esta Carta Patente virem, que por decreto de 28 de dezembro de 1911 foi nomeado Thomaz Aquino dos Santos para o posto de tenente da 1ª Companhia do 117º Batalhão da Reserva da Guarda Nacional da Comarca de Camamu, no Estado da Bahia, e como tal gosará de todas as honras e direitos inerentes ao posto, pelo que mando á autoridade competente que lhe dê posse depois de prestada a solene promessa de bem servir aos officiaes superiores que reconheçam e a todos os seus subalternos que lhe obedçam e guardem suas ordens. Para servir de título, lhe mandei passar a presente carta por mim assignada, e que se cumprirá depois de sellada com sello das Firmas da República.

Palácio da Presidência do Rio de Janeiro, em trinta e um de julho de mil novecentos e doze, nonagésimo primeiro de Independência e vigésimo quarto de República”

Hermes R. de Fonseca”

A despeito das honrarias conferidas ao pai pelo mandatário-mor da República, dona Alzira não se iludiu. Investiu na educação dos filhos para que eles não dependessem exclusivamente dos cacauzeiros, sabedora do lado duro e hostil da vida rural. Ainda bem. Aquino, Alcir, Altino e Sônia seguiram suas veredas profissionais e ganharam a vida sem os sobressaltos que vieram em 1989, quando a lavoura cacauzeira foi impiedosamente varrida pela vassoura-de-bruxa. Antes de o fungo devastar os cacauzeiros, dona Alzira já havia vendido a propriedade por ocasião da morte de dona Eulália, sua mãe e avó de Aquino. Dessa forma, não amargou os graves prejuízos que outros cacauicultores tiveram.

Emocionado, Aquino assiste à missa celebrada pelos 80 anos de dona Alzira. Ao lado, a tia Euponia





A família Aquino, da esquerda para a direita: Altino, Aquino, dona Alzira, Sônia e Alcir (Ilhéus, 1960)

A escola do Rio Almada

Às vezes pode parecer piegas, mas nada é mais exato para definir a vida do que a sua analogia com um rio.

Um manancial hídrico nasce, desce livre pelo leito e serpenteia caudaloso. Ora a vazão é farta, e sua ira se agiganta em enchentes. Inunda casas, destrói vidas. Mas também verdeja terras antes crestadas pela fome. Ora a água se torna escassa, e tudo ao redor entristece. Um rio é capítulo rico na história de Aquino. Brincar na água abre janelas na visão da infância e deixa o rio em pleno movimento. Lavadeiras, saveiros, pescadores, saltos de peixes, algazaras sem fim. Como disse o saudoso mestre Guimarães Rosa, perto de muita água, tudo é mais feliz.

Entretanto, no afluente da infância, qualquer universo aquoso tem lá seus mistérios. Ao lado da simples nadadinha no útero materno até a prova de macheza de cruzar um rio largo, emergem medos e inseguranças. Em meio às brincadeiras, há um monstro à espreita. Quase sempre há um menino maior empurrando o menor para as águas escuras do rio. Não se trata de crueldade, mas de um ritual de iniciação. Assim como o indiozinho que, próximo de atingir a puberdade, tem de colocar a mão na colméia repleta de abelhas, o menino menor que brinca no rio tem

de entender que a vida não está pra brincadeira. Ele é lançado nas águas pelos garotos maiores à custa de muito choro, medo e golfadas. No início, o caldo é doloroso. Mas depois de uns três “batismos”, ele se debate e consegue manter a cabeça à flota d’água. Pronto. Agora é aceito no grupo e está apto a batizar outros meninos. Não nos cabe julgar se o ritual é bom ou ruim. O fato é que, no universo masculino, a coisa sempre funcionou assim. No rio, no mar, na piscina, na vida.

Aos 6 anos de idade, Aquino passou pelo ritual de “batismo” no Rio Almada e a experiência nunca mais lhe saiu da cabeça. “Meus irmãos me empurraram no rio e disseram: Se você não sair daí, você vai morrer! Aprendi a nadar no desespero, batendo os braços para me salvar”, lembra Aquino, descrevendo com carinho a paisagem do rio que banha a fazenda em que passou parte da infância, na zona rural do município de Itajuípe. Ali ele pescava pitu de mergulho e peixe com tarrafa e manzuá. O Almada é um dos rios mais importantes da região sul do estado da Bahia e banha as cidades de Almadina, Coaraci, Uruçuca e Itajuípe, desaguando em Ilhéus. O rio teve papel fundamental na economia baiana durante o ciclo do cacau, sendo importante via de transporte, abastecimento e fonte de alimento. Parte da produção das fazendas do sul era escoada pelo Almada até o Porto de Ilhéus, de onde seguia em navios para a Europa.

Aquino testemunhou a opulência dos tempos em que os frutos de ouro, tão bem ambientados na obra do escritor Jorge Amado,

construíram fortunas. De olho atento aos encantos da natureza, abraçou a sua liberdade de menino, mergulhando fundo no Almada, agora seu mais novo companheiro de estripulias. Perdeu de vez o medo de saltar da canoa e tomou gosto por cavalgar em pelo, segurando apenas na crina dos cavalos. Ganhou coragem para seguir na jornada. Definitivamente, Aquino lavou a alma no Almada e nas praias do Atlântico da sua querida São Jorge dos Ilhéus. Em sua memória, o rio está mais vivo do que nunca: “Aprendi e aprendo muito com a natureza. Eu compreendo o rio. O rio chega até o mar vencendo dificuldades, contornando, solapando a terra, estourando barragens. Mas no dia em que o rio chega ao mar, ele morre... fica salgado, perde identidade. E um dia eu também vou morrer, vou encontrar o sal da terra. No caminho há pedras, paus e barreiras para transpor. Sei que posso bater de frente com a pedra. Se eu puder, eu removo o obstáculo. Se eu não puder, eu dou a volta e sigo adiante”.

Tem sido assim desde aquele batismo em que o menino Aquino esteve em apuros e precisou caprichar nas braçadas para voltar à canoa. Foi uma espécie de primeira lição. A partir dali, descobriu que a maior parte da vida não dependia de ninguém. Tinha de ser com ele mesmo.

O menino TRAQUINO

Os psicólogos de plantão classificam como hiperatividade o comportamento de crianças que ficam facilmente agitadas e inquietas.

Antigamente não era assim. A classificação era muito mais simples. Havia os meninos bonzinhos, aqueles que obedeciam e cumpriam rigidamente as regras impostas, e os meninos “virados no cão”. Decerto seria redundância explicar a que categoria o garoto Aquino pertenceu. Ele já aprontava bastante em parte da infância vivida entre Itajuípe, Itabuna, Uruçuca e Ilhéus. Mas foi em Salvador que o diabo esquentou o tridente e soprou-lhe no ouvido uma lista de novas peripécias.

Agora, o cenário das traquinagens era o bucólico bairro de Nazaré. Dona Alzira se mudou para Salvador em meados da década de 60. No princípio, foi morar em Santo Agostinho, bairro adjacente a Brotas. Depois fixou residência na Rua Dom Bosco, uma transversal da Rua Djalma Dutra. Certamente, ela não imaginava que o filho caçula lhe causaria tantos sobressaltos no novo endereço. Aquino se metia em confusões, ralava-se nas patinetes e carros de rolimã, fugia da escola, arrumava brigas nos babas no campo de futebol improvisado na Rua Desembargador Santos Souza. Dona Alzira perdeu a conta das vezes em que ele

chegou esgarçado em casa. As queixas das professoras sobre o seu comportamento eram constantes. Um inferno! Ele não parava quieto. E o pior. Um menino “virado no mói de coentro” geralmente não se junta com os “anjinhos”. Ele busca identidade numa turma de garotos com características afins, como Rui, Nelsoninho, João Capitão. Todo mundo sabe. Um menino “virado no estopô” não obedece para agradar. Ele faz barandões para abater pipas e arraias, quebra vidraças, salta muros para roubar frutas, envolve-se em brigas. Nesse ponto, a criatividade de Aquino deu margem a inúmeras esculhambações nos recantos de Nazaré, Barbalho, Fonte Nova, Sete Portas.

Mas, como tudo tem limite, dona Alzira não aguentou muito tempo tanta perturbação no juízo. Quando a família morava em Itabuna, ela resolveu colocar Aquino num colégio interno no município de Viçosa, em Minas Gerais, famoso pela qualidade do ensino e pela disciplina. Dona Alzira tinha alguns amigos na região, um apoio com o qual ela poderia contar no caso de alguma necessidade. No internato, Aquino fez muitos amigos, era querido, quase mascote. Mas a verdade é que, quando um menino é retado, nem mesmo o mais rígido dos monastérios consegue segurá-lo. Mesmo com a ferrenha disciplina imposta pelo internato, Aquino não deixou de aprontar. Não foram poucas as vezes em que ele e mais alguns companheiros de armação rastejaram pelo forro do teto para ver as meninas nuas, tomando banho. Nos dias em que o calor era mais intenso, o caçula de dona Alzira

usava como piscina a caixa d'água que abastecia todo o colégio. Se urinava ou não no imenso tanque, isso ele não contou.

O internato permitia três saídas semanais. Quinta à noite, os internos estavam livres das 19 às 22 horas para ir ao cinema. No sábado, o recreio era no turno da tarde, e no domingo, o dia inteiro. Para sair quinta à noite, o aluno tinha que ter boas notas e boa disciplina. Para sair aos sábados e domingos, bastava ter bom comportamento. Aquino chegava a passar quatro a cinco meses sem sair da escola. Não por causa das notas, mas principalmente por conta da disciplina. As traquinagens foram tantas que a instituição educacional enviou um comunicado a dona Alzira. A mensagem da carta era clara: Aquino teria de deixar o colégio interno. Era uma expulsão. Ele arrumou as coisas e foi para a casa de amigos do internato em Jequitinhonha, no norte de Minas Gerais. Márcio, Zezinho e Luizinho eram filhos do próspero pecuarista Talvani Pinto Coelho. Lá ele esperaria dona Alzira.

O amigo Adailton foi convocado para dirigir o Fusca 69 zero quilômetro, café-com-leite, que dona Alzira acabara de comprar. E lá se vão Adailton e dona Alzira pela estrada, buscar o caçula endiabrado em Jequitinhonha. Durante a noite do reencontro, as alterações de dona Alzira deixaram Aquino meio calado. Será que o esporro materno, aparentemente, havia aquietado o menino traquino? Nada disso. Na mente de Aquino, o volks zerinho não parava de brilhar. Dona Alzira não sabia, mas seu caçula havia aprendido a dirigir nos dias em que passava as férias na fazenda dos amigos.

E bastou ela dar um vacilo, enquanto conversava com os amigos que haviam hospedado seu filho, para Aquino pegar as chaves do Fusca e sumir no mundo. Nessas horas, o coração bate mais forte. Aquino abriu a porta do fusquinha, sentiu a lufada de carro novo nas narinas. Em seguida deu a partida. O passeio já estava combinado. Aquino levou o amigo Márcio no banco do carona, enquanto Zezinho, o amigo mais velho, ia na frente, abrindo um denso poeirão com o Ford Rural. Todos eles sem habilitação, sem lenço, sem documento. Mas, na maior parte das vezes, o que começa errado não termina bem. A nuvem de poeira diminuía a visibilidade, enquanto o Fusca pilotado por Aquino se aproximava cada vez mais do mata-burro, uma pontezinha com traves espaçadas, destinada a impedir o trânsito de animais.

Quando a poeira baixou, Aquino deu de cara com o mata-burro. Com a freada brusca na estrada de chão batido, o carro rabeou, bateu na ponte e desceu o barranco. A porta do carona se abriu e os dois – Aquino e Márcio – foram projetados para fora. Aquino viu o Fusca novinho de dona Alzira capotar duas vezes. Felizmente, só sofreu alguns arranhões. Márcio não teve a mesma sorte e partiu o nariz. No hospital, dona Alzira, perplexa, esbravejou: “Meu Deus, eu não aguento mais. Eu venho pegar você aqui por questão de disciplina e você ainda me dá um prejuízo desses! Você é um caso perdido”. O Fusca novo de dona Alzira é que não serviu mais pra nada. Foi guinchado e teve de voltar para Itabuna num caminhão.

Fuscão tala larga

O velho e bom Fusca foi também coadjuvante de Aquino em outra peripécia pelas ruas de Salvador.

No início da década de 70, Altino deu um Fuscão 1500 a Aquino. Robusto, valente, econômico, tinha dois carburadores e a fama de vencer qualquer terreno. Aquino se entusiasmou com o novo carro. Rebaixou o veículo com pneus tala larga, o que deu maior estabilidade nas curvas. O Fuscão tornou-se seu grande companheiro de farras, viagens e aventuras. Um belo dia, Altino estava dormindo de madrugada, quando é acordado aos gritos: Altino! Altino! Quando abriu a porta, era Aquino, pedindo socorro. O Fuscão havia capotado e tombado com as quatro rodas para cima. Na agonia para sair do carro, Aquino se esgueirou pela janela e acabou arrastando as costas no asfalto. “Nessa época eu morava na Boca do Rio. Ele chegou com as costas feridas, todo lenhado, pedindo socorro”, lembra Altino.

Nessa mesma época, o espírito irrequieto de Aquino o envolve em várias situações de confronto. Vale destacar que estamos falando de uma Salvador mais pacata, tempo de turmas de bairro, de brigas de rua, primeiras namoradas, festas em casas e clubes. Tempo em que o conceito de comunidade está muito

distante das redes sociais tecnológicas. Diferentemente de hoje, quando se marcam brigas pela internet, o desafio para qualquer adolescente daquele tempo era entrar no bairro do outro, namorar com as meninas de outra localidade, ganhar o baba no campo de futebol dos rivais. Tudo isso pressupunha um outro código de afirmação da masculinidade.

Era preciso ter coragem e se expor. Portanto, Aquino se juntou a camaradas impetuosos como ele. Não raro, a porrada comia solta e acabava com muitas festas. Era um tempo de provocação pela provocação. Aquino andava com uma turma boa de briga, que incluía capoeiristas. Convivia com muita gente. Mas os conflitos não descambaram para a fanfarronice nem para a irresponsabilidade. Eles foram, antes de tudo, uma escola de relacionamentos. E nessa arte de entender e respeitar o outro, Aquino construiu uma sólida rede de amizades.

O irmão Altino define muito bem este traço da vida intensa de Aquino: “Ele tem um forte componente lúdico. Ao mesmo tempo em que é um supercurtidor, ele consegue ser um superempresário. Convive bem com os dois lados. Aquino consegue juntar a emoção com a racionalidade mais extrema. É uma coisa incrível”.

Organização e método para fazer amigos

Pergunte a Aquino se ele ainda tem o crachá do primeiro emprego, e ele vai lhe mostrar o documento plastificado, em bom estado, parecendo que foi entregue pelo setor pessoal há pelo menos um ano.

Aquino não é administrador de empresas por acaso. O adágio popular “casa de ferreiro, espeto de pau” passa longe do seu cotidiano de trabalho. Durante a jornada profissional, ele acumulou centenas de documentos que vão desde o brasão da família, de origem italiana, até recibos e balancetes manuscritos das operações na Fazenda Boa Esperança, datados de 1956, ano em que ele nasceu. O acervo não para por aí. Há ainda guias de recolhimento do Incri, crachás de congressos pelo Brasil, ingressos de peças teatrais, CPFs, passaportes, habilitações, títulos de eleitor, bilhetes de carinho das filhas, cartas de consideração aos amigos, cartões de crédito e de bancos, carteiras de clube, de estudante universitário, de planos de saúde, etc.



Ao lado do administrador, há um exímio arquivista. A farta papelada, que inclui também muitas fotos, conta parte da trajetória de um homem que se preocupou em catalogar documentos e gestos de amizade. Pelas veredas da vida, Aquino deixou pegadas profundas para que os amigos o encontrassem nos momentos fáceis e difíceis. Ele está sempre pronto para participar das melhores celebrações. Por outro lado, sabe como ninguém ouvir a dor dos amigos. Muita gente já recebeu e-mails passados por ele de qualquer canto do mundo. Basta ele se sentir feliz ou ver alguma coisa que o emocione, não demora muito a teclar um correio eletrônico e repassá-lo. Ele tem necessidade de dividir os bons momentos. “Eu jamais estarei bem sozinho. É preciso estar bem para ajudar os amigos. A dor machuca muito, você apanha muito pra aprender”, revela.

A jornalista Jeane Borges, editora do jornal A Tarde, foi colega de Aquino num curso de pós-graduação em marketing. Ela conta que, desde o início, teve uma empatia imensa com ele. O que mais a impressionou em Aquino foi o dinamismo. “Ele tem um jeito extremamente dinâmico, quase que beira a hiperatividade. É um homem de muitas ideias, muitas propostas. E animado, muito animado. Aquino é uma espécie de minadouro de ideias. Ele está o tempo todo imaginando algo que possa fazer a vida melhor, ele tem uma linha muito humanitária. A forma como ele enxerga as coisas. Ele sempre está pensando em algo que pode melhorar a vida de cada um de nós. Um cara bem-humorado, uma pessoa que tem um círculo de amigos muito grande e um

cara apaixonado pela vida”.

De fato, Aquino nunca se perdeu do menino alegre que mora em seu coração. E isso o tornou um homem livre. Em sua sala, na Mural, as marcas do garoto estão por todos os lados, principalmente nas prateleiras. São cerca de 80 miniaturas de ônibus e 30 de Ferraris de vários modelos, réplicas que não deixam indiferentes crianças ou adultos que entrem no local. É o “estacionamento” de um garoto que passa pela vida colecionando amigos e acreditando que o ser humano tem jeito. Se pudesse, Aquino faria uma campanha para tornar as pessoas melhores. Em vez de veicular anúncios em busdoors, ele colocaria suas ideias nos coletivos da cidade para dar uma chacoalhada na humanidade. Mas não se espante se isso algum dia acontecer.

A rodoviária particular de Aquino:
80 miniaturas de ônibus de vários modelos





Miniatura de coletivo com a logomarca da Mural



As tribos e os grupos

Depois de alguns dissabores e decepções, Aquino descobriu que cada pessoa tem suas características, personalidade, caráter e, como tal, deve ser aceita e respeitada.

Com Sônia e Altino,
irmãos e grandes amigos



Sendo uma pessoa aglutinadora de diferentes, descobriu que pessoas se organizam em grupos, tribos, e que poderiam ter seus vários grupos e inserir-se em diversas tribos, desde que respeitadas suas culturas e códigos. “Acredito que as grandes escolas da vida são as relações, as estradas e a natureza”. Nestes grupos

de amigos, colegas, parceiros, Aquino frequenta e transita com carinho e respeito com a turma da pós: Jeane Borges, Patrícia França, Valéria Aguiar e João Alfredo. Os sócios: Elmano Silveira, Paulo Castro e José Alves. A turma de Itacimirim: Jorge Castro, Luiza Dias, Roberta e Luciano, Arno, Bira, Domingos, Tereza, Paulinho da Papiri, Jimmy. O pessoal da mídia: José Linhares, Henrique e Paulinho, Ivan e Ivson, Edgar Régis, Wilson Ribeiro e Fábio, Pedro Dourado, Humberto Cardoso, Anselmo, Raimundo Apolonis, Ademar Lemos, Luiz Catharino, Marianina, Lourival Baptista, Dalcy, Palmiro, Amaral, Vieira. A turma de transportes: Rondon do Valle, Edilio Martins, Remo Lucien, José Carlos, Nivaldo, Lauro Antônio, Marcelo Santana, Carlos Alberto Nuno, George Correia, Horácio Brasil, Adriane Virgílio, Celma, Selma Moraes, Tadeu Miranda, Jacinto e Ricardo Represas, Vicente e Olegário Martinez, Carlinhos e Fidel Knitell, Tânia e Isabel Nunez, Zildo Possi, Sérgio Aníbal. A turma da W4 e Softwell: Robson Wagner, Wedson, Edmilson, Wellington Freire, Jorge. A turma de São Paulo: Edilson Silva, Rubens Damato, Marcos Berti, Angela Mansur, Rafael, Paulinho, Régis Dubin. A tribo das sextas: Jujo, Jota, Carlão e Teta. O pessoal do setor imobiliário: Paulo Blanco, Helder, Renato, Grace, Nilson Araújo, Marcos Ramiro, Dante, Charlinho. O pessoal da política: Julio Rocha, Edival Passos, Domingos Leonelli, Ary da Mata, Lidice da Mata, Beth Wagner, Samuel, Geraldo, Edson Duarte, Elisio Santana, Emiliano José, Dalton Godinho, Ricardo Mello,

José das Virgens, Sérgio Carneiro, Zezéu Ribeiro, Euvaldo Maia Filho, Dumas, Heloisa Sampaio.

Aquino tem uma facilidade especial em transitar nos grupos sem distinguir pessoas por cargos, cor da pele, crença religiosa, opção sexual, condições econômicas, orgulhando-se de ter, com seus amigos e conhecidos, afeições e carinhos explícitos, como com Márcio, Artur e Wanderlei, porteiros dos prédios; Zé, motorista do táxi que serve à Mural; a turma dos restaurantes Tia Maria, D. Glória; os irmãos Moreira do Porto do Moreira, Juarez, Osório Valente, do Bacalhau de Martelo, Tereza do Mocotó, Fred, da Casa do Fred, Sérgio Bezerra, do Habeas Copos, França e Zé Raimundo, do Boteco do França, Delano e Zé Raimundo, do Salvador Dali, Regina do Acarajé, Domingos, do Diogo, e outros restaurantes que frequenta: “Para mim, restaurante bom é onde se come bem e se é bem tratado”. Não se pode esquecer da turma do Projeto Cidades de Porte Médio, em Juazeiro, com os preservados amigos Roberto Cortizo, Alberto Mangabeira, Kátia Lucena, Alberico Correia, Francisco Aldeci, Celinha, Sandra e Duda. Em Juazeiro ficaram também grandes amigos como João Gonçalves, Guanair, Honória, Toninho e o lendário Tio Rocha, uma referência para Aquino. Muitas destas pessoas tiveram as relações iniciadas em ambientes políticos ou profissionais, mas viraram amigos pessoais.

As tribos e os grupos



1. Com os tios Antônio e Zé; 2. Com o compadre José Lopes; 3. Com as filhas Yana e Luana e os primos Iracema e Agripino, em Uruçuca; 4. Com integrante da Irmandade da Boa Morte; 5. Entre os amigos Toninho e Eivaldo, em Juazeiro; 6. Com Sérgio Bezerra, do Habeas Copos; 7. Com os sócios Paulo, Elmano e José

Duas meninas e um pai de vanguarda

A mensagem sempre foi muito clara. Se vocês quiserem quebrar a cara na vida, tudo bem. Ela está aí para ser vivida, e a experiência é de vocês.



Entre Luana e Yana, dois grandes xodós

Mas é dever de todo pai apontar caminhos, ensinar, disseminar mensagens de amor e respeito. Cultivar valores como honestidade. É dever de todo pai ensinar os filhos a ter caráter. Neste quesito, Aquino fez questão de exagerar com as filhas Luana, 26 anos, e Yana, 24. O talento de administrador brota com mais for-

ça quando o assunto é “educar as meninas”, no sentido mais amplo da palavra. Aquino nunca economizou as oportunidades de sistematizar o seu marketing de valores. Não importa se ele não vê as filhas todos os dias. O certo é que as boas mensagens sempre estiveram presentes nos telefonemas, torpedos, e-mails e, principalmente, nas conversas cara a cara. Nos papos com as filhas, costuma dizer: “Dou-lhes de graça o que paguei caro para aprender”. E depois arremata: “Primeiro, pai; depois, amigo. É duro ser duro com quem mais amamos, mas é fundamental. Chego a exagerar, ser militar, mas sei que é o melhor para o futuro delas e de todos nós. Não é fácil fazer o necessário e importante”.

Para Aquino, tudo deve ter um significado, por mais simples que o acontecimento ou situação possam parecer. Luana e Yana lembram que as viagens com a família não eram simplesmente um passeio qualquer. Na visão aguçada do pai, museus, praças ou praias se transformavam em uma verdadeira aula de história, sociologia e geografia. Aquino sempre deu às viagens um sentido cultural. Jamais foi um turista que passa batido pela história da cidade. O interior da Bahia já foi tema de muitas das suas incursões. Luana e Yana se orgulham de conhecer com profundidade as brenhas do estado e do Nordeste. Quando pequenas, nos feriados, as meninas costumavam viajar com ele. O passeio era riquíssimo. Não bastava apenas conhecer a história da cidade. Aquino pegava o carro e ia atrás das pérolas do município. Colhia informações preciosas, buscava os lugarejos onde se comia a

melhor carne-do-sol, o melhor ensopado de carneiro, o melhor prato típico, onde se encontrava a melhor cachaça.

“Sair com meu pai é garantia de comer e beber bem. Se eu for a algum restaurante, eu não peço o que comer e beber. Ele é quem escolhe. Ele conhece as melhores comidas da cidade”, explica Luana. Formada em arquitetura, ela confessa que o olhar atento e professoral de Aquino sobre os acervos arquitetônicos das cidades muito contribuiu para o seu gosto pela profissão. Tanto assim que Luana resolveu aprofundar os estudos em urbanismo durante intercâmbio na Universidade de Granada, na Espanha. Era 2006, e Aquino resolveu dar um pulinho lá para visitar a filha e ver como tudo estava. Os espíritos aventureiros de pai e filha se encontraram e a viagem foi uma delícia. Aquino e Luana se revezaram no volante entrando nas brenhas da Espanha. Percorreram Madri, Toledo, Ávila, Málaga, Salamanca, Sevilha, Córdoba, Ronda e várias outras cidades. Ele sempre primando pelos roteiros culturais e gastronômicos, pelas estradas vicinais. “Meu pai foi meu companheiro de aventura. Todos os cantinhos das cidades ele queria conhecer. Sempre atrás do melhor restaurante, das paisagens mais bonitas, do melhor vinho”, lembra Luana.

A paixão por conhecer os cantos mais recônditos das cidades deu margem a uma história engraçada. Yana tinha 9 anos, Luana, 12, mas se lembram muito bem do dia em que Aquino, depois de um farto almoço de domingo, saltou da mesa e anunciou: “Hoje vocês vão conhecer Salvador!” De início, as me-



ninas se arrumaram pensando que iriam passear no shopping. No entanto, Aquino tinha em mente um programa cultural e de lazer muito distante do que elas imaginavam. Nem pense em cinema, lanche, parque ou praia. Ele entrou no carro e levou as meninas para conhecer nada mais, nada menos, do que a Estrada da Rainha, bairro soteropolitano que faz divisa com a Baixa de Quintas. Para duas crianças, não havia atrativo algum em ver dezenas de lojas de autopeças fechadas, favelas, vielas, em pleno domingo ensolarado. Elas só pensavam em voltar para casa e ver televisão. Mas Aquino não se furtou a dar a sua indefectível aula de história, sociologia, humanidade. Luana e Yana confessam ter



ficado muito chateadas na época, mas hoje entendem que o pai sempre buscou o porquê das coisas, pela visão social e humana, além do aspecto econômico. Era a sina de serem filhas de um homem irrequieto, que está sempre em busca. Luana e Yana têm plena convicção da entrega de Aquino quando a questão é proteger e ensinar. Com sua verve de advogada, Yana arremata com orgulho: “Meu pai tem o dom de aprender rápido – sabe guiar lancha, faz rapel, ele é ‘total flex’ mesmo. Joga futebol, vôlei, tênis. Ele surpreende. Dirige até caminhão. Difícil imaginar alguma coisa que meu pai não saiba fazer. Se ele precisar aprender alguma coisa, ele aprende. É um aventureiro”.

Ligação com a terra e com os bichos

Não dá pra esconder. Aquino tem um quê de roça. Como amante confesso da natureza, adora terra, fazenda, bichos. Em cada animal ele bota um nome.



Dando comida ao bode, em Irecê

As meninas ainda têm muito viva, na memória, a época em que o pai acordava e enchia as manhãs do fim de semana com música sertaneja na fazenda da família. E se deliciavam com ovos de quintal, carne-do-sol, cuscuz, aipim manteiga. O som alto da

casa abria espaço para a voz do interior. As meninas adoravam o café da manhã regado a música sertaneja. Aquino cultivava até hoje o seu carinho pelos animais. Mantém um sítio em Itacimirim, onde cria cachorro, galinha, pato, faisão e outras espécies que lhe derem na veneta. No afã de cuidar bem da bicharada, às vezes exagera. Certa vez resolveu dar um banho completo em Rufos, rotweiller de estimação da família. Tudo ia muito bem entre Aquino e o “melhor amigo do homem”.

A água jorrava límpida da mangueira, o cão estava todo ensaboado, e Aquino muito feliz no seu papel de cuidar bem de Rufos. Mas a cabeça de Aquino não para de inventar e ele resolveu caprichar ainda mais no banho. Numa distração, enquanto esfregava o bicho, acertou a escova na genitália do rotweiller. O cão não aprovou nem um pouquinho o excesso de zelo do dono e, no seu reflexo de dor, abocanhou o antebraço esquerdo de Aquino. O jorro da mangueira misturou-se ao sangue. A mordida foi profunda. Aquino preferiu fechar o ferimento por conta própria. As meninas lembram que, depois que Rufos cravou os dentes, Aquino tinha um misto de dor e resignação no semblante. Ele sabia que tinha ido longe demais. Entendeu a condição de bicho de Rufos e quase não se queixou. Tinha plena consciência de que havia provocado o cachorro.

A inquietação de Aquino não está restrita apenas à lida com bichos e pessoas. Ele gosta de ver as coisas acontecerem. Seus olhos brilham com obras, reformas, trabalho sendo executado.

Tem verdadeira queda pelo dinamismo. É um homem de pensar, mas principalmente de fazer. Às vezes é obcecado por organização, limpeza, arrumação – quase perfeccionista. Como nunca para quieto, já reformou a casa de Itacimirim uma infinidade de vezes. Vai reconstruindo, adaptando, ajeitando o ambiente de acordo com o seu estado de espírito. Sua cabeça está povoada de projetos e pensamentos positivos. Luana e Yana ressaltam essa característica do pai. Dê seu e-mail a Aquino e a sua caixa estará sempre repleta de mensagens de amor, amizade, valores morais, músicas, parábolas e política.

As meninas reconhecem. Aquino trilhou vários caminhos e tem muito para ensinar. “Meu pai já passou por muitas coisas na vida. Ele quer passar conhecimento pra gente. Ele não quer que a gente sofra o que ele sofreu. Ele quer que a gente aprenda o que ele aprendeu”, ressalta Yana. Da forma mais fácil ou da mais difícil, a verdade é que as meninas aprenderam muito com Aquino. Tantos são os bons exemplos do pai, que elas confessam fazer tudo da melhor maneira possível, por duas razões. A primeira é se aperfeiçoarem como profissionais; a segunda é não decepcionar aquele que tanto lhes ensinou.

“Meu pai tem tantas mensagens, tantos exemplos, ele é tão batalhador, tem tanto sucesso no que ele faz, que às vezes eu tenho medo de decepcioná-lo. Tudo que eu faço, eu tento fazer o melhor. Exijo muito de mim mesma para não decepcioná-lo. Tenho muito orgulho dele. Eu encho a boca pra dizer que sou

Ligação com a terra e com os bichos

filha dele. Meu pai é muito honesto, é uma pessoa que não deve nada a ninguém. Temos grande orgulho dele. Passamos momentos difíceis com a separação de nossos pais. Isso refletiu muito na gente. Foram muitos anos de batalha para conseguirmos atingir a relação que hoje a gente tem”, explica Yana.



Batendo um papo
com o periquito



Acariciando a cadela
que convive em harmonia
com a gata

Um coroa ciumento e orgulhoso

O tempo passou, as meninas cresceram, tornaram-se mulheres. Da infância, ficaram o carinho, os conselhos, as boas palavras. Há algumas coisas antiquadas em Aquino de que as meninas gostam até hoje.

Nada de roupa curta, nada de menina pequena pintar unha, usar maquiagem. Ele nunca incentivou que as filhas queimassem etapas. Quando as via com as unhas pintadas, dizia: “Mas que coisa feia, menina pequena pintando unha!” Dentre as inúmeras mensagens disseminadas por Aquino, uma está guardada com orgulho na memória das duas. Ele sempre disse às filhas que lutassem para ser independentes e nunca precisassem ser sustentadas pelo marido. Era uma questão de honra. Luana e Yana seguiram à risca o importante caminho da independência financeira. Hoje estão formadas, cada uma batalhando a sua vida.

O professor Aquino ensinou às duas filhas os caminhos da autossustentabilidade, no entanto o sangue de pai se agita quando os namorados batem à porta. Luana conta que ficou morta de vergonha na primeira vez em que apresentou um pretendente a ele. Logo no primeiro encontro, o assunto bem que poderia ser política internacional, ou faculdade, ou quem sabe até futebol,

Um coroa ciumento e orgulhoso

mas não foi o que sucedeu. Logo após ser apresentado ao rapaz, Aquino veio com a palestra: “Olha, vocês têm maturidade suficiente para não cometer erros...” Luana e o namorado se entreolharam sem graça. E a filha entendeu muito bem o que ele queria dizer. “Foi a primeira vez que meu pai tinha visto o meu namorado, e a mensagem que ficou subentendida foi essa: por favor, não engravide a minha filha”, lembra.

Confesso que ralei!

A maior parte dos seres humanos tem uma visão imediatista da prosperidade alheia. Quando alguém triunfa, é comum levar-se em conta o imediatismo dos louros, o reluzir fugaz dos troféus.

A maioria só vê o agora. Quase ninguém quer saber se o vencedor “se matou” de estudar e trabalhar, ou estrepou-se madrugadas adentro para alcançar o sucesso. É da natureza humana ater-se tão-somente à consequência, deixando de lado a causa maior dos êxitos. Mas o que importa é que, assim como na trajetória da maioria das pessoas que esfolaram o couro para chegar lá, na vida de Aquino nada foi fácil. Ele entrou em contato com o mundo do trabalho ainda menino, dos 12 aos 14 anos, ajudando dona Alzira nos negócios do cacau, em Itajuípe. Auxiliava a pagar folha de trabalhadores e na coordenação das equipes, e já tinha noção das operações de compra e venda dos frutos de ouro.

Quando o caçula de dona Alzira mergulhou na adolescência, o Brasil vivia um dos anos mais perversos da ditadura militar. Em 1972, o presidente Garrastazu Médici, num ataque de hipocrisia, mandou prender todas as prostitutas do Rio de Janeiro e São Paulo. Como as prisões já estavam abarrotadas de criminosos, a polícia decidiu descer a porrada nas profissionais do sexo.

O motivo beirava o ridículo. Dissuadir as mulheres que exercem a profissão mais antiga do mundo a cumprir o seu ofício, que feria a “moralidade” do regime. Felizmente, o Brasil não é apenas um país de contrastes, mas também de ironias. No mesmo ano (1972), o escritor Jorge Amado publica Tereza Batista Cansada de Guerra, prostituta que comanda a greve dos bordéis na Bahia. Uma espécie de ode às “mulheres de vida fácil”. Aos 16 anos, já morando em Salvador, Aquino tem noção do que está acontecendo no País. Desde o golpe de 1964, as histórias de prisão, perseguição e tortura lhe chegam aos ouvidos pela boca dos familiares. No entanto, a sua luta contra o regime de exceção começaria mais tarde, na universidade.

Naquele momento, ele está mais preocupado em ganhar o mercado de trabalho. O primeiro emprego é na Procape Ltda., empresa representante da Niasi, fabricante do perfume Contouré. Ali, antes mesmo de conhecer os fundamentos do curso de Administração de Empresas, profissão que resolveu abraçar de fato, Aquino atua na área comercial, como encarregado de crédito, cadastro e cobrança. Era o tempo dos computadores Audit,

**DURANTE DÉCADAS, AQUINO REUNIU
CARTEIRAS DE ESTUDANTE, ESTAGIÁRIO
E CRACHÁS FUNCIONAIS QUE CONTAM
PARTE DE SUA TRAJETÓRIA**

aquelas máquinas enormes, cujo funcionamento fazia um grande barulho. Após a experiência na Procape, Aquino, aos 20 anos, coloca seus conhecimentos à prova e parte para o vestibular. Passa em dois processos seletivos importantes: Administração de Empresas, na Trabuco (hoje Unifacs) e Economia, na Universidade Federal da Bahia (Ufba). Ele resolve cursar as duas faculdades ao mesmo tempo. Trabuco à noite, e Federal pela manhã. No tempo que sobrava, ensinou em escolas particulares e em cursinhos pré-vestibulares para se manter. Nessa mesma época, participa ativamente do movimento estudantil nas duas faculdades. Foi contemporâneo e companheiro de líderes hoje em expressão nacional, como Lídice da Mata, Cândido Vaccarezza, Javier Alfaya, Ney Campello, Luiz Umberto, José Sérgio Gabrielli, Domingos Leonelli, dentre tantos outros.

Na Trabuco, com Djalma Luz, Alberto Marques, Jovino Moreira, Luiz Barbosa, Miguel Cal e João Cláudio, integrou a equipe que fundou o primeiro Diretório Acadêmico da instituição, com o apoio dos mestres Antônio Virgílio, Edvaldo Brito e Bernardo Cestelo. Foi vice-presidente da primeira chapa e presi-

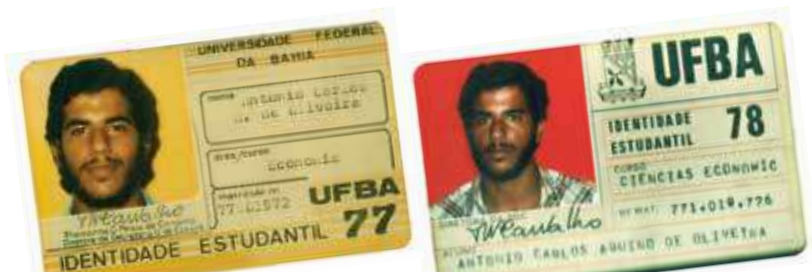
CARTEIRAS DE ESTUDANTE:



Confesso que ralei!

dente por dois outros mandatos, fazendo o sucessor. Na Federal, também fez parte do Diretório Acadêmico, sendo delegado do congresso de reconstrução da União Nacional dos Estudantes (UNE). Era uma época propícia à veia política de Aquino. Nos dois diretórios, ele luta por melhores condições de ensino nas universidades, pela anistia e pela democracia, e aproveita ao máximo o intercâmbio de ideias.

Mas o espírito irrequieto de Aquino sempre quis mais. Nas férias de junho e dezembro, ele resolve dedicar-se ao Projeto Rondon, uma iniciativa do governo militar que tinha como objetivo promover o contato de estudantes universitários voluntários com o interior do País, através da realização de atividades assistenciais em comunidades carentes e isoladas. Criado em 1967, o projeto envolveu mais de 350 mil estudantes de todas as regiões. Embora fosse extremamente louvável do ponto de vista social, o Rondon carregava intenções subjacentes: afastar os estudantes das manifestações e desarticular as organizações estudantis que se opunham à ditadura militar. Mesmo consciente do propósito



dos verde-oliva, Aquino mergulhou no projeto. Muito mais pelo altruísmo e pela oportunidade de conhecer as brenhas do Brasil. Sua primeira experiência foi em Canapi, município do interior de Alagoas. A segunda foi em Bonito, no Pará. Nos dois anos em que participou do Rondon, Aquino não só colocou seu conhecimento a serviço das comunidades como também integrou a equipe que levou um pouco de entretenimento aos locais. No tempo livre, formavam-se grupos folclóricos de maculelê, capoeira e samba-de-roda com os amigos Dimas, Geraldo, Carlos Ribeiro, Ailton, Raimunda e outros. Aquino tem boas lembranças das operações regionais e nacionais do Projeto Rondon: “Foi uma experiência riquíssima. Creio que o governo, em vez de se preocupar com o serviço militar obrigatório, deveria promover experiências que permitissem aos universitários um contato mais estreito com as comunidades carentes. Além de conhecer melhor o Brasil, eles aprenderiam muito mais”, ressalta.

Passada a fase de dedicação ao Projeto Rondon, Aquino retorna com toda a força a política estudantil. Tamanha é a sua



Confesso que ralei!

dedicação que ele chega a parar de ensinar. Mas sobreviver é preciso. Ele decide trancar o curso de Economia na Federal, pois precisava de tempo para trabalhar. Consegue um estágio na Cimento Aratu, na área de Cargos e Salários. Era um setor que estava começando a se consolidar. Vale salientar que, na época, as áreas da administração eram muito mais departamentalizadas. A figura do especialista estava mais em destaque do que hoje, por exemplo, quando a linha generalista se impõe.

Aquino admite que gostou muito da experiência profissional na Cimento Aratu. “Eu adorava. A gente saía de barco para coletar o calcário, e eu sempre gostei muito desse ambiente de fábrica”. Mais tarde, deixa a Cimento Aratu e é contratado pela Polipropileno. Era uma época de boom no Polo Petroquímico de Camaçari. Pagava-se muito bem. Mas a exigência também era grande. A rotina de trabalho torna-se mais intensa. Aquino passa a acordar às 5 horas da manhã para pegar o ônibus que o levaria até o Polo. A jornada na fábrica ia até às 18 horas, quando o ônibus o levava de volta a Salvador, onde haveria mais um



turno pela frente. Agora era encarar mais uma sessão de aulas na Trabuco. Depois de chegar a casa, era jantar e desabar na cama. Nos fins de semana, havia muito mais estudo do que diversão.

Nesse pique insano, Aquino recebe o diploma de administrador de empresas em 1980. Que fique claro o registro. Naquela época, formar-se na Trabuco em um tempo mínimo de quatro a cinco anos era um feito hercúleo. Havia até um ditado que na Trabuco era fácil entrar, mas muito difícil sair. Tudo porque a maioria dos estudantes era composta por trabalhadores que se sacrificavam em turnões e tinham dificuldade de cumprir os semestres em tempo recorde. Ainda assim, Aquino só recebeu o registro profissional em 1981, por questões políticas. “A escola segurou o meu registro por causa das minhas convicções políticas de esquerda. Achavam que eu era revolucionário, terrorista”. Com o canudo de ADM garantido, resolve não mais retomar o curso de Economia na Federal. “Faltavam apenas quatro matérias para eu completar o curso, mas não tive mais tesão pra voltar”, revela.

O próximo passo depois da formatura foi um estágio no setor

CARTEIRAS DE ESTAGIÁRIO E CRACHÁS FUNCIONAIS:



Confesso que ralei!

de Recursos Humanos da Caixa Econômica Federal por exigência da EAEB (Trabuco). Na CEF, Aquino trabalhou na área de Desenvolvimento de Pessoal. Em seguida, veio o convite para atuar no projeto especial Cidades de Porte Médio, do Banco Mundial, no município de Juazeiro. Um período fantástico, no qual ele pôde colocar em prática o que aprendeu, tendo a batuta de dois cargos importantes: gerente administrativo financeiro do Projeto e coordenador de planejamento e reforma administrativa da Prefeitura. A base do projeto é mantida até hoje naquele município. Ali nasceram grandes amizades como Roberto Cortizo, Alberto Mangabeira, Kátia Lucena, Maria José Cortizo, Francisco Aldeci, Alberico Correia, dentre outros.

“Fomos muito felizes em Juazeiro. Era uma época boa, eu era solteiro, morava numa casa enorme, ganhava bem, ensinei nas faculdades e escolas de lá. Fiquei quase três anos em Juazeiro”. Na região do São Francisco, Aquino acumulou ainda experiência como professor da Faculdade de Administração de Petrolina.



Ensinou também na Universidade Santa Cruz – Federação das Escolas Superiores de Ilhéus/Itabuna, Centro Educacional Senhora de Nazaré, Centro Educacional José Martins de Oliveira e Colégio Dr. Edson Brito.

Após a experiência em Juazeiro, já casado, Aquino segue para Itajuípe a fim de auxiliar mais uma vez dona Alzira nos negócios do cacau. Ela estava com a idade avançada e precisava de apoio para tocar a fazenda. Ali, no local onde viveu a maior parte da infância, ele coloca em ação o aprendizado de administrador e cria a Consagro – Consultoria e Serviços Agropecuários. A empresa, que prestava serviços com garantia na área agrícola, foi idealizada a partir de uma constatação. Na época, havia muito fazendeiro que morava em Salvador e colocava gerentes para tomar conta da propriedade. Entretanto, a qualificação dessa mão de obra deixava muito a desejar. Aquino descobriu esse nicho de mercado e mandou brasa no trabalho. O resultado veio rápido. Em um ano, ele duplicou a produção e transformou a fazenda.



Confesso que ralei!

Aquino comemora com colegas sua eleição como presidente do diretório acadêmico da EAEB (Trabuco)



Palestrando como presidente do Sepex-BA

Tempo de amor e cuidados

No dia 29 de julho de 1985, Aquino recebe um dos maiores presentes de sua vida. Nasce sua primeira filha, Luana Figueiredo de Carvalho Oliveira. A menina veio ao mundo de forma prematura, com seis meses e meio de gestação.

Por motivos óbvios, ele teve de dar uma freada na vida profissional. Vendeu tudo o que tinha e veio para Salvador, onde havia mais estrutura para cuidar da criança. O médico pediatra Heraldo Rocha, hoje deputado estadual, na época presidente da LBA – Legião Brasileira de Assistência, o advertiu: todas as atenções deveriam estar voltadas para a saúde da pequena Luana e só quem poderia tocar no bebê, na UTI neonatal, eram as enfermeiras, Aquino ou Angelina, sua mulher, na época. Dedicando-se inteiramente a Luana, o casal conseguiu vencer o momento difícil, superando os 45 dias críticos. Luana cresceu saudável e hoje é arquiteta formada pela Universidade Federal da Bahia (Ufba).

Aquino volta então ao mercado de trabalho. Na ocasião, o Grupo Paes Mendonça estava inaugurando um programa de trainne. Vale aqui o registro de que José Mamede Paes Mendonça foi o maior supermercadista da Bahia. O sergipano começou com uma modesta padaria e construiu um império, com 135

lojas espalhadas por todo o País. Seu faturamento anual chegou a 2 bilhões de dólares. Nas décadas de 70 e 80 (e até hoje, para os mais antigos), Paes Mendonça era sinônimo de supermercado. Embora com uma pujança gigantesca, o grupo de Mamede patinava na gestão. A maioria dos gerentes da casa era composta de empacotadores que haviam subido de posto. Esses funcionários tiveram o mérito de crescer na empresa, mas faltava-lhes qualificação. Mamede viu nas universidades uma oportunidade de abrir as portas do império para profissionais de administração e economia, dando uma oxigenada na gestão empresarial. Foi assim que entrou no programa de trainee e adquiriu experiência na logística de supermercados. Aquino ficou lá um tempo e chegou a ser efetivado, mas depois a sua trajetória profissional desemboca na seara política.

“Trabalhar em supermercado, na condição gerencial, é uma loucura, pois, apesar da pouca autonomia, é uma atividade que exige mais de 12 horas de trabalho, de segunda a segunda. Por isso a maioria dos gerentes é formada na base”, explica Aquino.

Um transporte para o futuro

Em 1986, convidado por Elísio Santana e Edson Barbosa, surge a proposta para trabalhar no governo Waldir Pires. Aquino, que já havia atuado na campanha, resolve ficar e dar a sua colaboração no governo.

Nasce aí uma das relações mais profícuas de sua trajetória política e profissional. Foi assessor de Pedral Sampaio, então secretário de Transportes do Estado da Bahia, ex-prefeito de Vitória da Conquista, preso político na ditadura militar e coordenador da campanha vitoriosa do PMDB. Com Pedral, Aquino



consolidou uma forte amizade e grande respeito. Para Aquino, Pedral é uma referência ética, mesmo com as opções políticas que fez posteriormente ao se alinhar à direita baiana.

Nessa mesma época, Aquino ajudou a criar e a coordenar o Conselho dos Pequenos Municípios da Região Cacaueira e participa ativamente do Movimento Renovador do PMDB, com Elísio Santana, Emiliano José, Fernando Oliveira, Edson Barbo-

sa, Dalton Godinho, os irmãos Sérgio e Marcelo Santana, dentre outros. Ele se orgulha de ter retomado e coordenado também o projeto da Ferrovia Oeste-Leste, que até hoje não se realizou, mas que, com certeza, seria a eliminação de um gargalo no setor de transporte do País – a ligação Atlântico/Pacífico, a partir da BR-030, que ligaria Campinho, no município de Maraú, a Brasília, e Brasília ao Chile ou Peru, atravessando a Bolívia, cortando a América Latina ao meio. Este projeto foi idealizado pelo saudoso engenheiro Vasco Neto, que morreu em 1º de outubro de 2010. Para quem não sabe, Vasco Neto foi um dos engenheiros mais visionários da Bahia. Professor emérito da Ufba e deputado federal por quatro mandatos consecutivos, tinha plena convicção de que a obra seria de fundamental importância para a dinamização da economia baiana e para a integração entre a região oeste e o litoral do estado. Aos 94 anos, morreu sem ver seu sonho realizado. Aquino e Vasco mantiveram uma relação de amizade e respeito mútuo durante um bom tempo, até afastarem-se pelas circunstâncias da vida de cada um. Amábíia Almeida, Francis-tônio Pinto, Euvaldo Maia, Gorgônio Loureiro, Paulo Fhanning e Haroldo Andrade foram alguns dos companheiros desta luta.

No meio de tanto pique de trabalho, mais um doce presente. Nasce, em 26 de agosto de 1987, a menina Yana Figueiredo de Carvalho Oliveira. Aquino passa agora a ter a companhia de seus dois grandes xodós. Luana e Yana, duas mulheres de temperamento forte. Um carinho que se agigantou até os dias de hoje,

repleto de bons conselhos, palavras de amor e respeito, olhares de afeto e compreensão. Na época do nascimento de Yana, Aquino era presidente do Conselho de Administração da Cia. Viação Sul Bahiano. O compromisso era tanto com o trabalho que, no dia em que Yana veio ao mundo, havia assembleia geral da empresa em Itabuna. Aquino passou no hospital, foi de avião para Itabuna e retornou à tarde do mesmo dia para ficar com a filha, fato que não foi perdoado por Angelina.

A essa altura do campeonato, Aquino já acumula na bagagem experiência significativa na área de transportes. Ele decide abrir uma empresa de consultoria neste campo. A vivência veio de muito trabalho na Secretaria de Transportes do governo Waldir Pires. Após um período de consultoria em empresas, ele recebe um convite para trabalhar na Movesa – Motores e Veículos do Nordeste S.A, ocupando os cargos de assessor da diretoria e gerente comercial de veículos Scania. Ali, ele se debruça na política comercial de valorização do produto. O propósito maior não era simplesmente vender caminhões, mas adequar o veículo de carga ao perfil do trabalho das empresas. Em outras palavras, como o próprio Aquino define, o propósito central era vender com qualidade, agregar valor ao serviço e dar assessoria ao cliente na escolha do melhor equipamento. Durante o tempo em que atuou na Movesa, Aquino conheceu as grandes empresas de carrocerias de ônibus e caminhão. Foi uma época de intercâmbios e ótimos contatos no mundo empresarial. A Scania possuía uma associa-

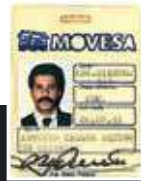
ção nacional dos concessionários, da qual Aquino foi membro do departamento de marketing.

Pouco tempo depois, ele recebe convite para trabalhar na Carroceria Aratu, empresa baiana de encarroçamento de chassi de ônibus urbano e rodoviário. Foi uma experiência interessantíssima, porém meio frustrante. No tempo em que ficou por lá, Aquino percebeu que, embora fosse uma empresa que fabricava ônibus, o sistema de produção da Carrocerias Aratu era artesanal, fora de escala comercial competitiva. O que deveria ser uma grande empresa, com linha de montagem dotada de suporte tecnológico, na verdade era uma espécie de oficina qualificada.

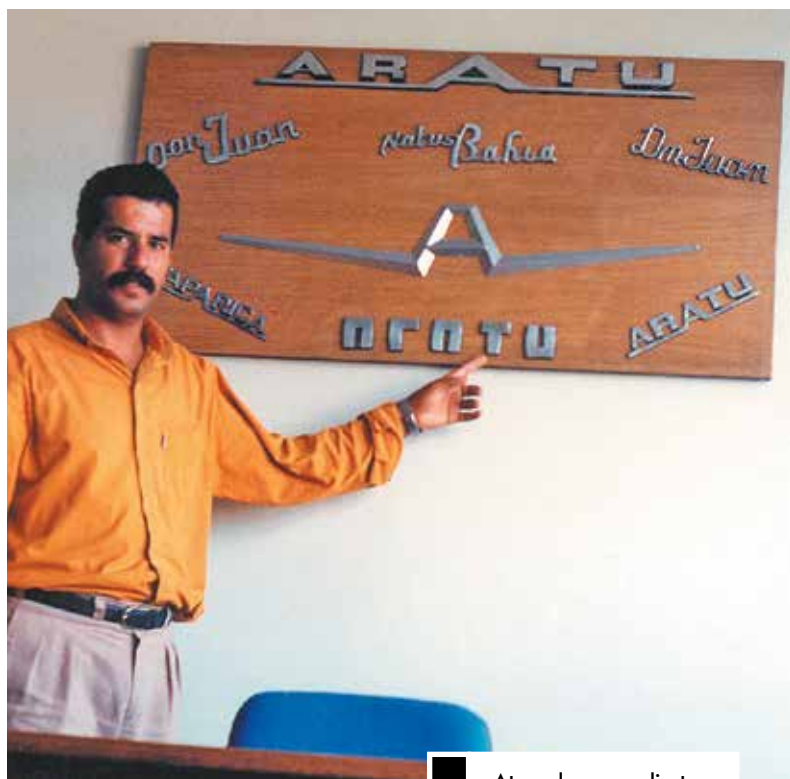
À mesa, ao lado do então governador Waldir Pires, em encontro de candidatos a prefeito da região cacauceira



Ele arregaçou as mangas e trabalhou propondo novos projetos. Tentou de muitas maneiras apontar os caminhos de crescimento para a organização, diversificando a produção, buscando abrir novos espaços para o setor de transporte pesado. No entanto, ao analisar mais detalhadamente a situação, compreendeu que o projeto de empresa em sociedade já havia se esgotado, descobriu que os acionistas já não queriam resgatar a empresa e cuidou da transição para a desativação, negociando com sindicatos, fornecedores, governos e sócios o encerramento das atividades industriais. Este episódio não deixou de ser frustrante para o administrador, porém foi extremamente rico em lições.



Aquino com os companheiros de trabalho da Movesa e clientes



Atuando como diretor
na Carrocerias Aratu

Mural de sonhos, pessoas e realizações

A maioria das pessoas que passam pela Rua Barrão de Sergy, uma pacata transversal da Barra, não imagina que ali por perto, no mezanino do Edifício Thiffanys, há uma empresa com 16 anos de existência, fruto de muito trabalho, dedicação e luta para se manter no mercado.



Ali bem próximo está o Porto da Barra, paisagem que confere ao bairro um ar bem mais de recreio e diversão do que de labor. Mas foi por ali mesmo, em 1997, que Aquino decidiu fincar a bandeira da empresa que o tornaria um homem de mídia exterior. Em 1994, recebe uma proposta para fundar uma empresa de propaganda em ônibus. O convite veio do empresário Marcelo Santana, diretor da Transportes Ondina. Mas vinha acom-

panhado de um grande desafio: tornar a publicidade em ônibus uma atividade rentável e respeitada. Mas por que respeitada? Aquino explica que, na época em que decidiu fundar a Mural, no mercado de mídia exterior existiam empresas inidôneas que desvalorizavam a atividade. Era preciso, portanto, firmar-se com profissionalismo, credibilidade e respeito aos clientes. “Havia muitas quebras de contrato e desonestidade na publicidade em ônibus, em especial. Por exemplo, a empresa vendia ao cliente 100 cartazes e colava 60. Era uma relação de desrespeito ao cliente. E entramos com o propósito e o desafio de mudar esta realidade, valorizar o serviço”, explica Aquino.

Voltando à fundação da Mural, Aquino fez uma prospecção do setor. Os publicitários Fernando Passos e Sérgio Guerra o auxiliaram com uma análise realista. Sérgio Guerra e Vicente Amaral foram os primeiros sócios na fundação da Mural Comunicação, que depois alterou o nome para Mural Publicidade e atualmente Mural Mídia Exterior e Serviços Ltda, mantendo a mesma marca criada por Vicente Amaral. O incentivo de Marcelo Santana viabilizou o apoio dos empresários Carlos Alberto Nuno e Rogério Braga, das empresas Transol, Central e Ondina, com as quais a Mural trabalha desde a sua fundação. Mais tarde, Rogério, Marcelo e Carlos Alberto Nuno Campos foram sócios da Mural em substituição a Vicente Amaral e Sérgio Guerra. José Augusto Evangelista, Zildo Possi e Bruno Ferreira foram parceiros fundamentais na fase inicial da Mural, ao agregarem à em-

presa as frotas da Praia Grande, Boa Viagem e Lapa, assegurando competitividade no mercado de publicidade em ônibus – na época, denominado de transdoor, e hoje busdoor. O mercado sentiu firmeza no novo propósito e na seriedade de Aquino e respondeu positivamente. E, como sempre, o seu talento para se relacionar com as pessoas ganhou expertise. Teve o grande apoio de Dr. Aloísio Lopes e Valnei, da Coletivos São Cristóvão; Sérgio Aníbal, da Axé; e Roque, da T. Oliveira, e os indispensáveis conselhos e orientações dos amigos George Correia, Rondon do Valle, Francisco Ulysses e Horácio Brasil, além dos empresários Olegário Martinez, Carlos Knitell, Remo Lucien e Bejamim Nunez.

Do fundo do quintal da Link, a Mural mudou-se para uma casa de dois andares na Rua Afonso Celso, na Barra, fundando a Fabricor, uma empresa que dava suporte na área de produção. Em 1997, a Fabricor foi vendida e a Mural mudou-se para a Rua Barão de Sergy, nº 176, na Barra, onde está até hoje. Aquino sempre teve grande preocupação em manter a empresa na mais absoluta regularidade e legalidade, mantendo com os setores governamentais de tributação e fiscalização a mais rigorosa relação de cumprimento das regras estabelecidas, mesmo considerando-as às vezes injustas, perversas e insensatas.

Em 1997/1998, Aquino participou da fundação e direção do Sindicato das Empresas de Mídia Exterior do Estado da Bahia – Sepex, entidade a que, até os dias de hoje, a Mural é associada e da Associação Nacional das Empresas de Publicidade em Ônibus

– Anepo. Foi presidente das duas entidades, contribuindo efetivamente para o fortalecimento e profissionalização do setor. Luiz Catarino, Edgar Régis, Elmano Castro, Terezinha Maranhão, Jeanine Pinheiro e outros foram companheiros fundamentais na fase histórica da Mural e da mídia exterior brasileira, além de Rubens Damato, Gian Di Micollis, Paulo Badra, Zander Filho, Alexandre Devis, Orlando Lopes, Gilmar Tadeu, Júlio Albieri, Edilson Silva, Ivan Lopes, colegas e amigos que compartilharam a realização do sonho da criação da Federação Nacional dos Sindicatos das Empresas de Mídia Exterior – Fenapex, entidade da qual Aquino foi vice-presidente e presidente, na companhia dos mais ilustres homens do setor no Brasil.

Um período difícil

De 1999 a 2000, a publicidade em ônibus foi proibida em Salvador, mostrando o lado mais perverso e insano da política no Brasil.

Na visão de Aquino, o simplismo e o amadorismo na gestão da coisa pública associaram a segurança pública (assaltos a coletivos) à publicidade em ônibus, punindo um segmento econômico consolidado, por incapacidade governamental de criar soluções concretas para uma das questões sociais graves do País, a segurança pública. No entorno da propaganda em ônibus da Bahia, a Mural descobriu, de forma clara e dura, a utopia temporária do seu projeto original de dar a este setor a unidade e a respeitabilidade merecida, fruto da concorrência predatória de mercado e da antropofagia empresarial, que inviabiliza projetos de interesse coletivo e compromete a dignidade humana das relações.

Mas foi a partir destes duros golpes que a Mural diversificou seu portfólio sem mudar de foco e setor, fundando, em sociedade com Humberto Cardoso, a Publimex, empresa da qual a Mural viria a desligar-se mais tarde, ingressando definitivamente no segmento de frontlights. Em 2003, a Mural venceu um lote de concorrência pública para outdoor na cidade de Lauro de Freitas, ampliando seu mix de produtos. Em parceria com as duas outras

empresas vencedoras dos outros lotes, Plaka 7 e Céu Aberto, a Mural criou a CLN – Consórcio Litoral Norte de Mídia Exterior. Com a celebração de contratos de cooperação comercial com a Lip (Maria Nina e Ademar Lemos), Uranus 2 (Pedro Dourado); Rede Out Light (Ivan e Ivson Lopes); Escalibur (Henrique e Paulo); Top News (Sérgio e Itamar); Acripan (Elmano e Paulo); Street Outdoor (José Nilton); Nacional (Rui Barbosa); SF Outdoor (Luciano), a Mural mudou seu perfil para a ambiciosa proposta de ser uma empresa de Soluções Integradas de Mídia Exterior, recrutando e selecionando, para este projeto, profissionais graduados e pós-graduados em propaganda e marketing, investindo em estrutura, sistemas e modelos gerenciais.

Em 2004, juntamente com Elmano, Paulo e José Alves, a Mural adquiriu e incorporou a empresa de frontlights Imagem, consolidando o seu projeto atual. Marcos Berti, Marco Antônio Loures e Edílson Ferreira da Silva, em São Paulo, transformaram-se, ao longo desses anos, em sólidas amizades, que transcendem o negócio de mídia exterior, com parcerias concretas e efetivas no dia a dia da Mural. As representações transformadas em amizade da Extensiva (Arruda e Tânia); Mídia Plus (Nelson e Marilúcia); Três Meios (Paulinho); Mídia Mais (Maneca), dentre outros, formaram a base da recíproca confiabilidade para o atendimento ao mercado nacional. Parcerias regionais com empresas como Superlux – Aracaju; Bandeirantes – Recife e Maceió; Dionibus – Fortaleza; Pronews e Plurex – Rio de Janeiro; Look

– Brasília; Imagem e Fênix – Goiânia; Lz e Ativa – Porto Alegre completam a rede.

Os suportes de produção da Mr. Sign (Adriano); You (Lourinho); Outgraphics (Marcos) e Uranus 2 (Pedro Dourado), Psiu (José Carlos), Plaka 7 (Lourival) dão a tranquilidade necessária ao esforço de solução completa e integrada de mídia exterior. A equipe hoje é composta por Suely, Marcos, Luis, Elane, Ânya, Alessandra e Jocilene, mas já teve muitos importantes colaboradores como Nívia, Cynthia, Diane, Larrisa, Marcos e Pablo. Entretanto, houve lamentáveis experiências com desqualificados recursos humanos, experiências boas e más, que dão musculatura empresarial. Outros fornecedores, prestadores de serviço e parceiros dão operacionalidade à empresa. Alcir Santos e Altino Bonfim, irmãos, Dante Iacovone, cunhado, parceiros, conselheiros – duros, às vezes, porém leais e comprometidos – foram e são fundamentais na história da Mural.

Nestes 16 anos de Mural, Aquino aprendeu que, na construção de uma empresa, a realidade se faz com desafios, sociedades bem ou malsucedidas, apoios, parcerias, impostos e taxas abusivas, sonhos frustrados e realizados, injustiças, insanidades e perversidades, concorrências leais e desleais, relações profissionais, afetivas e agressivas, ousadia, ética, firmeza, bondade, comemorações, frustrações, alegrias e tristezas, sucessos, derrotas, luta. Aprendeu que não há folga ou descanso quando se quer perpetuar uma organização. Em sua trajetória, Aquino não se considera,

Um período difícil

à luz do conhecimento técnico, teórico e científico adquirido, um empresário, mas um sobrevivente persistente, disciplinado, tenaz e de sorte. Num país desleal e injusto, ele pode afirmar com todas as letras: a Mural é uma empresa de mídia exterior.

Lembranças de uma cidade

Não há década melhor nesta vida do que aquela em que a pessoa passa da adolescência para a fase adulta.



Saboreando uma piranha assada na beira do Rio São Francisco

Nas calendas da existência, nada é mais marcante do que navegar em mares de incerteza para depois vivenciar novas experiências, sejam elas positivas ou negativas. Ao deixar o portal da infância e se deparar com a realidade nua e crua, aprende-se muito. A década de 70 se abre para Aquino com uma torrente de ideias revolucionárias. Vivia-se um tempo de reflexões sobre as questões ambientais, a prática de nudismo, emancipação sexual, rock'n roll, movimento hippie,

resistência política, boemia. Aquino não entra de cabeça nos eventos da contracultura, mas procura compreender aquele momento. Dos 14 aos 24 anos, ele passeia pela década de 70 numa Salvador bucólica, apesar dos anos de chumbo. Era uma época de passeatas na rua, repressão, gás lacrimogêneo. Mas também havia os festivais da canção, os shows no Farol da Barra, as festas de largo, um Carnaval mais poético e ingênuo. Era tempo de mortalha, de brincar mascarado, de pular atrás do trio elétrico sem medo, de amar sem preocupações.

Aquino se esbaldou nos carnavais da Bahia. Ele faz questão de frisar que saía na quinta-feira de casa, dia em que o Rei Momo abria oficialmente a festa, e só voltava na Quarta-feira de Cinzas, para desespero dos familiares. Nunca saiu em bloco, preferia brincar na pipoca com os amigos. Sempre teve uma queda pelos trios independentes, como Dodô e Osmar e Tapajós. Bons tempos aqueles em que as marquises ficavam coalhadas de pessoas à espera das usinas elétricas de som, com milhares de lâmpadas iluminando a noite da Avenida Sete de Setembro. No trajeto, os letreiros

Carteiras de clubes sociais



indicavam as principais lojas do Centro: Mesbla, Lobrás, Duas Américas, 4 e 400, Sloper. O Carnaval ainda não havia se pasteurizado na indústria de abadás e cordões de isolamento. A maior festa de rua do planeta conservava a sua aura de entrudo, folguedo que emana da criatividade e vibração do povo. O sábado era marcado pela pândega da rapaziada que se vestia de mulher e ia tomar todas com os amigos. O cheiro de tinta das mortalhas se misturava às lufadas de lança-perfume, cerveja, suor e churrasquinho de gato. E tudo entrava no vórtice sensual da paquera, que resultava em beijos e abraços intermináveis no único circuito da grande festa.

Mais tarde, depois de deixar a avenida, era hora de partir para os bailes carnavalescos dos clubes sociais. Aquino juntava o que sobrou da energia para pular na Associação Atlética, Bahiano de Tênis, Clube Português e Clube Espanhol. A esculhambação era grande e ele se divertia a valer. “Era muito bom! Já fiz muita loucura na Praça Castro Alves, na Praia do Porto da Barra à noite”, relembra o caçula de dona Alzira.

Seresta com o primo
Valcir, em Itajuípe





No meio da fanfarra, Aquino faz a marcação no Carnaval de Barra Grande (Maraú)

O baba e o Leão

Em 1972, Aquino tomou uma decisão importante em sua vida. Morando em Nazaré, perto do Estádio da Fonte Nova, onde ia com frequência, ele se encantou pela camisa rubro-negra que envolvia os craques Osni, Mário Sérgio, André Catinba e Jorge Valença. Decidiu que seria Vitória.

A afeição pelo time, contudo, sempre esteve muito mais para simpatia do que para paixão. Nunca foi de discutir por causa de futebol. Entretanto, fazia questão de participar dos babas de praia e nos campos dos sítios de amigos. Em Piatá, jogou pelo menos 30 anos com uma turma de boleiros. Cultivou amigos também nos babas da Aldeia de Jaguaribe e em Itapuá. Entre lançamentos e fôlego invejável na posição de lateral ou defesas viris de quarto-zagueiro, ficaram as amizades de Dimas, Marquinhos, Ailton, Nivaldo, Carlos Ribeiro, Diamantino, Chico Teixeira, Carlinhos, Paulinho, Barata, Isidoro, Arquibaldo, Welton e Edson Matos. Aquino conta que tinha um bom preparo físico, e por isso sempre era escalado para jogar nos babas de areia dura da praia. Depois do jogo, muita conversa e gozação regada a cerveja.

Mais tarde era hora de curtir a vida noturna de Salvador. Sim, porque, por incrível que pareça, Salvador tinha muito mais vida

noturna nas décadas de 70/80 do que hoje. Os points de diversão da época eram as boates Bual'amour, Pá da Baleia, Zum-Zum, Moenda, Roda Viva, Hippopotamus, Maria Fumaça e tantas outras. Naqueles tempos, Soterópolis não vivia a neurose de violência de hoje. Além disso, o Litoral Norte era praticamente desabitado, servindo para os acampamentos de longos feriados.

A especulação e o boom imobiliário ainda não haviam tomado conta das comunidades praianas. O que havia na costa litorânea da Estrada do Coco eram muitas aldeias de pescadores, fazendas de coco e gado. Com a mata atlântica, dunas e lagoas completamente preservadas, Arembepe, Imbassá, Itacimirim, Praia do Forte e Mangue Seco eram recantos paradisíacos, ideais para acampar nas barraquinhas “transa dois” da Alba. E nesse clima de mar e sol da Bahia, não raro apareciam as turistas interessadas em conhecer as delícias da Boa Terra. Bom anfitrião, Aquino e os amigos nunca foram guias turísticos, mas não perdiam as oportunidades de orientá-las para que a estada das visitantes em Salvador fosse inesquecível. Quase sempre elas estavam em busca de novos sabores e experiências. Portanto, nada melhor do que apresentá-las à nossa variedade de frutas tropicais. No roteiro das turistas, Aquino incluía uma festa para o paladar – o Sóbátidas, um bar especializado em batidas, na orla da Pituba, o Diolino, no Rio Vermelho, as noites de lua no Abaeté e Piaã. Pouco a pouco, Vilar, dono do Sóbátidas, ia apresentando às turistas as especialidades da casa. Uma de caju, outra de tamarindo,

a próxima de pitanga, complementado com lambreta e caldos, e a Bahia ia ficando mais colorida na cabeça da mulherada. A conversa amaciava e, por volta da sexta prova de batida, Aquino já tinha se transformado num Adônis. Culpa dele? Claro que não. Culpa de Vilar, que não economizava nas gentilezas. E melhor ainda para as turistas, que, animadíssimas, retornavam com as melhores lembranças da Boa Terra.



Com a turma
do baba

O companheiro não realizou os sonhos sonhados

Era **uma vez** um cara que acreditava com todas as forças num projeto político, nas mudanças, na sociedade mais justa e igualitária.



Com Lula, na Caravana da Cidadania

Militou, participou de assembleias, congressos e encontros, coordenou campanhas, deu muito de si. Um dia o nome maior das esquerdas – um metalúrgico, líder sindical – virou presidente da República. O cara vibrou de alegria, achando que estava mais do que na hora de o Brasil mudar de face. Entretanto, mais tarde, o

aliado do projeto, que tinha lá seus princípios, passou a não concordar com algumas alianças que começaram a ser feitas. Então veio a desilusão, apesar de reconhecer os significativos avanços.

Este é um breve resumo da história de Aquino com o Partido dos Trabalhadores, com as frentes progressistas e de esquerda. Na verdade, a síntese da história de muitos desiludidos com os fatos pós-ditadura. Num breve retrospecto, contamos um pouco da saga de militante político de Aquino, um homem que, como muitos, lutou para que Lula chegasse à Presidência, mas esbarrou num choque de valores e sonhos com as circunstâncias das realidades de governabilidade e das razões de alianças e manutenção de esquemas incompreensíveis. Aquino foi um dos coordenadores da campanha de Luiz Inácio Lula da Silva, em 1988, na disputa com Collor de Mello à Presidência da República.

Nesta mesma época, José Sérgio Gabrielli, hoje presidente da Petrobras, foi o coordenador político da campanha. Aquino acreditava no projeto de um novo Brasil. “Muita gente que hoje está no poder é amiga minha”, lembra-se. Entretanto, muita água rolou durante os oito anos de governo Lula, e Aquino viu distanciarem-se os sonhos e projetos – dos seus valores e convicções políticas. “Eu convivi com Lula e acreditava no projeto de transformação, na forma de fazer política e administrar a coisa pública. Quando a população elegeu Lula, ela não previa essas alianças que se mantiveram com as pessoas contra as quais sempre lutamos contra, bem como muitos dos seus métodos que se mantiveram.

Quem está no poder deve ter razões e justificativas para ações que o cidadão, eleitor e militante comum não entende. Não é ético fazer qualquer casamento para se manter no poder”, explica.

Apesar de ter sempre apoiado o PT, onde sempre teve muitos e muitos companheiros, Aquino era afiliado ao PSB. Em 2010, decidiu filiar-se ao PV e apoiar Marina Silva no primeiro turno. E foi ainda mais longe. Esteve disposto até a lançar sua candidatura a governador pelo PV para dar palanque a Marina. Jamais teve pretensão eleitoral, mas sentia a necessidade de um discurso novo, sem vícios, sério e propositivo, técnico e político, arejado. Aquino acredita que o deslanchar do nome do deputado Luis Bassuma para o cargo de governador no interior do PV atropelou etapas e caminhou paralelamente com uma pré-campanha tão forte, que o nome de Bassuma terminou por se consolidar no PV e na mídia sem consolidar-se internamente, o que repercutiu desastrosamente na campanha. Para ele, o PV dedicou pouco tempo ao debate político interno, o que iria definir melhor o perfil do candidato, o discurso do partido e o programa partidário. Se assim fosse, o nome dele poderia ter sido mais ventilado. Lamenta que a indicação do candidato do PV para o governo não tenha sido decorrente de uma avaliação mais criteriosa e profunda, porém reconhece sua impossibilidade pessoal de dedicar-se a uma campanha majoritária.

Mas a história de Aquino na política não começa com o Partido Socialista e nas relações com PT, PCdoB, PCB. Nas suas andanças

pela militância no movimento estudantil, ele foi presidente do Diretório Acadêmico da Faculdade de Administração da Bahia, antiga Trabuco, hoje Unifacs. Lá, dirigiu a única e histórica greve da instituição, na qual os estudantes saíram vitoriosos ao ter 80% das reivindicações atendidas. Participou como delegado do congresso de reconstrução da União Nacional dos Estudantes (UNE) e das lutas pela Anistia, Diretas Já e Constituinte. Com o sangue da política na veia, Aquino se afilia ao MDB, depois ao PSB, com Elisio Santana, Pedral Sampaio, Coriolano Sales, Sylvio Simões, Emiliano José e outros. Ali coordenou o movimento pela Ética na Política com Ruy Corrrea, Ubaldino Júnior. Ligado às causas ambientais, vê nascer os grupos Germen, Gambá e outros movimentos ecológicos da Bahia. Seu irmão, Altino Bonfim, teve forte participação nesses movimentos de luta pela causa ambiental.

Nesse período, foi criado o Conselho dos Pequenos Municípios da Região Cacaueira, um movimento de defesa do municipalismo e da valorização das jovens e arejadas lideranças locais e regionais. Como presidente da Associação dos Produtores de Cacau, Aquino fez, no dia 29 de novembro de 1989, o discurso mais contundente na Assembleia Legislativa da Bahia, durante a Sessão Especial sobre a BR 030, chegando a exigir a intervenção de Edval Lucas para que a sessão não derivasse para a discussão meramente política em torno da vassoura-de-bruxa e seus responsáveis. Na oportunidade, defendeu que fosse realizada uma revisão nos papéis e direção da Ceplac, no Instituto do Cacau da Bahia e na

Universidade de Santa Cruz. Disse também que pretendia entrar com uma ação popular contra o governo federal, alegando que a Ceplac levou o cacau da Bahia para a Amazônia, permitindo, com as idas e vindas de técnicos e vírus, a entrada do fungo causador da vassoura-de-bruxa no estado. Na ocasião, decidiu-se pela criação de uma comissão de uma Comissão Especial na Assembleia Legislativa para acompanhar o problema criado na cacauicultura baiana.

Apesar do empenho nas questões políticas, Aquino confessa que nunca quis disputar cargos eletivos. Todas as eleições que disputou como candidato a algo, ganhou. A administração sempre falou mais alto. Aquino explica que, no governo Waldir, houve um embate muito duro dentro do PMDB, visando à renovação das bases do partido. Tratava-se de um movimento de oposição à chamada direita do PMDB, integrada por Luis Leal, Sérgio Gaudenzi e Gastão Pedreira. Aquino fazia parte do movimento de bases do qual participavam Luís Humberto, Emiliano José, Ademir Ismerim, Sérgio Santana, Carlos Marighella, Ruy Correa, Dalton Godinho, Elisio Santana, Edson Barbosa, Coriolano Sales e muitas lideranças do interior. Nesse contexto, Pedral Sampaio era referência e saiu candidato a governador, mas foi vencido no processo. Então, a oposição à direita do PMDB decidiu migrar para o PSB. Pedral, que era sucessor natural de Waldir Pires, sai da campanha. Euclides Neto era outra referência importante do grupo. Para Aquino, Waldir, ao renunciar, esvaziou a candidatura de Pedral Sampaio, já enfraquecida pelos movimentos internos à direita e centro den-

O companheiro não realizou os sonhos sonhados

tro do governo e do partido. Como reza a história, a articulação culminou com a entrega do governo a Nilo Coelho. Debandaram todos para o PSB. Um momento rico de debates e discussões. Pedral Sampaio sai candidato a deputado federal e perde as eleições. Aquino resolve se afastar e cuidar da vida fora da política.

Mas um animal político incorrigível não é coisa fácil de dissuadir. Aquino nunca deixou que o senso de justiça social se apagasse da sua vida. “Uma sociedade em que uma pessoa tem tudo e a outra não tem nada não pode dar certo. E a situação fica ainda



Documento eleitoral de Aquino, expedido em 1974

Com Lula, Marisa, Miguel Arraes e outras lideranças políticas



mais triste quando constatamos que os partidos políticos viraram cartórios a serviço de alguns grupos. Não se pensa no bem-estar social, e sim nos projetos pessoais. Além disso, falta gente qualificada, gente comprometida com projetos políticos sérios. Eu não admito, por exemplo, que um prefeito, um governador, um vereador, assumam seus mandatos sem ter a menor noção de administração pública. Política virou tradução de sabedoria no seu pior sentido, esperteza, jogo de cintura, falta de coerência. É um total desrespeito com as pessoas que votaram neles”, sentencia.

Com José Sérgio Gabrielli e
Ubaldino, na Caravana da Cidadania



Seguindo o curso do rio

Onde estará Aquino? Dê uma olhada na Mural ou procure-o no topo de uma montanha. Ele poderá ainda estar entre as nuvens, a bordo de uma aeronave rumo a São Paulo.

Em Machu Picchu, no Peru



Ou quem sabe passando um e-mail de boas palavras para você. Não importa onde ou como esteja – de bermuda ou de gravata – ele certamente o surpreenderá com um chiste bem-humorado ou uma palavra de conforto. “Já escalei os maiores picos do Nordeste – Itabira, das Almas e do Barbado, todos na

Chapada Diamantina, até o Pico da Bandeira, entre Minas e Espírito Santo. As estradas são meus caminhos, e as belezas que a natureza oferece, minha casa”. Pessoas são assim. Algumas gastam a vida construindo sonhos. Outras se ocupam em acumular patrimônio ou poder. Aquino preferiu juntar as experiências e dar um forte significado a todas elas. Para isso, agregou amigos, parentes, familiares, colegas de trabalho. Nada passa em branco por ele como ele não passa em branco nos lugares e na vida das pessoas. Segui com fé e força a cartilha de dona Alzira, que costumava juntar num caderninho todas as conquistas dos filhos, por mais simples que fossem. Sábia, dona Alzira. O rio caudaloso da vida segue seu rumo, e Aquino, humilde aprendiz da natureza, perscruta todos os mistérios. Ele busca ver onde poucos enxergam, ouvir os sons e fazer as traduções dos ensinamentos da natureza. “Você colher as primeiras frutas de uma árvore que você plantou é repetir a emoção de ser pai novamente”.

São 55 anos de trabalho, aventuras, viagens, de amor e de alguns dissabores escritos na jornada. Mas tudo com muita intensidade. Durante todas essas décadas, aprendeu muito. O principal aprendizado foi amar a vida em todos os seus detalhes. E a vida para Aquino é quase tudo que a gente gosta. Vai desde um emocionante pôr-do-sol à beira-mar, as trilhas das chapadas, até as águas tépidas do Rio São Francisco, uma das suas maiores paixões. “Jamais tive medo ou preguiça quando o desafio é conhecer o novo, pegar a estrada, desvendar horizontes”. Aquino

sentiu que vale a pena prosseguir, descer o rio a partir da nascente até a sua foz em busca de novas experiências e das surpresas que os caminhos oferecem. Só que não há como seguir adiante sem as pessoas que amamos. “Cada lugar me traz um amigo na imaginação, o pensamento de que alguns gostariam de ali estar, então me sinto acompanhado e faço questão de registrar para as pessoas que pensei nelas com respeito e carinho”. Por isso ele nos convida a entrar na chalana e bordejar pelas curvas do rio. Um dia, qualquer rio vai bater no meio do mar. Mas com certeza a jornada terá valido a pena, porque teremos aprendido a navegar, sobretudo porque não estaremos sozinhos.

Pronto para mais uma aventura de rafting, no Espírito Santo





1. Ruína de Canudos-Ba na seca; 2. Ruína de Canudos-Ba alagada; 3. No cume do Monte Verde-MG; 4. Travessia de balsa no São Francisco



5. Com o sobrinho Danilo, na conquista do Pico do Barbado; 6. Fé em Padre Cícero, em Juazeiro do Norte-CE; 7. Mergulho em Abrolhos-BA



A caminho do rafting, no Chile

Fincando a bandeira do Brasil no Salar de Uyuni,
a maior planície salgada do mundo (Bolívia)





2^a

PARTE

Compartilhando o aprendizado

Para muita gente, escrever é como alimentar-se. A necessidade de expressar o pensamento em palavras é uma espécie de controle das comportas da alma. No meio do rio de inquietude, Aquino resolveu abrir suas comportas e nos brindar com e-mails, máximas, aforismos, comentários sobre política e “causos”. Nas páginas seguintes, você vai viajar com ele por inúmeros cantos de uma cabeça que não para de criar. Boa leitura!

Direto das margens do Rio São Francisco

Bom dia, com alegria! Apesar do hotel “pé pra fora”, como diz o negão, das aeromuriçocas, do ar condicionado que parece um aeroporto aberto, de ter chegado ao hotel uma hora para sair agora... Alegria! Estamos diante de um novo dia... Mais um presente a ser aberto.

Hoje é dia de comer bode e surubim na beira do Velho Chico! Se não tiverem razão para sorrir, inventem! Aos meus companheiros e amigos do Partido Verde, quero, antes de mais nada, deixar registrado meu profundo apreço e consideração a todos que lutam pela preservação da vida na Terra, pela justiça social, pela ética na política, pela competência na gestão da coisa pública, pela democracia verdadeira, com instituições fortes e independentes, pela dignidade humana sem restrição em todos os seus aspectos.

Decidi sair do PSB (filiado desde 1987) e ir para o PV quando optei não votar em Dilma (o apoio a Sarney foi a gota d'água) e vi renovar as esperanças com a filiação e candidatura de Marina ao PV. Meu entusiasmo foi tão passional que cheguei a colocar meu nome à disposição do partido para fazer palanque com chapa para o governo do estado. Sou um novo cristão no PV, com uma quase velha história de militância política.

Desde o primeiro momento, defendi que o partido tivesse can-

didatura própria para o governo e o profundo debate político para a criação da unidade interna e construção das melhores soluções, subordinando projetos e nomes à lógica e missões do partido.

Nas reuniões e encontros de que participei, vi consolidar-se não o debate sobre os caminhos políticos, mais que isto. A já definição e aclamação dos nomes dos companheiros Luis Bassuma e Edson Duarte para o Governo e o Senado, respectivamente. Todos os demais momentos tiveram este posicionamento comum, com contestações e apelações, sem instantes de outros debates conjunturais, programáticos ou de políticas gerais.

Compreendi que a radicalização dos conflitos no ambiente interno decorria, mais do que a discordância democrática, de opiniões e tendências, da inexistência de um projeto comum ou aglutinador do partido além do nome de Marina, da soma divisória de projetos individuais. As etapas eram vencidas, mas as arestas acumuladas, e as desconfianças, renovadas.

Comprometido com uma construção partidária que seja realmente válida, útil, dignificante, politizada, respeitosa, civilizada, programática, ética e solidária, percebi a necessidade de contribuir, antes da convenção, para superar divergências visíveis e carências estruturais, com o objetivo de entrar na campanha com o mínimo de possibilidades asseguradas de sucesso para o partido e as candidaturas majoritárias e proporcionais.

Em conversas longas e breves com Edson, Ari da Mata, Juliana Matos, Dumas, Bassuma, João Jorge, Bete Wagner, Euvaldo

Maia Filho, Ivanilson, Juarecê Lordelo, além de jornalistas, publicitários, parlamentares e dirigentes de outros partidos, formatei uma compreensão nada animadora do quadro político atual. Procurei todas estas pessoas com o simples e claro objetivo de tentar, até o sábado da convenção, um mínimo de unidade e superação de divergências.

A constatação da realidade única de que precisaremos do máximo de votos de candidaturas e legenda me fez traçar os seguintes cenários conjunturais de hoje:

1. O PT e o PSB jogarão todas as suas fichas para eleger Píndaro e Lídice para o Senado por razões óbvias, de curto e médio prazo, para os projetos em execução e planejados. Wagner é favorito, porém a realização do segundo turno na Bahia será diretamente atrelada ao segundo turno nacional e terá, no decorrer da campanha, seus sinalizadores de alianças;

2. O PMDB carregará todas as suas energias na busca de eleger César Borges seu senador, condição fundamental de continuidade no processo no presente e no futuro. Geddel tem estrutura, poder e apoio político partidário para ocupar espaços inimagináveis, além de vontade, gana e disposição para luta em todos os campos;

3. DEM/PSDB, com ACM (sem Jr.) diretamente convocado por Serra, apostam todas as suas fichas na manutenção do que lhes resta na representação dos setores de direita, de parte do empresariado e do espólio político no interior. Paulo Souto tem

seu patamar histórico de votos e terá também, na unidade com Serra, seu grande trunfo;

4. Nós temos Marina, Marina, Marina. Temos a legenda e as bandeiras. Temos a leveza e a simpatia. Não temos o puxador de votos, o histórico, a máquina, os recursos, o apoio, a militância quantitativa e qualitativa, a estrutura partidária. A emoção, a alegria, a paixão, a passionalidade, a esperança, o voto de opinião e resistência, o desejo de mudanças não parecem ser, neste momento, as fontes necessárias para uma construção vitoriosa.

Avaliei com alguns companheiros a possibilidade de dois candidatos ao Senado. Obtive (e agradeço) o aval de Edson, Bassuma e Ivanilson para trabalhar o consenso e a pacificação até a convenção. Obtive de João Jorge o compromisso de, em caso de não obter a legenda para seu pleito, manter-se no partido e, mais que isto, ajudá-lo a consolidar-se no pós-eleições. Articulei com Bete todas as possibilidades. Estou convencido de que o PV da Bahia caminhará com as candidaturas únicas de Edson ao Senado, Bassuma ao Governo, outros companheiros para deputado federal e estadual. Todos terão votos com todos, sem fidelidades e infidelidades, como está a lógica eleitoral hoje. Os argumentos de decisão nacional, da divisão do pouco tempo de TV, da compreensão pelo público externo de falta de unidade interna, a divisão da estrutura, as experiências de Marina no Acre, dentre outros fatores, sustentam a decisão final de candidatura única ao Senado.

Indiquei para o partido a W4 Comunicação como agência

especializada em marketing político, e Abílio, da Flávia Filmes, como estrutura de RTV. Conversei, ouvi, falei, andei, reuni e tentei, das minhas formas possíveis, ajudar o partido a chegar à convenção com unidade e superação. Não consegui! Compreendo-nos frágeis e com imensos desafios. Compreendo-nos divididos e individualizados (nas ações e projetos). Vejo-nos isolados e com dificuldades construídas por decisões individuais e coletivas equivocadas.

Somos todos personagens da história. Uns com mais, outros com menos responsabilidades no processo, porém todos fazemos a história. Todos somos maiores e responsáveis, sem culpas, apenas com responsabilidades de decisão. O tempo nos dirá os erros e acertos das nossas decisões de hoje, das opções que fizemos e fazemos. Não me sinto aliviado, com sensação dever cumprido perante o partido e a sociedade em que vivo ao tentar, do meu jeito e forma, construir uma unidade a mim imaginária, como também não me sinto compromissado com projetos que não tenham nascido da construção democrática, participativa, civilizada e política.

Quero agradecer especialmente a Edson, Bassuma e Ivanilson pelo apreço, respeito e atenção. A Bete e João Jorge pela confiança.

Reafirmo meu apreço a todos que veem na política algo além do eu, nos que acreditam na política como forma de transformação, democracia e liberdade.

Saudações limpas, sustentáveis, equilibradas, ambientalmente saudáveis.

Lembrança de você no ar!

São 22:45 de segunda-feira e estou no ar, nas asas da Oceanair Avianca, entre Recife e Petrolina, após decolar de Salvador às 20:30 rumo ao trabalho e ao sempre imprevisível, que é o próximo momento, por mais que insistamos em prevê-lo. Escrever nos ares e dos ares para uma pessoa de quem lembrei e gosto para mim é inédito, pois na maioria das vezes fico fazendo os tradicionais projetos, propostas e apresentações.

Lá embaixo há manchas de luzes no escuro entrecortado de mais escuros das nuvens passantes. São cidades de pessoas tão distantes que nem formiga são. Cidades são manchas na terra, manchas manchadas. Acho que esta frase tem duplo sentido, como pessoas são formigas, daqui de cima olhadas.

Eu viria a Juazeiro de carro e, para ir e voltar, gastaria 10 a 12 horas de estrada. Alcir me convenceu a vir de avião e gastar seis horas de ida e volta. Custo-benefício inquestionável!

Li os jornais e o que valeu a pena foi saber que o Brasil, apesar de ter a maior biodiversidade do planeta, é o país que menos faz fitoterápicos: mais um potencial inexplorado! Saber que livros exaltam a volta do macho sensível, do gay heterossexual, através de Xico Sá e Fabrício Carpinejar, através do Mulher Perdigueira. No mais, a mesmice do mesmo, mesmo que insistamos em ser diferentes e querer fazer diferente o que repetimos todos os santos (ou não) dias.

Este sanduíche de pão de leite com uma cacetada de queijo derretido parece praga. A aeromulher oferece amendoim dizendo ser japonês. Acho que é pelo pequeno tamanho do grão. Minha primeira vez de Avianca parece minhas muitas vezes de TAM e Gol, reacendendo a saudade da velha Varig, de talheres de prata ou inox, taças, vinhos e outra bebidas, glamour de voar. O avião tem três poltronas de um lado e duas do outro, prova de desequilíbrio e justificativa (de minha imaginação) para todas as curvas feitas serem sempre para a direita.

Do meu lado, duas meninas pra lá dos 70 ostentam suas belas roupas de festa – fazem charme e comem tudo o que lhes dão. Os belos anéis e relógios enfeitam as mãos enrugadas. Seus cabelos chapeados e tingidos lhes fazem a apresentação do moderno envelhecer com charme e graça. Lembrei do baile que vi na sexta-feira, no Clube Espanhol. Uma graça, uma curtição digna de se ver e deleitar, com os bailarinos e dançarinas velhinhos, fogosos.

Avião é coisa de doido! A zoadá às vezes constante, às vezes entrecortada, o planar sem susto e o balançar sem jeito, o freio sem fim e o levantar de asas no limite. Sempre uma aventura! As aeromulheres e os comissários fazem curso de Sílvio Santos para sorrir fácil ou de José Serra pra parecerem múmias. Tudo ensaiado.

Fico pensando em meus amigos e amigas, no que estão fazendo, nos seus sonhos, nas suas metas, nas suas realizações. Todos vitoriosos em suas histórias. Sobreviventes de sucesso. Todos

Lembrança de você no ar!

venceram. Não chegaram lá por acaso, pois aqui é um lugar em que, quando a gente chega, esquece e só lembra quando vale a pena. Lembrem-se disto para fazer o agora. Aqui de cima, seguramente inseguro, lhes digo: não adie sonhos, vontades e desejos, salvo se realizá-los, seja um ato de irresponsabilidade, insanidade incorrigível. Faça, não mande recado ou empurre com a barriga, mesmo que seja ir à praia durante a semana, fazer aquela ousadia – fantasia desejada.

Hoje tive vários papos políticos e empresariais. Vi e ouvi que todos querem uma saída que poucos veem. Nós a temos: viver, realizar, fazer acontecer o que de melhor podemos ter e fazer!

Ops! A veia cochilou e caiu em meu ombro! Deve dar torcicolo!

Preparar para o pouso! Pouso não é parar, é apenas mais um ponto para novas decolagens nas viagens da vida.

Condene todas as formas de violência

Todo cuidado é pouco. Se houver sinais de distúrbio, mantenha distância.

Quem cuida de desajustados são especialistas ou responsáveis.

Prevenção, em qualquer situação, é medida de autoestima. Se o homem não é somente produto do meio, com certeza o meio poderá lhe ser hostil ou acolhedor. Saiba escolher.

Como Napoleão classificava seus soldados

Napoleão Bonaparte classificava seus soldados em quatro categorias:

1. Os inteligentes com iniciativa
2. Os inteligentes sem iniciativa
3. Os ignorantes sem iniciativa
4. Os ignorantes com iniciativa

1. Aos inteligentes com iniciativa, Napoleão dava as funções de comandantes gerais, estrategistas.

2. Aos inteligentes sem iniciativa, Napoleão os deixava como oficiais que recebiam ordens superiores, para cumpri-las com diligência.

3. Aos ignorantes sem iniciativa, Napoleão os colocava à frente da batalha para serem “buchas de canhão”.

4. Os ignorantes com iniciativa Napoleão desprezava. Não os queria em seus exércitos. Um ignorante com iniciativa é capaz de fazer enormes besteiras e depois, dissimuladamente, tentar ocultá-las. Um ignorante com iniciativa faz o que não deve, fala o que não pode, envolve-se com gente inadequada e depois diz que de nada sabia. Um ignorante com iniciativa faz perder boas ideias, bons projetos, bons clientes, bons fornecedores, bons ho-

mens públicos. Um ignorante com iniciativa produz sem qualidade, porque resolve alterar processos definidos e consagrados. Um ignorante com iniciativa é, portanto, um grande risco para o desenvolvimento e o progresso de qualquer empresa e/ou governo.

Um nauta

As angústias e medos que temos ao longo do percurso, decorrentes das inseguranças das condições naturais de sobrevivência neste país sem justiça social, são as mesmas dos navegadores diante das tempestades e calmarias. Assim, viver é um risco a que devemos nos acostumar. Devemos ser responsáveis e seguros no que fazemos, ousados e arrojados, mas caminhar sempre na direção da alegria, da paz de espírito, do prazer, do bem-estar, das boas e simples emoções, como comer bem, dormir bem, beber bem, amar bem, fazer o que se gosta.

Aproveite!

Desmoralização da política

O debate é de métodos, formas, modelo, sistema, ideário, práticas, estrutura, discurso. Durante o encontro do PV neste sábado, atento aos discursos e práticas, rememorei algumas experiências dos meus tempos de movimento estudantil, militância e direção partidária. Isto mescla a alegria de lembrar memoráveis histórias e a tristeza de ver que pouco mudou, que não somos capazes de avançar em muitas coisas fundamentais.

Quero me ater neste breve comentário sobre política de aliança eleitoral e política de gestão governamental, fruto de alianças vitoriosas. Pelo que ouvi, especialmente das direções municipais do interior, nada mudou entre o “Governo Democrático” de 1986 e a “Bahia de Todos Nós” de hoje. Significa retrocesso, involução se as práticas se repetem.

Ganha-se com um grupo e governa-se com outros. Ganha-se com os vitoriosos e governa-se com os derrotados. Dupla traição. Aos companheiros e aos eleitores. Somos guerreiros e heróis das lutas, mas intrusos nas festas e comemorações. Cargos públicos importantíssimos para a execução das mudanças urgentes são vergonhosamente preenchidos por critérios meramente eleitorais e “politiqueiros” desprovidos de competência, formação, qualificação, compromisso, responsabilidade, mérito.

Se somos úteis e valorosos para ganhar uma eleição, por que não o somos para governar, participar e influir? É um golpe ina-

Desmoralização da política

ceitável ao eleitor derrotar grupos e partidos em uma eleição, principalmente no interior, e depois ver estes mesmos grupos se manterem no poder, com as mesmas práticas e métodos, como se eleitos fossem.

A administração sem projeto e planejamento gera a “partilha” de cargos baseada em interesses de grupos, de negócios, de projetos de poder sem ligações com planos de interesse das “bases”, de manobras.

Ponto um para o debate: política de aliança eleitoral e política de gestão governamental.

Ética na política e nas relações

Para falarmos de ética na política, deveríamos compreender política como todo tipo de relação que desenvolvemos e travamos. Quando falamos de ética na política, pensamos especificamente na política partidária, eleitoral e na representação política nos parlamentos e nas administrações públicas eletivas.

Minha militância estudantil, partidária, sindical e associativa me mostrou que ética na política é um desafio global, planetário, de toda a sociedade e essencialmente pessoal. É uma postura, uma atitude de cada dia, hora e momento, seja no trânsito, no trabalho, no restaurante, na rua, em casa.

Não sei se por formação, cultura, influência, educação ou outras justificativas oferecidas pelos sociólogos e psicólogos, minha avaliação após estes poucos anos de estrada é que, decididamente, alguns brasileiros não têm noção ou postura ética. Julgam-se espertos, gostam de levar vantagem, são patrimonialistas, clientelistas, omissos, despolitizados, às vezes escrotos, canalhas, maus-caracteres.

Longe de ser uma crítica, esta constatação pode ser a base das mudanças que queremos. Estas pessoas existem, estão no nosso dia a dia, decidindo por nós, nos dirigindo, governando, formando nossas opiniões.

Conversei com amigos sobre as eleições na Ordem dos Advogados, nos sindicatos, Associação do Pessoal de RH, das agências

de turismo, das entidades de classe, conselhos profissionais, diretórios partidários. A constatação é a mesma: golpes, rasteiras, manipulações de resultados, desvios de recursos, uso indevido dos cargos e funções em benefício próprio ou de grupos, etc. Os que levam vantagem não percebem e entendem que estão construindo um mundo onde seus filhos não poderão viver, que estas más energias estão aí permeando a violência de todas as formas e modelos. Há gente boa ou ruim em todos os setores, todos os segmentos e todos os locais. O desafio da humanidade é imenso por ter um mínimo de compromisso com a maioria!

O Congresso, as câmaras, os governos, as empresas, as entidades, os condomínios repetem histórias de um mesmo filme, mesmo enredo, mesmos atores. Estamos atrasados, andando para trás, nivelando por baixo, emburrecendo, embrutecendo. Os avanços são menores do que os retrocessos.

Alienação, ignorância, egoísmo, individualismo exacerbado não nos deixam entender que estamos destruindo toda e qualquer possibilidade de um mundo melhor, de melhores dias, tornando vazios todos os discursos de qualidade de vida, sustentabilidade, ecologia, meio ambiente, solidariedade, mudanças, esperanças.

Entrevista

Antes das eleições 2010, Aquino concedeu a seguinte entrevista para a jornalista Helô Sampaio. Na época, ele havia se lançado como possível candidato a governador pelo PV. Aqui ele fala de ética, de projetos políticos, meio ambiente e da consciência para um mundo melhor.

“A sociedade baiana deseja mudanças profundas, que não contemplam estruturas partidárias tradicionais, grupos de poder já testados e nomes desgastados pela ação política profissional”
“Se o candidato do PV for Bassuma, sei que ele é contra o aborto, mas, como candidato e governante, saberá respeitar as decisões maiores da sociedade, os direitos universais e os aspectos da legalidade e saúde pública. Defendo um plebiscito sério para definir esta questão, em respeito às minorias e às liberdades”.

Pré-candidato pelo Partido Verde, Antonio Carlos Aquino de Oliveira é baiano de Ilhéus. Militante político desde a década de 70, foi contemporâneo de Lídice da Mata, Javier Alfaya, Cândido Vaccarezza e outros nomes no movimento estudantil e de figuras como Jorge Hage, Filemon Matos, Chico Pinto, Domingos Leonelli, Luiz Umberto, Élquisson Soares.

Helô Sampaio - Você se coloca como candidato a governador pelo Partido Verde?

Antonio Carlos Aquino - Mesmo fora da militância e liderança partidária, jamais deixei de ser um ativista político, de me posicionar diante das questões públicas, quer seja nas entidades que ajudei a fundar e presidi, quer seja em eventos, debates ou em artigos para jornais e revistas. Sempre tive lado, tive opção política clara. Participei do movimento pela ética na política na Bahia, com muitas ações. Tenho um nome político limpo, sem mácula. Fui dirigente na época mais ativa do PSB.

Eu estava totalmente desiludido com a política partidária. Afastei-me e fiquei fazendo uma política de crítica e protesto, que considero importante, mas estéril. É o que fazem os intelectuais e os “formadores de opinião”. Quando Dilma defendeu Sarney, decidi que iria parar de votar. Aí surge Marina Silva. Mandei um e-mail para o gabinete dela dizendo que, se ela fosse candidata, eu entraria no PV e colocaria meu nome à disposição para o Governo da Bahia, para ajudá-la e para fazer um discurso que nenhum candidato pode fazer. Disse isto mesmo a amigos. Um dia, fui convidado a entrar no PV. Aqui estou. Sou pré-candidato para avaliação interna, para o debate com a militância e lideranças. Não me coloquei para a imprensa e para a sociedade.

Helô - Você já teve cargo eletivo, por que não se coloca para deputado?

Aquino - Jamais perdi uma eleição para diretórios, sindicatos, conselhos, associações e federação. No governo Waldir Pires, quase fui candidato a prefeito de Itajuípe. Quando Pedral (Sampaio) foi preterido para o Governo da Bahia e saiu para deputado federal, candidatei-me para estadual apenas para ajudar: não levei à frente. Coordenei campanhas, grandes comícios, fiz marketing político, sei o que é e como funcionam os parlamentos. Não é este o meu perfil. A política a cada dia fica pior e cede espaço para fazer negócios. Eu não acredito neste modelo de representação, neste formato de eleição, nestas regras políticas, neste modelo partidário. Partidos são cartórios, e parlamento é instrumento de todos os interesses, menos os da população, que, contraditoriamente, não tem canais de expressão e representação. Eu sou executivo.

Helô - Por que o PV?

Aquino - A Bahia é pequena e nós, de esquerda, socialistas, oposicionistas, somos os mesmos, apesar de atuarmos em grupos e partidos diferentes. Conheço Juca Ferreira, Edson Duarte, Ivanilson, Bete Wagner, Roque Aras, Ary da Mata e tantos outros há muitos anos. De alguma forma, sempre estivemos do mesmo lado, buscando os mesmos ideais. Cheguei ao PV, Helô, e encontrei você, amiga de infância, que me deu carreira quando criança (risos). Aí, vi que estava tudo em casa. Sou novo no partido, mas velho na luta democrática.

Helô - Qual a sua trajetória de lutas ambientais ?

Aquino - Sou tabaréu de Ilhéus, menino do cacau, que come fruta tirada do pé, criado tomando banho em rios outrora despoluídos como o Rio Almada, Rio Cachoeira, Rio do Braço. O cacauicultor da minha época era preservacionista. A terra nos dava tudo, e o cacau só queria sombra e água fresca. Nós tirávamos tudo da fazenda: da criação ao plantio.

Vivi depois os crimes da Ceplac, do BHC, do Cobre Sandoz, dos pesticidas fornecidos pelas multinacionais. Éramos ignorantes e fomos usados, como até hoje se faz na África e nos países mais pobres. No Brasil ainda se usam recipientes tóxicos e se aplicam defensivos sem os devidos cuidados. Sinto profunda tristeza em ver o Rio Almada morto, transformado em esgoto e assoreado. Quando fizeram o matadouro de Itajuípe às margens do rio, denunciei. Porém era uma época em que a Bahia tinha donos. Lutávamos contra os atos e os fatos, mas não havia a bandeira ambiental.

Depois, não na linha de frente, ajudei os movimentos em defesa do Rio São Francisco – uma paixão, um tesouro natural. Sou viajante e aventureiro. Sempre no caminho da serra, do mato, da praia. Quase nunca no da cidade. Atualmente, estou num trabalho com o pessoal de Barra do Serinhaém. Adoro o Baixo Sul, a Costa do Dendê, o Vale do São Francisco, a Chapada – que conheço bem.

Helô - Como você vê a candidatura de Marina?

Aquino - É a única possibilidade de mudança e avanço. E viável eleitoralmente. Marina é uma nova possibilidade. A eleição não mais será plebiscitária. Com ela, renovam-se as esperanças. Porém os desafios são imensos, insanos. Se eleita, Marina terá que demonstrar a mesma fibra e energia que a mantém viva e a fez chegar aonde chegou. A fantástica história de Marina a credencia para avançar, consolidando o que foi feito de bom, corrigindo as gravíssimas distorções e retrocessos. O que não será fácil com tantos anos de desmandos, preservados até então. Eu não cultuo ídolos ou gurus, mas tenho profundo respeito por pessoas éticas, competentes, sérias, construtivas, profissionais. Marina é isso. E precisará do que de melhor o Brasil possui em pessoas, inteligências, talentos, competências para promover a transformação social que o País necessita.

Helô - De que transformação você fala?

Aquino - De valores, métodos, sistema, modelo. Em tudo. Modelo desenvolvimentista, modelo gerencial, modelo político, envolvendo todos os campos como o da educação, saúde, infraestrutura, segurança, transportes. Os avanços são tímidos e aquém do que precisamos. Não há como o Brasil mudar com esta máquina pública enferrujada e desmotivada, com elevados graus de vícios. Não há transformação possível sem a mobilização profunda e permanente da sociedade, das organizações sérias.

Não falo do sindicalismo pelego, das lavanderias, dos aparelhos. Falo de cidadania, de mobilização pelo resgate da juventude, do mérito como reconhecimento, da autoestima, da sustentabilidade social, da vontade do povo em mudar, em ser melhor, em poder andar sem medo. Não é fácil, mas é o desafio. Não há um único segmento – da economia e social – que não tenha problemas graves. A matriz energética, por exemplo: fazer usina nuclear na Bahia, com tanto vento e sol para energia eólica, ou com a possibilidade de aumentar a potência dos parques instalados das hidrelétricas. Os portos, hidrovias e ferrovias. Há uma tremenda confusão entre comunicação e propaganda, geralmente sem conteúdo e de bordões. É mais do que urgente fazer os brasileiros acreditarem que é possível mudar, é possível fazer acontecer.

É necessária uma profunda auditoria nas contas e um rigoroso diagnóstico para melhorar os bons planos e programas, aperfeiçoando-os, e descartar os ruins. Prioridades por áreas, metas, objetivos claros. Não ter Estado grande ou pequeno, mas um Estado atuante. O Estado, no Brasil, teve, tem e terá papel fundamental. Deve voltar-se para quem dele precisa, regular o funcionamento dos setores, ter planos globais, ter controle.

Helô - O que você chama de mobilização profunda da sociedade?

Aquino - É o movimento contra a corrupção no serviço público, o paternalismo, o clientelismo, a violência, burocracia,

educação de baixa qualidade, agora também no setor privado. Queremos segurança: que o policial não seja mais um bandido a nos achacar. Queremos educação pública de qualidade, o que inclui todas as raças e classes, sem reparações. Queremos mão de obra qualificada e treinada para o trabalho. Queremos confiança para comprar um remédio, consumir alimentos, tomar banho nas praias, circular nas rodovias. Veja o caso do rodoanel paulista, que vexame! Como seriam as obras públicas se nas concorrências vencesse o melhor e recebesse por isto? Como seria o fluxo de caixa das empresas se o governo fosse sério ao pagar? E na educação? Não compreendo um aluno que não aprendeu prosseguir passando. Como pode um aluno agredir um professor, um colega e não ser expulso ou transferido para uma escola especial? Para mim, roubar merenda escolar, remédio público, dinheiro público, deveria ser crime hediondo. Como compreender e aceitar um governador flagrado recebendo propina e continuar solto, enquanto mais de 10% dos presos estão nas cadeias por valores ridículos? Mobilizar a sociedade é trazê-la para o projeto do novo, do ambientalmente limpo e arejado mundo social.

Helô - Por onde começar?

Aquino - Resgatando o planejamento, a pesquisa, os dados reais e confiáveis, os diagnósticos sérios, bases indispensáveis para decisões acertadas. Os números citados pelos governantes são uma brincadeira. É criminosa a ocupação das cidades, a re-

lação entre os poderes. É vergonhosa e humilhante. A situação fundiária urbana e rural é caótica, como a ocupação do patrimônio da União, áreas de praia e proteção. Cada um tem um papel e deve cumpri-lo, e não negociá-lo. Cada órgão e instituição tem um papel essencial e deve desempenhá-lo bem, com qualidade. É preciso tirar os burocratas viciados das comissões de licitações, dos setores de fiscalização e controle. Treinar, qualificar, motivar os funcionários bons e ativos. Aposentar os que já contribuíram para o bem social. Selecionar profissionais por concursos públicos sérios, sem apadrinhamentos. Dar aos funcionários de carreira condição funcional para coibir desvios de cargos de confiança políticos e temporários. Reduzir cargos de nomeação ao mínimo. Um país como o nosso não pode prescindir de um único profissional qualificado em todas as áreas.

Helô - Como enfrentar as máquinas milionárias?

Aquino - O político virou produto de marketing. É preciso uma comunicação nova, diferente, leve, direta. Por isto, defendo um candidato que possa encarar e propor o novo com credibilidade, com esperança, com realidade, que tenha segurança no que diz. Com a TV, a internet e a imprensa livre, muitas coisas melhoraram. A Justiça Eleitoral está mais atenta à compra de votos e aos abusos de poder. O partido precisa de uma assessoria jurídica competente e ágil. Não faltam agências com bons profissionais.

Helô - E a política de aliança?

Aquino - Lembra que as nossas mães diziam: dize-me com quem andas e dir-te-ei quem és? Pois é. As alianças eleitorais devem ser feitas em cima de princípios e afinidades. No segundo turno, o apoio deve ser ao projeto, à negociação de projetos, e não a negociatas. Defendo que o preenchimento de cargos se dê com o que se tem de melhor, sem preocupação se é do setor público ou privado, do partido aliado ou concorrente. Deve ser a pessoa certa para o lugar certo, que cumpra as metas estabelecidas. O partido que tiver melhores quadros ocupará mais e melhores espaços para servir à população, e não para servir-se. É lamentável o que vemos hoje no preenchimento de cargos. O povo é que sofre e paga o prejuízo causado por pessoas desqualificadas ou afilhados políticos.

Helô - Como você vê os demais candidatos? Qual será a sua postura nos debates?

Aquino - Só há um candidato posto, que é o governador. Os demais estão, por razões diversas, a avaliar seus destinos. Tenho amigos em todos os partidos, de todas as ideologias, raças, credos e opções. Eu os respeito e sou respeitado. Cabe a nós propor o novo e a eles defender seus projetos. Creio que o discurso de transformação somente nós podemos fazer. Eles estão em avaliação dos resultados sempre aquém do prometido. Nós estamos aqui para apontar novos rumos, novas propostas e projetos.

Os atuais governantes, de todos os partidos e de todos os níveis, são vítimas deste modelo de aliança e relação que gera frequentes escândalos. Nós não temos compromisso com isto. Não acreditamos que governabilidade seja negociada com orçamento, mais ou menos cargos, mais ou menos poder. É preciso construir um plano de governo, com influência em todos os municípios, em que os deputados opinem, participem indicando ações, defendendo teses, trazendo resultados políticos, não o emprego pelo emprego. Vamos falar de nós, o que pensamos e queremos no Partido Verde, que é diferente do que eles pensaram e fizeram. O debate é de ideias.

Helô - O que você acha da reforma agrária na Bahia?

Aquino - Sou do campo e sei que o campo não é só a poesia das músicas sertanejas, o banho de rio ou a fruta doce. É luta dura. Existe o agronegócio, às vezes predador para ser produtivo, competitivo. Existe o médio produtor, que mora na cidade e, às vezes, tem outros negócios e a agricultura familiar. Todos precisam de apoio, infraestrutura, fiscalização, acompanhamento. Há novos problemas no campo como a segurança. É preciso esvaziar os escritórios e encher a zona rural de agrônomos, veterinários e técnicos. É preciso levar a tecnologia e a modernidade ao campo, nossa maior base e vocação. A revolução começa por aí: assegurando-se meios para que o homem permaneça na zona

rural, com infraestrutura, com apoio total, mas sem paternalismo e clientelismo. Precisamos de agricultores e produtores de verdade, não de especuladores e gigolôs de terra. Outra questão a ser atacada é a questão fundiária. A tecnologia deve promover a organização de que o campo necessita, com geoprocessamento e outras técnicas. Os projetos de irrigação – produtivos, deficitários e os abandonados devem ser devidamente avaliados.

Helô - E a crise política no Brasil?

Aquino - Anunciada, prevista, recorrente. Pouco, muito pouco se mexeu nas causas, mas nas consequências, sempre sem punição. A parcela ignorante e manipulável do eleitorado sempre faz retornar o que tem de mais execrável no País, nos estados e nos municípios. Os parlamentares são uma radiografia da sociedade que representam. É preciso agir nas bases, na educação para a liberdade, para a cidadania, para a crítica. Nosso nível médio de leitura, de qualidade de vida, está aquém do mínimo que precisamos para ter um futuro melhor. O Brasil hoje não tem um único partido político, no sentido literal da palavra. Até porque não tem uma ordem política, um ordenamento. O perigoso é que o congresso, na maioria das vezes, não tem competência ou não quer fazer as mudanças necessárias. No vácuo, o Judiciário legisla, e o Executivo manda. Estamos em crise política e sem fatos novos, sem mudanças de regras, vamos continuar na crise.

Helô - Mudando para a política local, você não foi a Vitória da Conquista, Feira, Lençóis e Itabuna, que é sua região. Como quer defender sua candidatura no partido?

Aquino - Não estou livre para campanha e tenho viajado muito nestes tempos. Escrevi uma mensagem e pedi a um companheiro que a lesse no primeiro encontro, o que não ocorreu por falta de oportunidade. Para mim, os encontros decidiriam se o Partido Verde deveria ou não ter candidatura própria, que estrutura precisamos ter, qual o plano de aliança, as inscrições de candidaturas, teses para plano de governo... Eu não coloquei o meu nome: perdi espaço e tempo. Mas meu objetivo não é estar acima do partido, mas a serviço dele. Não quero ser candidato de minha vontade, mas representante de um projeto, quero ser útil e que meu perfil se encaixe no pretendido pelo Partido Verde. Acho que a candidatura ao governo agora é mais ousada do que foi a de Roque Aras, Edival Passos, Ulisses Guimarães, Waldir Pires em outras épocas: essas candidaturas eram para marcar posição. Coloco-me para fazermos o melhor pela candidatura de Marina Silva a presidenta do Brasil, pelo Partido Verde, pela Bahia e pelo Brasil, convicto de que há um vácuo político, que há uma vontade latente de mudanças que as alternativas postas não contemplam.

Helô - Podemos continuar em outras oportunidades com outros temas?

Aquino - Quando quiser.

Helô - Você vai ao encontro de Juazeiro ?

Aquino - Vou.

Helô - Nos vemos lá.

Aquino - Abração, Helô, e obrigado!

Políticas de Aliança – avaliações eleitorais

Há uma lógica e um ritmo imprimido ao processo que às vezes tira o “bom debate político” de todas as questões, todas as opções, das diversas variáveis que depois irão nos gerar as “gestões”, concertos e acertos. Ainda não estamos em campanha. Há de se separar os momentos.

Para manter o grau de mobilização das bases, de aglutinação das lideranças e superação de questões não abordadas, sugiro que se façam debates setoriais e localizados com candidatos majoritários, proporcionais, federais e estaduais, sobre seus projetos, propostas, razões, estruturas. Candidato ou candidatos serão sabatinados e farão explanações dos seus currículos, se apresentarão, defenderão teses, ouvirão dicas, conselhos e até mesmo opiniões respeitosa e contrárias.

Hora de falar e fazer POLÍTICA. Política de aliança, perfil de candidatos, cadastros gerais e amplos, organização financeira total, credenciamento de delegados para convenção, regularização de diretórios quanto a documentos e pagamentos, formatação de discursos e propostas, levantamento de dados.

Eleições do Chile - exemplo para o Brasil

Se o megaempresário e candidato pinochetista Sebastian Piñeda vencer as eleições no Chile, isso será uma ducha de água fria nos avanços políticos vividos pela América Latina nos últimos anos. Mas ao mesmo tempo não significa uma recuperação da direita no continente.

O complexo arco de alianças chileno levou a Concertación, agrupamento que parece um pouco uma aliança PT e PMDB e que já está há 20 anos no poder no país, a decidir pelo conservador Eduardo Frei, que já foi presidente, para ser o cabeça de chapa da aliança na sucessão da socialista Michelle Bachelet.

É como se Dilma, depois de uma gestão bem-sucedida, escolhesse Michel Temer para lhe suceder. Não é uma operação simples convencer o eleitorado a fazer tal escolha. Nem cá, nem lá.

Por conta dessa contradição, surgiram duas outras candidaturas no campo progressista que estão dividindo o eleitorado da Concertación. Uma delas, a de Marco Enriquez-Ominami, pode ter 20% dos votos. E nada garante que, se vier a ter um segundo turno, esses eleitores decidam apoiar aquele que comparei com Michel Temer, o Eduardo Frei.

Se Piñeda vier a ser eleito, isso se deve muito mais a uma estratégia equivocada dos socialistas chilenos que não souberam dar um passo para a esquerda após um governo de grande po-

pularidade. No Brasil, a aliança do PT com o PMDB é algo que precisa ser sempre avaliado em relação ao seu custo-benefício. Neste momento, por exemplo, tendo a achar que a chapa Dilma e Ciro seria imbatível. Com ou sem PMDB. Até porque ao PMDB só restaria apoiá-la ou ficar neutro. A candidatura Aécio seria inviabilizada sem o apoio de Ciro e, com Serra, uma enorme parte do PMDB não vai.

Se eu estivesse no grupo de articulação governista da sucessão de Lula, olharia com carinho o processo chileno. É sempre bom ter em mente que a melhor aliança quem define é o eleitor.

Os desafios da “regionalização”

As constatações da realidade do nosso dia a dia nos ensinam que espaço não se ganha, conquista-se. Nós, nordestinos, em especial, temos este desafio natural, no qual sobreviver é vitória, vencer é a glória.

O tema do momento, já não tão novo, é a regionalização. Considerando ser desnecessário abordar o assunto pelo lado que as Abaps capítulos estaduais e Sinapros, as agências e as lideranças já fizeram com enorme competência, quero focar nos desafios da regionalização, dos “mercados” fora do eixo São Paulo /Rio de Janeiro, de um Brasil continental, plural, místico, gastronômico, natural, belo, mestiço, folclórico.

O maior desafio é “conquistar o espaço”, que não nos será “dado” de graça ou sem muito trabalho. É preciso mostrar a importância das oportunidades de negócios regionais para os anunciantes e como uma comunicação adequada a cada mercado pode contribuir para o crescimento de suas marcas.

Nossa comprovada competência em sobreviver deverá ultrapassar os limites normais atuais para a condição de vencer, ter sucesso, dar resultados, provar ser capaz, incontestavelmente. Não basta falar com sotaque, entender a cultura, saber “os caminhos”. É preciso ter dados, informações, pesquisas, números reais e objetivos para defesa de meios e investimentos. Não bastam belas estruturas ou quantidade de pessoas, é necessário profissionalis-

mo, competência, agilidade. Não é a verba aplicada que importa, é o resultado obtido na equação entre o que foi gasto e o que retornou, cresceu e ampliou para o cliente, seus produtos, serviços e marcas. Cumplicidade, lealdade, parceria, sem chavões ou discurso vazio.

É preciso entender que o Brasil mudou e, com ele, deve mudar a nossa forma de comunicação. Como disse Julio Ribeiro, “os mercados regionais, em seu conjunto, são mais importantes hoje do que cada um dos grandes mercados, porque mudou o País, o modelo econômico e o modelo das famílias”.

Durante o ENA, realizado em São Paulo em setembro, isto ficou posto e claro por quem paga a conta, o anunciante: a nova ordem da comunicação é buscar caminhos para impactar todas as classes, mensurando resultados, otimizando a cadeia produtiva e superando crises e dificuldades. Quem se habilita? Estamos prontos para vencer os desafios?

De baixo para cima, pelas bases, deveremos contribuir para a organização das associações de anunciantes estaduais, a exemplo da ABA, pois um bom trabalho de marketing começa por quem pede e manda. As entidades promotoras das ações coletivas de estímulo aos mercados e ao profissionalismo (associações, centrais, sindicatos e federações) não podem ser meros “cartórios ou grupos”, passando a efetivos e concretos trabalhos aglutinadores e fiscalizadores, sem corporativismo, evitando desvios maculadores do conjunto e promovendo o mérito e o sucesso como referência.

Nos meus 25 anos de convivência com “comunicação”, dez como anunciante ou usuário e 15 como veículo, vi e vivi as facilidades e dificuldades de trabalhar no Nordeste com propaganda, onde criatividade é mais que um “dom”, é uma imperiosa exigência de sobrevivência. Tomando a Bahia como referência, somos um estado de poucas verbas, poucos anunciantes grandes e fortes, de muitas demandas. Somos fornecedores de insumos e consumidores de produtos finais, onde o bolo é muito menor do que as bocas que se tem a alimentar. Nos demais estados do Norte, Nordeste e Sul, não é diferente fora do eixo São Paulo/Rio. Daí a exigência de muita criatividade, trabalho, competência para buscar o novo, regionalizar as verbas concentradas.

O bolo é mal dividido e, para fazer jus a um pedaço, é preciso vencer o desafio de mostrar que o próprio consumidor quer se ver na comunicação e as empresas regionais estão mais capacitadas a fazer isto. Elas sabem como propor, encantar, diferenciar, arriscar, ousar. O anunciante paga e investe, quer resultado, quer ver o gráfico com a curva ascendente, quer ver o planejamento bem-feito, justificado, defendido. Marca é patrimônio e, como tal, a joia do tesouro. A nossa marca está direta e umbilicalmente ligada às marcas que cuidamos no planejar, criar, produzir, exibir e avaliar, corrigindo rumos, modernizando, adaptando e crescendo, sempre.

Não há mais espaço para o esperto, mas para o ético, leal, transparente e solidário com seu cliente. Estamos juntos no jogo

para o que der e vier, somos um para ganhar, somar, multiplicar.

Não há espaço para pensar nas crises, mas em como superá-las, vencê-las. Não há tempo para reclamação e lágrimas, mas para ousadia criativa, convencimento, venda de nós mesmos e dos nossos verdadeiros talentos, até porque muitos deles já vêm fazendo bonito no mercado nacional.

Isto não é tarefa para amadores, aprendizes, mas para inovadores, motivados e motivadores, pessoas capazes de ver onde outros não enxergam, não com oportunismo, mas com oportunidade crítica, sensata e lúcida, como já aconteceu com grandes anunciantes privados como a Fiat, GM, Sadia, dentre outros, que perceberam que precisavam dialogar com cada público, em cada lugar do País, porque cada um tem uma cultura diferente, como disse Eduardo Bernstein, diretor de Marketing da Sadia.

O desafio é maravilhoso, pois o jogo é duro. A regionalização é o futuro do mercado de comunicação. Nosso lugar é na primeira divisão, provando que merecemos jogar o campeonato e deixando claro que podemos ser campeões.

Honoráveis bandidos

Relaxe, pois não vai mudar...

Não é “o homem”, “o cara”, este ou aquele picareta, é da natureza humana o poder, o dinheiro...

Não procure os bandidos, são todos artistas, com melhores ou piores papéis, mas todos artistas fazendo seus scripts e suas peças...

Ando tão...

Às vezes eu me sinto tão, tão cansado, mas não pra dizer que estou indo embora...

Às vezes ando tão à flor da pele que qualquer coisa me faz chorar...

Às vezes o meu sorriso é meu maior disfarce, mas às vezes a alegria é minha mais legítima expressão.

Letras ácidas

Às vezes penso no lado “limão” dos meus textos, nos meus artigos, “mais realista que a realidade”. Quando li este texto recebido de um grande amigo, lembrei das muitas outras utilidades do limão, que, apesar da acidez, tem vitamina, têmpera, limpa, refresca, com 100% de utilidade. Sim, apesar de nossa “acidez”, existe muito mais alegria em ter e levar felicidade.

Bom final de semana, de consciência negra, branca, índia, mulher, menor, idoso, gays e todos que possam sentir-se minoria, esquecendo sua condição de raça única, com necessidades iguais, direitos e deveres iguais...

Abundância não é desperdício

Quantos de vocês já contemplaram ou se deliciaram sob as águas de uma cachoeira? Quantos de vocês caminharam horas, subindo e descendo para conhecer e reverenciar uma queda d'água? Se você é um dos que já fizeram isto, reflita comigo; se não, faça e volte para ler de novo.

Sob a força de uma hidromassagem natural, às vezes para nós, humanos, esmagadora e fatal, nos perguntamos se não terá fim ou intervalo aquele fluxo de água, aquela abundância, aquela “esnobez” demonstração de poder, beleza, realeza, divindade.

Como pode aquele espetáculo ser eterno, permanente, contínuo, se nós, humanos, passamos, temos percepção local, horária, temporal, limitada? Vamos e voltamos e elas estão lá, segundos, minutos, horas, dias, meses, anos... lá, belas, deslumbrantes, com mais ou menos água, mas caindo, molhando, seguindo...

Quantos de vocês já viram o pôr-do-sol no horizonte, no rio, no mar, nas montanhas? Como pode um artista pintar as mais fantásticas e deslumbrantes aquarelas e degradês e depois, em segundos, se dar ao luxo de rasgar ou apagar a tela infinita? Debochado, esnobe, divino artista, eu não sou capaz de fazer, nenhum homem o é, porém eu sei que amanhã você voltará e novas telas fará, e nós, deslumbrados, apaixonados, românticos, amantes e amados, contemplaremos tua arte.

Abundância não é desperdício, veja o que precisa e a natu-

Abundância não é desperdício

reza lhe dá!

No interior da Bahia, tinha uma piada de matuto que os velhos contavam. Certa vez, o médico perguntou para a matuta: A senhora urina, mija com abundância? Ela, respeitosa e timidamente, respondeu: Não, dotô, mijo com a bucetância!

Um devaneio em Itacimirim

Hoje é sábado. O banho de mar das cinco da tarde em Itacimirim tem um “sabor” diferente. A água é quente, acolhedora, aconchegante, envolvente. A brisa que nos segue entre a praia e a toalha é refrescante, provocante, às vezes sensualmente arrepiante.

Luciana e Roberta têm atum e bejupirá quase frescos, tratados e em postas. O quintal tem manjerição e alecrim fresco. Alho, pimenta e sal. Limão. Descansa o peixe no tempero. A grelha é uma panela quente, levemente untada com um bom azeite de oliva. Os legumes, acelgas, cebolas, vagem são grelhadas no shoyo. O vinho é latino-americano, sem dinheiro no bolso e sem parentes importantes, mas a uva é malbec. O DVD esnobou com Ray Charles, Ray Conniff e Buena Vista Social Club. Puta que pariu! A vida é bela, bela é a vida. Neste instante em que escrevo, o licor complementa a sensação que dá ficar escrevendo e passando o pé no pelo de tapioca, minha rotwailler que dorme... inocente e companheira.

Moonlight Serenade, Don't cry for me Argentina, Blowin' in the wind, Geórgia on my mind... haja licor, haja vinho... paz não precisa, está aqui. As músicas têm a cumplicidade e a assistência atenta do silêncio e dos meus dedos no teclado. No DVD de Ray Charles tem um dueto com Diane Schuur. Puta que pariu de novo! Acho que minhas raízes de cor têm esta identidade de gostar de soul, jazz, samba, merengue, forró, salsa, bolero...

Você para pra ouvir música? Para ouvir mesmo, em silêncio, prestando atenção, quieto?

Estou fazendo check-up, fazendo tudo o que é exame pedido pelo cárdio, uro, gastro, endocrino, oftalmo... Todos dizem: tá tudo bem, você vai morrer um dia, não agora, mas feche a boca e ande, coma melhor e caminhe. Não me mandam fazer outras coisas ou me ensinam a ganhar dinheiro.

Tapioca está sonhando ou tendo pesadelo. Você já viu cachorro sonhar? Ele rosna, muda a posição como se gesticulasse, faz careta, mas sem acordar, igual criança. Entre cachorro e criança tem diferença? Bem, vou me despedir neste fim de sábado... Ray Charles está cantando para mim e meus cães. Um luxo.

Imagino todos os meus amigos e amigas, uns dormindo, outros lendo, outros na farra, outros... porém todos, todos felizes, como devemos ser, afinal, o que estamos fazendo aqui?

Se por um acaso você perceber que não há luz no fim do túnel, talvez esteja olhando para o lado errado... e se estiver com a sensação de que tudo lhe virou as costas, aproveite e passe a mão na bunda.

Amo vocês! Não viva o mundo dos outros, o mundo dos mundos, faça o seu! Tapioca, Teteu, todos os “monstros” sagrados dos meus DVDs lhes mandam lembranças. Depois lhes conto as histórias de Paikan, meu galo vira-lata, pé-duro da silva.

Ah! Antes que eu me esqueça: Você já dançou ao som de uma orquestra? Será que ainda existe? Para dançar, me convide!

Animais, muito mais humanos

Talvez uma das formas de se conhecer a personalidade, o caráter e o coração de uma pessoa é prestar atenção em como esta pessoa se relaciona com os animais, com a natureza, com as pessoas subordinadas e mais humildes.

A natureza, a flora e a fauna são as mais fantásticas escolas que existem, são forças universais acima do controle humano. Aprender a ler a natureza e a interpretá-la nos dá as lições necessárias de vida. Poucos sabem traduzi-la e transformá-la em aprendizado. Quando o fazem, viram sábios!

Quem entende a natureza não rema contra a maré. Ajusta as velas ao vento e segue em paz. Sabe que a colheita é fruto de plantio e trabalho, e que há hora certa para tudo. As estações do ano nos dizem as fases da vida, do verde, do maduro...

A única fase em que o homem é natural e sintonizado com a sabedoria é na infância. Alguns, muito sábios, envelhecem nesta sintonia.

Homem no espelho

Faça-me um favor: olhe-se no espelho e pisque o olho para você. Sorria... Pergunte-se se existe alguém mais interessante que você!

Após um bom e demorado banho, acariciando-se por todo o corpo, sentindo a importância de cada órgão seu. Vista sua melhor roupa e vá ser feliz... a vida não é só curta, é bela também.

Aos senadores

Creio que virou gozação, de trágico que passou! Portanto, vamos sorrir juntos, pois descobrimos que o ridículo não tem limites. Apesar de muito jovem, foi em 1975 que entrei na universidade. Era uma era de chumbo e fiz da militância estudantil a militância política. Lutamos pela anistia, pelas diretas, pela democracia. O MDB era nossa casa. Mas o que são os partidos hoje?

Waldir Pires, a esperança na Bahia... vieram os adesistas (prostitutas políticas) e tomaram conta dos espaços que jamais imaginamos dividir... Não fomos nós! Veio Lula, a esperança nacional... vieram os adesistas (ratazanas camaleônicas) e tomaram conta dos espaços que jamais imaginamos dividir... Não somos nós!

Ontem, assisti ao filme Che, com a participação de Rodrigo Santoro. Lembrei do presente que ganhei de um professor quando era presidente do Diretório Acadêmico: Diário de Che Guevara.

Asquerosos senadores desta “tropá” (na nossa região, bando de muares de carga, burros mesmo) de choque. Pior do que acabar com a nossa moral, ética, valores e dignidade, é acabar com o nossos sonhos.

Não precisamos mais de revolução e luta contra o imperialismo, pois o regime é democrático e as liberdades, plenas. Não há tempo para contar histórias revolucionárias ou terroristas, pois os terroristas não ouvem nossos apelos.

A origem da preguiça

Quero saber quem foi o sujeito que inventou a rede. Foi cearense, baiano, sergipano ou paraíba? Dá no mesmo, só muda o tamanho e a forma da cabeça (esta é minha). Se este e-mail fosse baiano, não passava pela rede, ficava deitado nela (esta é minha). Cruzamento de português com índio nasce o quê? Jumento ou bicho-preguiça? Dá nada, pois português é tão burro que não sabe como fazer filho; índio é tão preguiçoso que dorme antes, e macho com macho é boiolicé.

Gauchada, vai queimar rosquinha que eu vou pra praia beber água de coco, pois quem toma é tchê! Good té logo. Inté semana que vem. Que venha o acarajé com pimenta.

Pica-pau corajoso

Se nós achávamos que não fazia sentido o Pica-pau do desenho animado aprontar o que apronta, mas agora entendemos. Aproveitando a dica, fica a lição de lutar pelo que se quer, não se dobrar às adversidades, ser corajoso e arrojado, respeitar mas não temer os mais fortes, lutar por direitos e cumprir deveres, ser ágil e competente. Ser, quando necessário, pica-pau, pica e pau, picar o pau...

Quem nasceu em Salvador entende de baiano

Meu nome é Antonio Carlos Aquino de Oliveira, nascido na capitania hereditária de Ilhéus, resultado de cruzamento direto de índio com português. Cafuzo, mulato, moreno, roxinho, misturado, mestiço. Nem branco nem preto, café com leite. Não sei onde exatamente os afros entram na minha genealogia, mas sei onde entram na história universal, em que ainda se separam pessoas por raças, cor da pele, religião, opções sexuais e existenciais, como os animais nas exposições agropecuárias. Não posso mais chamar negro de negro, viado de viado, assoviar para mulheres, repreender um funcionário irresponsável, dizer que índio quer apito e outras coisas politicamente conceituadas, mas posso ver o mundo consolidando mentiras, legitimando ilegalidades e imoralidades, a injusta justiça e a cultura do axé, do arrocha, do Big Brother.

Posso ver os sem-terra, sem teto, sem... poder ou que não posso! Posso ver a cor da pele dar privilégio nas escolas e submeter a educação ao segundo plano. Mulatinho, como diz o velho Robgol, vai cuidar de tua vida. Deixa a vida de Kelé!

“Nega do cabelo duro, qual é o pente que te penteia?”.

Bom Carnaval a todos.

A dengue e a educação

Desculpe expressar minha opinião sem saber que este fato está transformando-se em rede de opiniões. Estou em Brasília, voltando para Salvador, após, entre outras questões profissionais, reunir-me com o setor de comunicação do Ministério da Saúde, onde sugeri que as ações de esclarecimento sobre dengue (um exemplo entre outros) estejam associadas a ações de educação dos demais ministérios. Dengue é um caso específico em que a ignorância, omissão e irresponsabilidade da população, individual e coletiva, coloca todos em risco. Culpar os governos de tudo é tão estúpido quanto lamentar as “gerações perdidas”.

Quando votamos mal, quando subornamos guarda de trânsito, quando consumimos drogas, quando compramos produtos piratas, quando deixamos de denunciar irregularidades e crimes, quando jogamos lixo no chão, quando aceitamos os maus serviços públicos e privados, quando premiamos a irresponsabilidade de quem quer que seja, quando não nos pronunciamos diante das atrocidades das autoridades e de outras barbaridades do dia a dia, nós, cidadãos deste país cada vez mais burro, ignorante, egoísta e individualista, contribuímos para este “caos” em que vivemos.

A “mídia” tendenciosa, a mídia “sensacionalista” e que extorque, as “igrejas caça-níqueis da fé”, as “fábricas de analfabetos”, a “ocupação irracional das cidades”, os “políticos corruptos”, a

“sociedade de hipócritas e cínicos”, as “famílias sem mães e pais” têm nos aprisionado, nos conduzido ao precipício previsto...

Lamentar pode ser nosso primeiro passo; chorar, o segundo... reagir, a solução! Vejamos as opções eleitorais de 2010, os fichas-sujas, o passado dos candidatos, o que cada um fez nas oportunidades que tiveram e têm. Constatação: merecemos coisa muito melhor. Não queremos mais votar no menos ruim, queremos votar nos bons. Onde achá-los? Na Bahia existem homens capazes, dignos de dirigir-nos, capazes de nos liderar?

As pesquisas dizem que 80% das mulheres não acreditam que a situação vai melhorar, que a tendência das condições do Brasil é piorar. A realidade nos diz que podemos, sim, mudar, renascendo das cinzas, fazendo o impossível acontecer. Façamos a nossa parte, cobremos a dos demais, este “condomínio” é nosso!

O governo como sócio

Há dez anos, escrevi um artigo para um jornal baiano, com o título “Um sócio indesejado”. Referia-me às saudáveis relações dos cidadãos e empresários brasileiros com seus governos. A constatação é óbvia: o governo é sócio, às vezes majoritário, de todos nós, empresários. Ele recebe a parte dele, independentemente de o cliente ter ou não lhe pago o serviço prestado, no dia certo, chova ou faça sol. Caso contrário, há multa, juros, sanções e punições, como só pai fazia (hoje não mais), coisas que nenhum outro sócio faz.

Com o trabalhador é igual. Não importa se neste mês há aperto, se há IPTU, matrícula, IPVA, farda, fim de férias, presentes, filho doente e remédios, despesas extras, tudo ao mesmo tempo. Ele leva o dele, impiedosamente. Chova ou faça sol. Assim são os sócios governos. Não os chamo de Leão para não afrontar meu rubro-negro Vitória da Bahia, ou o Sport de Recife. Trata-se de um abutre faminto, desorganizado e perdulário na gestão e eficiente na arrecadação em cima dos mais fracos. Um covarde. De nada haveríamos de reclamar se a saúde, a segurança e a educação públicas, as condições de infraestrutura, a urbanização das cidades, o meio ambiente e outros pontos fundamentais para a qualidade de nossas vidas e empresas, contrapartidas obrigatórias deste sócio, fossem prestadas.

Mas todo condomínio deve ter um síndico. Eles são indis-

pensáveis, fundamentais. Os síndicos são eleitos, é verdade, por nós, sócios minoritários, sem voz (por omissão), mas com voto. Aí entra o cidadão, empresário e brasileiro.

Ano que vem (2010), vamos escolher alguns dos novos síndicos e os membros do conselho fiscal e de administração deste grande condomínio chamado Brasil. Algumas cartas estão postas, mas para nós, cidadãos, empresários e brasileiros, o cenário é o mesmo. Não há novidades, as opções são conhecidas e já testadas, estão aquém dos nossos anseios. As mudanças estruturais, de modelo e forma, de sistema e gestão, não estão propostas, não estão pensadas, planejadas, nem os atores sobre o picadeiro do grande circo mostram o perfil ou desejo de realizar as transformações pelas quais ansiamos.

Assistimos perplexos aos “cidadãos de bem”, “intelectuais”, “informados e formadores de opinião”, verdadeiros trabalhadores, assalariados, donas de casa, verdadeiros agricultores, omitirem-se vergonhosamente das suas condições civis cidadãs e aos apelos para participarem do processo, militarem, atuarem, exporem-se, lutarem pelas mudanças necessárias, clamadas. Não incluo neste grupo os “empresários sistêmicos dependentes e sócios do condomínio”, os pelegos, os que se apropriam da coisa pública. Refiro-me à grande maioria dos grandes, médios e pequenos empresários que estão fora do “sistema”, com sua competitividade e crescimento atrofiado pela troca da inteligência pela esperteza.

Não adianta dizer que “político é tudo igual”, que “política dá nojo”. É preciso participar, estar nos partidos, nos grupos, não para contaminar-se, mas para depurar, para mudar a lógica, o foco, as razões. Se os sérios hoje são minoria, precisamos fazer crescer até virar maioria. Não há tempo a perder. Precisamos de gente, muita gente séria e competente, honesta e capacitada nos conselhos, nas ordens, nos sindicatos, nas federações, nas confederações, nas câmaras, nas assembleias, no Executivo, no Legislativo. Isto é imperioso, urgente.

Liberdade já não é bandeira, é uma realidade. Democracia já não é um sonho, é uma realidade. As instituições precisam mais do que ser fortalecidas, precisam ser aperfeiçoadas, depuradas, precisam ter suas direções alteradas rumo à modernidade, rumo à preservação, rumo à produção sustentável, na direção do equacionamento dos problemas reais e imediatos que se avolumam. As lutas já não são contra a ditadura ou pela anistia, são pela ética, pela dignidade, pela cidadania plena e por tudo o que isto implica. Cabe perguntar: a quem interessa o atual modelo e sistema político brasileiro?

A queda dos muros significa também que o muro das lamentações caiu, ruiu, apodreceu. Já não há pé de caboclo para chorar. Tem que haver tempo (desculpa de muitos) para exercitar a defesa dos nossos melhores e verdadeiros interesses coletivos, da cidadania plena, na política, na mídia, nos bairros, nas ruas, nos prédios, nas empresas.

O conforto do “meu” resolvido, traduzido em egoísmo e omissão, não vai acabar o caos da violência urbana. Ninguém está imune às consequências do flagelo das drogas, da fome, da ignorância e bestialidade, da banalização da vida, da truculência do fisco e das autoridades. Não dá para varrer para debaixo do tapete o morador de rua, o fora de escola, o viciado, a favela, as rodovias precárias, a corrupção endêmica e epidêmica.

Sem milagres, sem utopias: as mudanças virão por mãos dos que querem e podem mudar – o cidadão consciente, pró-ativo, capacitado, habilitado e preparado, atuante, generoso, politizado.

Só por exercício dos meus direitos inalienáveis, que tal renovarmos 100% do Senado em 2010, zelando pelo novo voto como se fosse nosso primeiro filho? Poderíamos estender isto à Câmara e às Assembleias? Todos os novos membros do conselho fiscal e de administração do condomínio chamado Brasil, com chances de rever os caminhos percorridos pelos indignos substituídos, sabedores de que com cidadania não se brinca. Mudança se faz mudando, dentro das regras. Assim farei!

Cadê a mobilização social?

Alguém precisa falar sério neste país... Ou não? As mudanças e ações corretivas e preventivas estão extremamente lentas, vencidas, atrasadas em relação à evolução geométrica do caos urbano (trânsito, favelas, lixo, etc), educacional, da saúde pública, das relações em seu conjunto e abrangência. Todas as notícias, artigos, matérias, entrevistas, legislações e estudos que tenho lido, visto e ouvido no rádio, TV, jornais, internet e revistas não tocam em nenhum momento no aspecto de mobilização da sociedade, da educação, de união nacional.

A “guerra civil” omitida, as estatísticas parciais e incompletas, a corrupção desenfreada, os “intocáveis do poder econômico, político, judiciário” geram o caos social que não será resolvido deixando à margem cada cidadão da participação, responsabilização, conscientização, educação e mudança. Vejo com pesar o autoritarismo exacerbado no debate de verbas, equipamentos, estruturas e aparelhos de Estado, todos mercantilizados, sem abordagem às raízes e causas da violência urbana, do papel individual de cada cidadão no problema e do coletivo, da exclusão das entidades religiosas, das instituições de ensino públicas e privadas, da família, dos conselhos, ordens, associações, condomínios, grupos, etc.

Os exemplos de mobilização, de educação em massa, do petróleo é nosso, da campanha do apagão, das campanhas de vacinação não são utilizados neste processo caótico que virou este país, quando tudo virou uma grande... piada.

O poder do talento e o complemento da mídia

Com reconhecimento e reverência ao “talento”, virtude que poucos desenvolvem em sua plenitude, devo observar o poder da mídia na construção de mitos e ídolos.

Um dia, um líder metalúrgico na região metropolitana de São Paulo virou notícia nacional. Não foram poucas as batalhas que ele travou e os desafios que venceu. O mundo se curva ao talento, e a mídia fez o seu papel. A mídia não sustenta uma mentira, um falso talento por muito tempo. Todo dia nasce uma falsa estrela que vira cometa. Não importa a análise ou avaliação que se faça de Lula, apenas comento a história. Os homens são as obras que deixam e registram.

Talentos na política, talento nas artes, talento na música, talento nos esportes. Falamos de talento, de pessoas excepcionais, fora de série, extraordinárias. Caymmi, Pelé, Zico, Darcy Ribeiro, Paulo Autran, Pepeu Gomes, Armandinho, Amyr Klink, Garrincha, Elis Regina. Não falo de homens, falo de talentos, de “monstros” do seu pedaço, pessoas que fizeram diferente. Pessoas com algo mais...

Se há lados de moedas, lado de bem, há lados de mal. Assim é a mídia, de construção e desconstrução, que faz uma música virar Hino Nacional, enche de emoção eventos e momentos, mexe com o imaginário, mas os talentos estão além. Os produtos

da mídia sem talento pertencem apenas às lembranças dos seus, nada mais.

O talento de Robson Miguel neste arranjo fantástico me lembrou o talento de Senna, que me lembra tantos talentos que nós fazemos, com as boas referências, pensar nos nossos talentos, sem a força da mídia, mas com alegria de se fazer o que gosta, como gosta, quando gosta e porque gosta!

Meu apreço aos talentosos que estão lendo este livro, aos não comuns, aos diferentes, aos excepcionais, que são os que buscam em si as inspirações e motivações para serem melhores!

O saber feminino

Cada um de nós guarda o aprendizado. Se dividirmos este saber, a nossa convivência pode virar lições. Divida-as! Partilhe-as! Todas as pessoas que têm opinião defendem pontos de vista, têm iniciativa, são pessoas expostas, vulneráveis, contestadas. O omissivo não ajuda, mas não atrapalha. Entretanto, existem pessoas especiais, fundamentais, brilhantes, lindas, inesquecíveis. Expostas, vulneráveis, contestadas.

Recentemente, compreendi, com as minhas experiências e as de grandes amigos, após penar muito para aprender nas “lideranças” das ideias, das lutas, dos grupos sociais, entidades e outras “reuniões e agremiações”, que existem os que fazem e os “demais” (os apegados aos cargos, às poses, às liturgias, as glórias e/ou apenas aos bons resultados).

Façamos a nossa parte o melhor possível e sigamos sem esperar reconhecimentos, retornos ou agradecimentos, apenas por compromisso ou responsabilidade, por crença ou necessidade, por respeito às nossas convicções ou aos que respeitamos e queremos.

Com isto, nossas decepções acabam. Ficamos no grupo dos que não competem por espaços ou títulos, mas vibram com os bons resultados, vibram por participar e somar.

Flash de recarga

No prédio de Paulo Blanco, na Barra, tem um restaurante com parte do cardápio impresso no vidro... Tirei uma foto. Sugiro que vocês peçam uma “recarga” ao ponto, mal passada ou com molho.

Aos meus amigos que me perguntam por uma boa oportunidade de negócio no Brasil, um nicho rentável, um negócio do presente e do futuro, digo: educação de qualidade! Formação de mão de obra que as empresas vão buscar antes de se formar, por qualidade, disciplina, cidadania. Formar “soluções humanas”, pois de “recargas e descargas” estamos cheios!

Boa sorte, Bahia... Brasil... senão estas “topeiras” vão virar senadores!

Sobre comunicação

Nosso mercado de trabalho é inesgotável. Enquanto houver pessoas e relacionamentos, existiremos. Somos um bem necessário, uma necessidade essencial!

O câncer e a cura

Quantas vezes terei que morrer para provar que ela é consequência do bem ou mal, viver. Fatos e versões, fatalidade dos atos e atitudes, do cotidiano e da história, que se misturam com a ciência mutável das notícias fluidas de cada dia, corrigidas e alteradas por conveniências ideológicas, dogmáticas ou simplesmente comerciais, que fazem vilões virarem heróis e heróis virarem carrascos ao sabor dos ventos oportunos e momentâneos, onde o posto se dispõe a dizer apenas: somos o que pensamos, comemos, falamos e fazemos, desde que aqui estejamos para errar aprendendo. Se passageiros não somos, passamos, com certeza, ricos e pobres, ignorantes e ignorados, construtores e destruidores, onde sempre a minoria manda e desmanda no poder, dizendo e dirigindo, o ovo vilão e salvador, o tomate amigo e assassino, os chás milagrosos e destruidores, dos cafés estimulantes necessários que também matam, a fauna e a flora, dos corpos frágeis das almas pequenas, que se apequenam mais quando mentem, manipulam, corrompem em nome da ciência e da vida.

Mais uma, o câncer e a cura, como são as religiões que manipulam a fé dos incautos, sob a conivência da justiça inerte, cega e servil, que, neste ponto, quer liberar o Brasil para ser uma nação planetária, oriental e ocidental, globalizada!

A gauchada

Meus amigos,

Bah, tchê, hoje almocei com o gremista macho Jota R, que come cebola e alho cru. Descobrimos que é para ter o “foreves” temperado, no ponto...

Levar “dedada” é coisa de macho. Duro é ver a cara do “filho da puta” do urologista, com aquele sorriso de canto de boca. Pior é a pergunta: “tá doendo?”, quando o dedo gira lá por dentro. Puta que pariu! Aparece estrela em sala de consultório. A lágrima é inevitável e o constrangimento dura uma semana.

Só Zezão, que ia toda semana fazer exame e levava flores e chocolate para o médico dele. A gente até jura: “Não vou cantar mais o de ninguém!”

Viciar nestes exames é coisa de tchê... barbaridade!!!

Maneca disse que vai encher um carro de gaúchos machos pra vir me dar uma surra. Já alugaram o Karmann Ghia. Sacanagens à parte, vão levar a dedada de vocês. Mande também seu pai e tio tomarem no...

Quem sofre ou já perdeu um ente querido por câncer de próstata sabe como são importantes estes exames.

Exercitar a paciência e combater a intolerância

A intolerância, a violência, a estupidez e a ignorância, travestidas de religião, política e outros nomes, sempre colocaram a humanidade em risco. Todos nós temos o inalienável e inegociável direito de fazer nossas opções religiosas, sociais, políticas, sexuais, existenciais. Entretanto, não nos é dado o direito de impor nossas opções aos demais, desrespeitá-las, como jamais devemos aceitar qualquer tipo de violência ou atentado contra estes direitos inalienáveis.

Somos iguais perante a lei e diante do mundo. Pessoas que valem a pena ao mundo não culpam os outros por suas escolhas, não matam por revolta ou frustração, não transferem responsabilidades. Deus não castiga, não mata, não me tira o livre arbítrio, não impõe, não julga, não condena, não manda matar – apenas diz que colherás o que semeares.

Não me interessa, amigo, a tua religião ou mesmo se você tem ou não tem religião. O que realmente importa é a tua conduta perante o teu semelhante, tua família, teu trabalho, tua comunidade, perante o mundo...

Lembremos: o Universo é o eco de nossas ações e de nossos pensamentos. A lei da ação e reação não é exclusiva da Física.

Ela está também nas relações humanas. Se eu ajo com o bem, receberei o bem. Se ajo com o mal, receberei o mal. Aquilo que

Exercitar a paciência e combater a intolerância

nossos avós nos disseram é a mais pura verdade: “terás sempre em dobro aquilo que desejares aos outros”. Para muitos, ser feliz não é questão de destino, e sim de escolha.

Pensem nisso.

Regionalismo

Aos departamentos de criação, planejamento e decisões! Regionalização da comunicação é adaptar-se à linguagem e costumes de cada lugar. Se assim for, eis algumas curiosidades baianas, ou melhor, soteropolitanas, usando o nome dos bairros.

Coisas que só acontecem na Bahia

- 1º) Ser preso na Liberdade.
- 2º) Fumar no Campo da Pólvora.
- 3º) Tomar banho de mar no Rio Vermelho.
- 4º) Pastor evangélico morar na Capelinha de São Caetano.
- 5º) Atravessar a rua na Calçada.
- 6º) Morar no Uruguai e trabalhar em Roma.
- 7º) Faltar água na Caixa D'água.
- 8º) Adulto tomar banho em Água de Meninos.
- 9º) Candomblé no Terreiro de Jesus.
- 10º) Homem do Pau Miúdo se casar com mulher da Fazenda Grande.
- 11º) Ir a Roma e não ver o papa.
- 12º) Confusão na Rua do Sossego.
- 13º) Brigas na Rua da Paz.
- 14º) Não encontrar apoio na Rua D'ajuda.
- 15º) Jovens na Praça dos Veteranos.

Regionalismo

- 16º) Não dar esmolas na Praça da Piedade.
- 17º) Casas velhas na Cidade Nova.
- 18º) Lagoa de água doce dentro de Vilas do Atlântico.
- 19º) Acidente automobilístico na Boa Viagem.
- 20º) Asfalto no Caminho de Areia.
- 21º) Lavagem do Bonfim terminar em briga.
- 22º) Colher manga, umbu, laranja e outras frutas em Cajazeiras.
- 23º) Ser torcedor do Bahia e morar no Corredor da Vitória.
- 24º) Luz na Mata Escura.
- 25º) Ler o jornal A Tarde todos os dias pela manhã.
- 26º) Morar na Saúde e ficar doente.
- 27º) Morrer na sexta e ser enterrado na Quinta dos Lázarus.
- 28º) Um clube que se chamava Bahia e hoje é Jahia!

El vino hermoso

Bom ter amigos de bom gosto e gostar do bom gosto dos amigos. Professores e professoras, que nunca lhes falte um bom livro, um bom vinho e uma boa companhia, sem que jamais lhes seja curta a visão, o paladar e a capacidade de amar!

Sermão do casamento

Dr. Mário Quintana,

Meu amigo tchê, sem barbaridades! Quando existem pessoas que expressam nossos pensamentos em palavras, somos-lhes gratos por duas grandes razões: descobrimos que não estamos sós e isto é glorioso. Podemos repassar nosso entendimento de algumas coisas da vida, agora partilhado e compartilhado.

As grandes escolas são as relações, palco de julgamentos, exercícios de tolerância, choques de valores, conflitos de cultura, guerra de egos e vaidades, vala comum das condições de humanos e individualidades.

Assim, o grande sermão do casamento resume pactos e acordos a serem celebrados entre pessoas livres e de caráter, gente de bem, sem pertencimentos e propriedade, sem créditos e débitos, respeitosas e equilibradas, cúmplices, companheiras, leais, sinceras, honestas, como devem ser os casamentos, todos os casamentos.

Obrigado, mestre!

Sobre ter, dar e receber

Estou dando. É meu, dou a quem quero, quando quero e onde quero, não é da conta de ninguém! Além do duplo sentido, a frase parece coisa de gente malcriada, não é? Não, é terapia...

Hoje, sábado, dia de viajar para o São João, acordei cedo para resolver as últimas pendências que vão se acumular na minha ausência de quatro dias. No trajeto para o escritório, pelos velhos caminhos da Cardeal da Silva, passei pelo prédio onde morei quando voltei da fazenda, pelos idos de 1986. O prédio, que era novo e limpo, estava velho e feio. Pensei no que significa patrimônio.

Quando penso nestas coisas, penso em minhas filhas, sob a ótica dos meus valores e cultura adquiridos. Deixar para os filhos! Garantir o futuro dos filhos!

Depois lembrei da minha mãe, semiafabetizada, que nos dizia que a melhor herança era a formatuta e que nosso único e verdadeiro patrimônio era nosso nome, nosso corpo, nosso saber e nossa obra. O resto eram bens e que não nos pertenciam, apenas estavam sob nosso poder.

Quando cheguei à Mural para retirar as informações de que precisava, encontrei este e-mail de Ângela, minha comadre e ex-cunhada, e o já tradicional e viciante “Sexta Vazia” do meu velho, mais velho, e primeiro irmão Alcir. Os dois textos falam do tema “ter, juntar, acumular, colecionar”.

Quando compro um sapato novo, o velho já sai da caixa para ser dado ao primeiro merecedor que aparecer. Minha mãe ficava retada porque eu dava até cueca velha, e ela dizia que cueca não se dava. Hoje não dou mais as cuecas velhas, mas entrego em mãos de “pessoas suspeitas” para que joguem fora.

Tenho algumas coleções. Gosto de vê-las, elas ocupam um papel decorativo e simbólico interessante. Na Mural, há uma coleção de miniaturas de ônibus (tudo na Mural começou com publicidade em ônibus) com mais ou menos 80 peças e uma de Ferraris, com mais ou menos 12 peças.

Na casa da praia, tenho uma coleção de São Francisco e uma de lamparinas. A de lamparinas chamo Museu da Luz, e a de São Francisco (minha opção de devoção sem radicalismo, mas simpatia), já tem mais de 30 imagens diferentes. São santos de madeira, pano, palha e até ferro. É impressionante como São Francisco é o santo mais reproduzido em todos os cantos. É da turma que entende que é dando que se recebe... (esqueça a canalhada política ou viadagem, leve pro lado sério).

Dizem que quanto mais damos, mais recebemos. No interior, as cacimbas ou cisternas que possuem minadouras funcionam assim: você tira água acumulada e surge uma nova, mais fresca e limpa...

Esta semana peguei um táxi com um velho motorista que falava mais do que a nega do leite. O cabra andava devagar e meio desatento, o que me dava agonia. Uma hora ele parou e

deu passagem a um sujeito que queria estacionar do lado oposto. Como o cara não agradeceu, ele virou a macaca: “Esses f.d.p não agradecem. Parece que a gente tem obrigação. Depois falam mal de taxeiro”. Eu, em estado zen, com filosofia de buteco, não perdi a chance: “Calma, amigo, você fez o certo, deve fazer sempre, porém, quando fizer uma gentileza, faça sem esperar troco, sem cobrar igual retorno. Verá como isto lhe fará cada vez mais bem. Seu poço de gentileza não seca, pense bem!” Não sei se aquela risada gostosa em resposta foi com um aprendizado ou também me achou um f.d.p. chato. O certo é que nos despedimos como velhos amigos. Mas é cada uma ideia que “nós tem”... vixe!!!

Vou me picar porque tenho que terminar os afazeres, mas fica a troca de experiências entre os que dão e os que guardam, entre os que acumulam e os que gastam, entre os que juntam e os que dividem, com uma única certeza: cada um tem o seu e faz o que quer. O importante é que esteja feliz e tenha equilíbrio.

Drogas

Nunca fui um sujeito quieto, manso ou que tivesse deixado de dar muito trabalho a minha mãe. Menino de interior, criado livre nas praias de Ilhéus ou na fazenda de Itajuípe. Livre de verdade. Em Salvador, na adolescência, a violência não existia para nós, que andávamos na madrugada, fazíamos serenatas nas praias ou no Abaeté, jogávamos bola na rua...

Cachaça, namorar, futebol, samba e festa. Era nossa diversão.

A vida sempre nos deu e dá opções de caminhos e sempre escolhi os meus. Caminhos em que pudesse ir e tivesse a certeza de voltar.

Nunca usei droga por já me achar mais louco que o normal. Nunca usei outras drogas por achar uísque, vinho, cerveja, cachaça, roska e outras mais que suficientes para eventuais “aprontadas”, que, quando acabam bem, viram histórias hilárias... quantas!

Quando, aos 23 anos, experimentei maconha em Juazeiro, foi uma primeira vez para conhecer e uma primeira vez para esquecer. A erva me deu dor de cabeça, ressaca, enjoo. Aí pensei: deixa esta p... pra lá. Minha química não bate com isso. Nunca fumei cigarro, embora tivesse tentado. Achava charmoso. Acho que sou viciado em não me viciar. Mas opções, opinião, gosto e... cada um tem os seus! Moral, religião, time, paladar... cada um na sua.

Estou expondo esta opinião para amigos íntimos e de minha

confiança, sem juízo de valores, sem méritos, sem nenhuma vontade de polemizar, mas é importante pensar a respeito.

Meus amigos sempre me respeitaram em minhas opções. Não me consideravam careta, mas também não me expunham, não me convidavam, não me envolviam em suas opções. Isto sempre foi bom em meus amigos e de mim para eles. Não os julgo. Eles sabiam e sabem para o que contam comigo e eu com eles.

Graças a Deus não me lembro de ter perdido um amigo para as drogas, mas já vi muitos sofrendo para abandoná-las. Já vi muitos talentos desperdiçados, já sofri em ver a perda para a humanidade com esta situação. Já vi pai e mãe perderem filho, se desesperarem por filho. Este é um tema recorrente e atual. Não sou autoridade, não entendo do assunto, apenas vejo com tristeza o rumo que as coisas tomaram. Esta semana, um amigo que dá suas bolas de vez em quando me disse: “O que cada vez mais me faz mais mal não é o meu baseadinho, mas o estrago que faço quando pago por ele. Acho que vou largar esta merda”.

Sou homem, pai, amigo, tio, irmão e, como tal, penso: ser normal não é fácil.



3^a

PARTE

Artigos
publicados
em jornais
e revistas

A necessidade da visão sistêmica

Com o surgimento do computador, processamento de dados e métodos modernos de administração, o termo sistema passou a ser visto como algo complicado e de acesso exclusivo para analistas e técnicos da área. Na verdade, isto tudo apenas amplia e reforça a noção original de sistema, sem, no entanto, complicá-lo.

Como exemplo clássico, podemos citar o corpo humano como o mais perfeito dos sistemas existentes. Seria difícil determinar qual o mais importante dos órgãos ou membros do nosso corpo, isto porque cada um teria uma opinião diferenciada, pois cada órgão ou membro se torna mais importante dentro do papel que cada um desempenha – as pernas são imprescindíveis para o jogador de futebol, as mãos para o artesão, etc, etc, o que não elimina a importância dos demais. De nada adiantam as pernas do jogador, as mãos do artesão, se o coração, fígado e cérebro não estiverem bem.

Da mesma forma funcionam a sociedade, as empresas, o governo e a família. Cada um tem um papel importante a representar dentro da sociedade em que vive, na empresa em que trabalha, no governo de que participa e na família a que pertence.

Embora possuam papéis mais ou menos complicados e exigentes, ninguém é mais ou menos importante do que o outro, quando a visão de quem analisa é sistêmica. Possuir visão sistêmica é perceber o contexto da organização como um todo har-

monicamente interrelacionado e com objetivos bem definidos.

Qualquer trabalho concebido de forma isolada, sem considerar as interrelações que possui com outros setores, tende a não ser eficaz. Do ponto de vista de empresa, pública ou privada, este papel de coordenação e aglutinação é desempenhado geralmente por um órgão chamado planejamento. Do mesmo jeito que no homem o cérebro coordena todas as suas ações, na organização esta função recai sobre planejamento, cujo principal papel é pensar. E quem pensa, pensa no futuro, pensa no que fazer para solucionar as crises e como transformar o impossível em realidade.

Desta forma, o que pretendemos é alertar aos que não acreditam no planejamento, aos que acham que o computador está tomando o lugar do homem, pois nunca o homem foi tão importante e indispensável como nos dias de hoje, pois a ele foi dada a capacidade de pensar e agir segundo suas convicções e ideais. O que não podemos deixar de ter é a visão da sociedade como um todo indivisível, em que cada um tem um papel muito importante a cumprir e que deve ser respeitado no desempenho do mesmo. Se cada um faz sua parte da melhor maneira que pode, não somente tem um comportamento sistêmico, como também cumpre o seu dever para com a sociedade e para com o próximo.

Gazeta do Vale, 24 de dezembro de 1983

Preservando a democracia

A luta em defesa da democracia no Brasil, conquistada à custa de muitas vidas e sofrimentos, não se restringe somente à ação parlamentar ou governamental, mas substancialmente à ação e prática civil cidadã. A abordagem que fazemos nesta oportunidade tem como base o processo eleitoral, que, com definições preliminares, começa a demonstrar os rumos e tendências. Durante muitos anos, lutamos contra o bipartidarismo, em defesa das liberdades e do pluralismo, cujo objetivo cívico era dar ao cidadão o direito de optar pelos caminhos políticos do seu país, estado ou município. Fruto de equívocos repetidos, saques continuados, desmandos e incompetências generalizados, os anos de abertura e o pluripartidarismo começam a sucumbir às circunstâncias políticas e sociais. Momento de reflexão.

O Brasil se aglutina em dois lados, talvez, já em primeiro turno. De um lado, se já não estão juntos, pequenas divergências de partilha do bolo separam o velho grupo que há trinta e mais anos suga o sangue da nação e da sua população majoritariamente excluída. Do outro lado, impossibilitados de consolidar partidos e lideranças, ainda entrincheirados na resistência, todos os que sempre estiveram à margem do processo decisório, da repartição da renda, dos benefícios sociais obrigatórios ao Estado. Hoje, deste lado perfilam-se novos aliados. Mas os caminhos levam ao combatido: bi, ou, apenas, dois lados. Na Bahia, este quadro

complica-se mais um pouco. O de sempre está lá. Do lado de cá, por enquanto somos quatro, podendo chegar a dois, ainda no primeiro turno, ficando três opções que levarão, desde já, muitos dos que lutaram no passado a perceber que a democracia não é o que pensávamos.

Um processo plural deveria contemplar alternativas para todas as vontades. O eleitor e cidadão, que acreditava ter sempre, no primeiro turno, uma opção de voto consciente e alternativo, volta-se a contemplar a velha tese do voto útil, de protesto estéril. Os programas, peças fundamentais do processo, sucumbem mais uma vez ao pragmatismo, à sobrevivência política, ao discurso polarizador e oportunista. Para a sociedade, fica o dilema de preservar a democracia. Um processo plural deveria contemplar alternativas para todas as vontades.

Carlos Aquino é administrador,
consultor público e professor universitário.
Jornal Bahia Hoje, Salvador, segunda-feira, 16/05/1994

A crise do PSB da Bahia

O que difere um partido de esquerda e progressista de um partido de direita e conservador são exatamente o confronto de ideias e teses, a disputa de hegemonia, a convivência democrática de diferentes e o discurso ideológico, características absolutamente inexistentes para a direita, que possui as legendas como meros instrumentos eleitorais, desprovidos de quaisquer debates que não sejam o da partilha de seus interesses específicos e individuais, sempre em detrimento da maioria da sociedade.

A exposição pública da problemática vivida pelo PSB da Bahia é, a propósito e por necessidade, colocar para a sociedade a importância e o verdadeiro papel dos partidos políticos no Brasil. Esta discussão é por demais importante e oportuna, quando entra em cena a reforma partidária, momento em que “as grandes geleias” tentarão impor suas vontades, violentando princípios básicos do estado de direito e de liberdade. Este debate, embora pareça específico de um grupamento político, interessa a todo cidadão consciente e político deste Estado.

O PSB, partido de importantes contribuições à causa democrática, desde João Mangabeira, teve na Bahia fases distintas, sendo as mais recentes vividas por figuras ilustres de cenário político estadual, como Abigail Feitosa, Domingos Leonelli, Coriolano Sales, Emiliano José, Pedral Sampaio, Amábília Almeida, Fernando Oliveira, Aloísio Lago, Wilson Peixoto, Dalton Godinho,

Sylvio Simões, Salete Silva, Alberto Dourado, Wilson Peixoto, Luís Caetano, Eduardo Almeida, Walter Reis, Elísio Santana e muitos outros que fizeram do partido um importante fórum de debates e “front” político marcante na Bahia.

Os equívocos individuais, as baixas nas fileiras, os sucessos e insucessos passados e recentes não foram determinantes para a morte do PSB. Muito pelo contrário, serviram para elaborar mais capítulos da sua longa história e permitir o rico aprendizado da militância política em país de terceiro mundo, com graves problemas sociais, econômicos, educacionais e culturais.

Hoje, com dois deputados federais, um deputado estadual, prefeitos e vereadores, e a possibilidade real de ingresso de mais dois deputados estaduais e outras lideranças em vários municípios da Bahia, o PSB se defronta, mais uma vez, com o velho dilema: ser um partido político ou ser uma legenda eleitoral. Este é o debate interno. Esta é a questão. Expor este debate, suas características, personagens e posições é uma decisão política.

Não existe partido político de esquerda e progressista com escritura, cacique, dono, chefe ou qualquer outro tipo de hegemonia, como querem alguns, que não seja conquistada pela capacidade de articulação, aglutinação de forças, projetos políticos e consistência ideológica. A crise do PSB é a crise do Brasil, é a crise das esquerdas, é a crise do processo político, da representatividade e da participação. Os problemas do PSB são os problemas do nosso povo.

Na Bahia existe hoje um confronto aberto dentro do partido. De um lado, um projeto claro e amplamente difundido nos últimos dois anos: ética, competência, parceria, lealdade, trabalho, articulação, formação de militância, projetos sociais e econômicos consistentes, interação com a sociedade, participação, exercício de poder, compromissos ideológicos, programáticos e doutrinários claros. Do outro, um partido fechado, pequeno, isolado, sem quadros de expressão, submetido, subordinado, com legenda de aluguel, negociatas, sem administração, sem organização, caótico por opção diretiva. Está aberto o debate. Está aberto o confronto.

De um lado: Adalberto Lélis, Arnaldo Teixeira, Rondon do Vale, Carlos Aquino, Salete Silva, Moanilton Mesquita, Celso Pereira, Eduardo Almeida, Ruy Correia, Ricardo Xavier, Davi Pedreira, Isai Amorim, João Xavier, Orlando Filho e muitos outros; do outro, Uldurico Pinto e seus seguidores. Sobre este, nada a declarar. A própria Procuradoria Geral da República e órgãos da Justiça haverão de corrigir os erros da CPI do orçamento, suas negociatas e acordos de inocência. A Bahia política conhece seu passado, suas práticas, métodos e objetivos, especialmente a região do extremo sul. Entretanto, posso afirmar que o PSB é bem maior do que todos nós, e nós somos muito maiores do que aqueles que se imaginam capazes de enganar o mundo, quando são incapazes de convencer a si próprios ou a seus liderados.

Quanto ao atual e temporário presidente, de futuro político

breve e limitado, Ubaldino Júnior, lamentamos profundamente seu retomo às origens tão rapidamente, abandonando o único projeto sério do qual participou em toda a sua imatura e submissa vida, aceitando o vergonhoso papel de menino de recados da truculência política. Retorna humilhado à posição de devedor do seu espaço político ao “tio”, cujo único patrimônio político que construiu na vida foi a mentira, a calúnia, a traição, a deslealdade, o casuísmo, a imoralidade, o tráfico de influência, ou melhor, o verdadeiro nome político: Uldurico Pinto – sinônimo de nada.

Jornal Bahia Hoje -1994

Carlos Aquino é dirigente estadual do PSB

Cacau: outra versão da crise

É evidente que a atual crise que atravessa a região cacauceira não decorre somente da vassoura-de-bruxa, como também não é verdadeiro atribuir aos preços, comércio exterior, planos econômicos a responsabilidade pela falência da cultura. Se utilizarmos o termo cultura de uma forma mais ampla, talvez consigamos outra versão para a crise. Nasci em Ilhéus e convivi com a região (especialmente Itabuna e Itajuípe) por muitos anos, como menino, adolescente, estudante, comerciante, cacauicultor, político e até professor universitário. Portanto, escrevo baseado nas minhas experiências. Nas décadas de sessenta e setenta, assisti a períodos de vacas gordas e irresponsabilidades coletivas. Fazendeiro de mais de mil arrobas de cacau tinha filhos estudando nas capitais, vários apartamentos, carros do ano, matrizes e filiais à vontade.

Lembro-me do Proagro, onde o dinheiro fácil permitiu aos mais esclarecidos a aquisição de fazendas e melhoria rápida de vida. Faço uma exceção aos desbravadores, aos que trabalharam duro e aos que aplicaram seus recursos e experiências no desenvolvimento patrimonial, social, político e cultural próprio e da região. O dinheiro do penhor agrícola foi e é muitas vezes utilizado na construção de sedes suntuosas, passeios ao exterior, carros de luxo e orgias coronelescas, fruto do machismo colonial. A Cemplac, exemplo mundial de sucesso na área pública, da construção da estrada à escola, do posto de saúde à educação, substituindo

em muito o papel dos municípios, estado e governo federal (era o próprio). O investimento maciço na formação de mão-de-obra gerou um contingente fantástico de doutores, mestres e especialistas, a maioria perdidos para a iniciativa privada, para a atuação liberal autônoma e para outros estados.

Haja dinheiro, inteligência e competência. “Em se plantando tudo dá”. E deu no que deu. Diversificação, crédito, tecnologia, intervenção estatal, força política. Tudo isto a região teve, tem e terá, mas não resolve e não resolverá sua atual situação. O que falta? Falta competência, seriedade, inteligência, participação, capacidade política, engajamento, coragem e, acima de tudo, mudança cultural. É preciso acabar com o ranço provinciano, com a hipocrisia. Torna-se fundamental uma mudança radical de atitude, comportamento e postura de cada filho da terra e da sociedade como um todo. Dinheiro e crédito não resolvem e não resolverão a crise da região cacaueira, enquanto a sociedade for omissa, apática, irresponsável e negligente com seu próprio destino. Exemplos: em quem a região votou para representá-la na Câmara Federal e na Assembleia Legislativa? Como vai o mandato dos atuais prefeitos? Por que a região vai permitir a ligação Atlântico-Pacífico pelo Acre, quando temos a BR-030, o Porto de Ilhéus, Campinho e o caminho mais curto de Brasília para o mar? Que papel a Universidade tem desempenhado na transformação da realidade da região? Além de Geraldo Simões (Itabuna) e Valdenor Cordeiro (Jussari), que exemplos de admi-

nistrações democráticas temos na região?

A venda desenfreada da madeira, pastarias e gado é a saída? Para que serve a Amurc? De que forma têm sido gerenciados os órgãos públicos estaduais e federais na região? Creio que chegou a hora de uma reflexão mais profunda sobre a região cacauzeira. Sem medo, mentiras. Trata-se de um povo que trai sua própria história e destrói seu próprio esforço antropofágico: Sulba, Instituto de Cacau, Ceplac, Emarc, sindicatos rurais, Estação de Carcinicultura de Maraú, BR-030, Porto de Campinho e por aí vai. Talvez tenha chegado a hora deste povo orgulhoso do seu passado mudar definitivamente a forma de exercer seus deveres e direitos ou ensaiar uma música para seu futuro: “Mas doutor, dar uma esmola a um homem que é são, ou lhe mata de vergonha ou vicia o cidadão”. É chegada a hora de a região acordar e assumir seu papel. A saída talvez seja uma palavra mágica: cidadania. Dizer que está em crise não resolve, é preciso rever o passado, avaliar o presente e pensar o futuro, dando, desta forma, outra versão para a crise.

Bahia Hoje, Salvador, 31.12.1994

Carlos Aquino é administrador e consultor

Limites da omissão

Torna-se fundamental fazer uma indispensável ressalva a uma minoria de brasileiros que lutam silenciosamente pela justiça social neste país, antes de expressar o raciocínio deste texto. Nunca o País precisou tanto de homens sérios e dignos, líderes, como no atual momento, especialmente a Bahia. Não existe, neste momento importante de virada de século, uma única liderança nacional, regional ou estadual que não sofra profundas contestações. Os Betinhos da vida são ressalvas dispensáveis nesta análise.

Onde está a sociedade brasileira? Onde estão os cidadãos e os exercícios de cidadania? As liberdades estão sendo limitadas sem que a população reaja. A omissão é total. Os espaços públicos estão sendo privatizados e ninguém reclama, a exemplo dos estacionamento em áreas públicas, zonas azuis, guardadores e outros. Os bares ocupam calçadas, e as barracas fazem construções e ampliações em terrenos públicos. Há invasões imorais de colarinho branco, especialmente em área de praia, onde mesas e cadeiras limitam o espaço de circulação e lazer. O cidadão que não tiver dinheiro para pagar guardador não pode sair de carro, pois pode ser ameaçado ou agredido.

Onde está o dinheiro dos impostos que se supõe garantir segurança pública? Em condomínio e até repartições públicas, por incrível que pareça, cidadãos cumpridores de seus deveres são obrigados a deixar documentos de identidade retidos como se

marginais fossem. É um criminoso até provar o contrário. “Nas estações rodoviárias, não basta o dinheiro da passagem, é necessário dinheiro para fazer xixi, beber água, embarcar, etc.

O Carnaval, tradicional festa popular, momento maior de alegria da maioria da população, passou a ser privilégio de uma minoria que pode pagar pelo espaço privatizado da avenida, em detrimento da grande maioria, esmagada pelos cordões de isolamento. A segurança privada substitui o Estado omissivo e incompetente. Incapaz de proteger seu próprio patrimônio. A vida do cidadão vale menos do que um tênis ou relógio. O país abriu as portas ao avanço tecnológico importado, abdicando do dever de arrumar a casa e preparar seus moradores para o novo, com sérios riscos de perder sua identidade.

Salários como símbolo de degradação humana, não como valor de remuneração de trabalho. Uma classe política, como mínimas exceções, verdadeiramente representativa da sociedade que temos, corrompida, viciada, omissa, corporativa, fisiológica, gananciosa, permissiva, conivente, incompetente, individualista, nepotista e sem nenhum espírito público. Os exemplos recentes da anistia a Humberto Lucena, o resultado da CPI do Orçamento, o julgamento de Collor, a venda de mandatos, as negociações de cargos são provas incontestes de nível da maioria.

Nas universidades e escolas, o pacto de mediocridade entre alunos e professores é apenas vencido por iniciativas localizadas de educadores e dirigentes mais avançados e minoritários. O

jogo é de faz de conta. A lei é a de Gérson: levar vantagem em tudo. Vive-se o clima do salve-se quem puder. Uma classe média formadora de opinião, hipócrita e deslumbrada, ridícula na ação coletiva e pródiga no avanço individual. O desenvolvimento científico e intelectual incapaz de reverter o aprendizado na melhoria da qualidade de vida da maioria da população, alimentando contradições profundas nas suas práticas, cuja sociedade é cobaia preferida. As religiões, igrejas e doutrinas cumprem o seu papel histórico de evitar a explosão, sendo perceptível o avanço dos fanáticos ignorantes e a massa manobrável. Nem tudo está perdido.

Muitas coisas boas existem e podem ser exploradas, dentre elas o espírito humanitário, sentimentalista, romântico, trabalhador, cristão e social do povo brasileiro. Não podemos abrir mão da capacidade crítica que possuímos e da sede de justiça que deve nos embriagar. Não podemos continuar sem exercer nossos direitos e deveres de cidadãos. Se a capacidade de reagir da nossa sociedade continuar como está, se as transformações necessárias se derem com tanta lentidão, não saberemos definir os limites da nossa missão nem decifrar o enigma do futuro.

Jornal Bahia Hoje, Salvador, 14.2.1995

Carlos Aquino é membro da Coordenação do Movimento
Baiano pela Ética na Política

Exportando vergonha

Infelizmente, não é pelas belezas naturais ou demais virtudes da terra Brasil que nosso país é conhecido lá fora. É evidente que muito já mudou, inclusive nossa capital já não é Buenos Aires. Mas o principal culpado pela má fama e vergonhosa imagem é exclusivamente o povo brasileiro. Ignorante, na sua grande maioria, ou por uma forma ou pela outra, recebemos mal e exportamos “coisas piores”. Vivam as exceções, por sinal, muitas. Ainda recentemente, um grupo de turistas em visita a Salvador foi fazer o maravilhoso passeio de escuna à Ilha dos Frades, com almoço em Itaparica.

Logo de saída, a guia da barca “Eneida” justificava o atraso de uma hora na saída como coisa de baiano, do mesmo jeito que explicava o ciclo de festas como característica de uma raça não afeita ao trabalho. Durante o tour em Itaparica, com uma jardineira puxada a trator, um guia local apresentava a divisão territorial em dois municípios como justificativa para aumentar o roubo do dinheiro público e a corrupção. E em portunhol de baixo nível, o simpático nativo, ao passar em frente à delegacia de menores, afirmou que ali era um local de inúteis personagens que só serviam para comer, dormir e “cagar”. Não bastasse o refrigerante custar dois dólares, as informações serem deformadas, as agressões toleradas, os guias ainda promoveram a chamada caixinha, ou seja, passaram o chapéu, mesmo que o passeio tives-

se custado 30 reais.

Lá fora, um turista brasileiro, ao solicitar do hotel de lazer uma bola de vôlei, foi informado que as cinco últimas haviam sido roubadas, três por brasileiros e duas por mexicanos. A violência urbana no exterior não provoca mais reação e crítica do que a violência política, hoje representada pela corrupção, índices de fome, pobreza, miséria, analfabetismo, escândalos financeiros, nepotismo, corporativismo, sonegação, concentração de renda, dentre outras mazelas desta sociedade que mora em um país tropical, bonito por natureza, mas envergonhado.

Fazemos parte da geração que não abandona a luta, que não fará do aeroporto a melhor alternativa. Torna-se fundamental que cada brasileiro vá lá fora para ver o quanto é belo e importante o seu país, ao mesmo tempo em que aprenda com seus conterrâneos universais o respeito à cultura dos seus antepassados, o amor à natureza, a reverência aos símbolos nacionais, o sentimento nativista sem hipocrisia. Devemos nos mirar nos bons exemplos, educarmo-nos a partir de parâmetros históricos, regionais e culturais que preservem nossa identidade, sem violentar nosso passado ou comprometer o nosso futuro, em todos os campos do conhecimento e do saber.

O país de Tom Jobim merece respeito, e cada gesto manifestado, ao receber ou ao visitar um estrangeiro, reflete nossa “carta”. Os governos possuem as suas parcelas de culpa e responsabilidade, mas cada cidadão brasileiro deve fazer a sua parte, cumprir o

seu papel. Fazemos parte do grupo de brasileiros que se orgulha profundamente da terra em que nasceu, e que, individualmente, dará contribuições efetivas para que o nosso país não continue exportando vergonha.

Tribuna da Bahia, 1º de abril de 1995

Carlos Aquino é administrador e dirigente estadual do PSB

A reforma necessária

A sensação que temos, nós, simples mortais, habitantes do Brasil fora de Brasília, é que não vivemos no mesmo país que os nossos dirigentes. Na verdade, a partir da frente eleitoral formada pelo nosso presidente, não poderíamos esperar grandes mudanças. Mas, como nossa profissão é esperança, acreditamos. Ao compor seu ministério e sancionar a anistia a Lucena, preparamo-nos para o pior. E o pior está aí. Onde se encontra o excesso de consumo a que se refere o governo? Onde estão os compromissos com a ética, com a moralidade, com os menos favorecidos, com a soberania nacional, etc, etc? Mais uma vez, apresentam-se ao povo brasileiro as tradicionais e excludentes inverdades. Sem reformas, o país é ingovernável! Vamos mudar uma Constituição que na prática ainda não foi totalmente regulamentada.

Uma Constituição que, há poucos anos, era cidadã, hoje é vilá! De joelhos, o governo estabelece prioridades para reformas, mas absolutamente descomprometidas com a grande maioria do povo brasileiro. O que se pretende com esta forma apressada de fazer as mudanças constitucionais é transferir os monopólios públicos para os monopólios privados, pois o dinheiro desta nação está na mão de pequenos grupos, que se revezam no arremate do patrimônio construído com o dinheiro público. Como justificar tanta pressa em acabar com os monopólios, se este governo não apresentou para o País nenhuma proposta de política agrícola e

agrária? Não temos uma política industrial, educacional, de saúde ou previdenciária. A reforma necessária e urgente é a de métodos, é a reforma do Estado, é a reforma fiscal e tributária. Não é atacando a universidade pública, os sindicatos, os aposentados, os petroleiros que o governo vai fazer as mudanças necessárias.

O que o governo precisa e deve romper é com o fisiologismo, com o clientelismo e com a chantagem dos grupamentos políticos e empresariais. O aparelho de Estado faliu, enferrujou, foi destruído. As universidades federais foram sucateadas durante mais de trinta anos e agora são criminosamente responsabilizadas pela inexistência de produção intelectual no País. O funcionalismo público, mal remunerado, mal treinado, sem planos de carreira, sem equipamentos, sem coordenação e sem planejamento, não pode dar as respostas que a sociedade exige, e não existirá nenhuma reforma, privatização ou quebra de monopólio que devolva a competência ou eficiência à máquina do Estado, sem que se procedam reformas estruturais e de base.

É necessário que o aparelho estatal esteja em plenas condições de gerir o bem público e atender à demanda do Brasil nesta mudança de século, principalmente por serviços públicos essenciais. Na verdade, o que existe é um arcaico e ultrapassado projeto dito neoliberal, subordinado a uma lógica internacional do capital especulativo e dominante, que nos mantém na condição perversa de fornecedores de matéria-prima, mão de obra barata, riquezas naturais e consumo sem qualidade. É preciso, sim, reformar o

Judiciário, o Legislativo e o Executivo. É preciso sim reformar os códigos Civil e Penal. E necessário e urgente reconstituir os setores de fiscalização tributária, previdenciária, trabalhista. É necessário reformular o papel dos bancos, que funcionam como carrascos do setor produtivo. Por que a urgência em acabar com os monopólios dos setores estratégicos (petróleo, energia e telecomunicações), enquanto ainda não se procedeu à punição dos responsáveis pelos rombos nos setores de saúde, Previdência, agricultura, FGTS, indústria, armazenamento, etc? Este é mais um governo que nos coloca diante de um falso dilema que nos engana, que nos asfixia. Este é mais um governo submetido aos mesmos que nos infelicitam há muitos e muitos anos.

E o culpado é o trabalhador, é o consumidor, é o empresário que aceita pré-datado, é a imprensa, é o salário mínimo, é o professor, é o petroleiro, é o agricultor. De tanto sermos enganados e ouvirmos mentiras, acabaremos acreditando e assumindo nossa culpa por ter nascido. Mas, já que estamos vivos, vamos à luta pelas reformas necessárias. Cidadania neles!

Jornal Litoral Norte – maio/1995

Carlos Aquino é administrador e consultor

A sociedade e os políticos

Um dos poucos pontos de análise de que os cientistas políticos não discordam é que o Parlamento de um país é a radiografia da sociedade que diz representar. No Brasil, as Câmaras de Vereadores, as Assembleias Legislativas e as duas casas do Congresso Nacional são o que de melhor espelham o perfil do nosso povo. A onda de moralidade que se abate nas direções destas casas, muito comum nos começos das novas legislaturas, reflete também a luta pela sobrevivência desta categoria, indispensável à causa democrática, que é a política.

Ainda não se descobriu regime melhor que o de plenas liberdades, ou seja, a democracia, mas, com a representatividade do voto popular no Brasil, esta caríssima instituição está em xeque. Existem governadores eleitos com apenas trinta por cento dos eleitores do seu estado, e parlamentares com muito poucos votos sentados nos bancos da representatividade popular. Com raríssimas exceções, são poucos os políticos, no Brasil e na Bahia, que mereçam um mínimo de respeito. Espírito público, noções de cidadania, às vezes até educação doméstica, faltam à maioria. Mas a que se deve isto? Do que é fruto a corrupção, o suborno e o tráfico de influência? Do que decorre a apropriação do bem público por parte daqueles que foram eleitos para defendê-lo? Basicamente, tudo isto é fruto de uma sociedade mal formada, mal educada, corrupta, viciada, gananciosa, conivente, omissa,

hipócrita e que transfere sempre ao governo, aos políticos e aos demais seu insucesso, suas fraquezas e desastres, sem assumir que o governo e os políticos são, nada mais, nada menos, do que empregados do povo. Existem aqueles ditos cidadãos que votam em troca de favores pessoais, aqueles que votam por interesse de grupo, aqueles que votam sob orientação coronelesca (voto de cabresto), aqueles que vendem o voto. Todos estes mantêm com a classe política uma relação prostituída, secularmente repetida, que cada vez mais contribui para o agravamento do quadro social do País.

Existe o eleitor consciente, que escolhe (com dificuldades) em quem vai votar, mas não cobra, no cotidiano, coerência do seu representante, nem faz da militância ou participação uma prática cidadã. O pior de todos é o eleitor do protesto estéril. Vota nulo e em branco, ou se omite, como se sua posição, que é essencialmente política, pudesse alterar o estado das coisas. O socialismo no mundo está em xeque porque não foi capaz de corrigir seus desvios. O capitalismo está em crise crescente e, com certeza, tende a agudizar-se, pois será capaz de corrigir suas profundas contradições. Cabe-nos, portanto, apontar rumos concretos para o futuro, que, por mais otimistas que sejamos, deverá ser bem pior do que o presente, quer pela fome, quer pela superpopulação, quer pelas graves consequências dos inomináveis crimes ecológicos que nossas atuais gerações cometem e as passadas cometeram. A saída é a ação cidadã. A fórmula mágica é o indiví-

duo, consciente e participante.

Um bom começo é tratar político como representante do povo. Chega de puxa-sacos e de críticos ácidos. Cobrar posição, votar consciente, denunciar desvios, apontar rumos, propor avanços, defender os direitos sociais e de soberania nacional. São importantes os políticos de direita, de esquerda, de centro. Os reacionários e os anarquistas. Mas são totalmente dispensáveis os corruptos, os traficantes de influência, os clientelistas com dinheiro público. Para o mundo moderno, uma das relações mais importantes é a que se desenvolverá entre a sociedade e os políticos, mas é fundamental e indispensável que esta seja uma relação representativa, coerente, produtiva e ideológica, não esta promiscuidade e omissão a que assistimos neste país-continente, especialmente neste Nordeste majoritariamente ignorante, faminto, nu, criminosamente explorado e assim mantido por uma classe de políticos que envergonha e difama o nome dessa fundamental categoria de homens públicos.

Jornal Litoral Norte – maio/1995

Cidadania, transportes e tráfego

É um desafio salutar traçar a linha paralela entre a cidadania, o transporte e o tráfego, setores e ações aparentemente dissociados. A ideia nasce a partir das últimas iniciativas adotadas pela Prefeitura de Salvador, visando melhorar os graves problemas de engarrafamento na cidade. Mesmo não sendo engenheiro de tráfego ou de transportes, não é difícil compreender que as ações físicas adotadas são tímidas e paliativas, características de um município que atravessa uma grave crise financeira, cuja disponibilidade para investimentos físicos chega a zero, haja vista que esta área requer recursos volumosos para toda e qualquer intervenção, principalmente quando se trata de viadutos, túneis, elevados, passarelas, terminais, faixas exclusivas, etc.

Acredito também que o enfoque de engenharia de tráfego dado à cidade possui equívocos ou alternativas outras, haja vista que mesmo a mão de obra deste nível de setor é cara e escassa, havendo inclusive outros profissionais atuando na área, como arquitetos e economistas, que não são obrigados a compreender e resolver a questão do nível de dificuldades que ela requer. Mas o que pretendemos enfatizar neste texto é o papel do cidadão nesta questão. A primeira questão diz respeito à educação no trânsito, fator fundamental dos altíssimos índices de acidentes que assolam o País, como também grande contribuidor para as muitas dificuldades que a cidade atravessa no tráfego.

Louvo a campanha desenvolvida pela Boa Viagem Transportes com o objetivo de contribuir para mudanças no comportamento dos nossos motoristas, que é, por característica e prática, anticidadã, individualista e, na maioria das vezes, violenta. É preciso que cada cidadão ou cidadã desta cidade assuma o seu papel e dever cívico de contribuir com atitudes pessoais, individuais e intransferíveis, para a melhoria do trânsito, sem cobrar necessariamente a mesma atitude do seu semelhante. Se cada um fizer a sua parte, já será de inestimável valia. Invasão de um sinal, parar em cima da faixa, dirigir embriagado e costurar no trânsito são atitudes individuais, pelas quais o Detran, os governos e as autoridades não têm responsabilidade.

O segundo passo, após cada um cumprir sua parte e dar o exemplo, seria a participação nas discussões e decisões dos destinos da cidade, através das entidades, da cobrança aos representantes dos poderes públicos e da mobilização de outros cidadãos comprometidos com a melhoria da qualidade de vida do nosso povo. Trata-se, portanto, de inverter a lógica imposta pela crítica inconsequente de que o poder público é responsável por todos os males que atingem o País, o estado, ou Salvador. A parcela de culpa é extensiva, e acredito maior, de cada um de nós, sempre donos de uma verdade solitária e estéril, que fica no campo do xingamento, da raiva, do estresse, do prejuízo financeiro.

O problema é de todos nós. Por último, ao menos neste texto, torna-se importante também citar a necessidade imediata e

urgente de os governos investirem em educação para o trânsito, principalmente junto aos adolescentes e crianças, exigindo e sendo de rigor inabalável na concessão de habilitações, punindo exemplarmente criminosos do trânsito, fazendo campanhas educativas, buscando a participação popular nas decisões do setor, investindo na mão de obra de fiscalização e execução de atividades na área, dentre outras.

As cidades brasileiras, especialmente Salvador, são, estão e vão ficar cada vez mais caóticas se não tomarmos atitudes imediatas e urgentes para reverter esta triste tendência. Façamos nossa parte. Sejam cidadãos também no trânsito. Vamos fazer valer nossa cidadania em questão de transportes. No transporte público urbano, a situação é mais grave, pois envolvem-se outros componentes e contingentes mais complicados, a exemplo da própria gratuidade no transporte coletivo. É preciso, portanto, acabar em definitivo com a Lei de Gérson, com mania de levar vantagem em tudo e com o corporativismo em detrimento dos direitos e anseios da maioria da população. Façamos nossa parte, exijamos o cumprimento da parte dos outros. Sejam cidadãos também nos transportes e no trânsito.

Jornal dos Transportes
Antonio Carlos Aquino

Aprendendo com a crise!

A oportunidade de reunir, em Brasília, vários presidentes de entidades representativas da mídia exterior brasileira (Sepex-SP, BA, RJ, PE e Epal-DF) foi fundamental para que pudéssemos avaliar e formatar uma posição mais abrangente sobre o nosso meio, a crise que estamos vivendo e vamos viver.

Pior do que passar por tudo o que estamos passando é não tirar o devido aprendizado destes críticos momentos presentes e futuros. Entretanto, da experiência coletiva de vida e de luta nos movimentos de organização e valorização setorial e da sociedade, de cada um resta-nos pouca esperança e fé, isto por saber que as transformações necessárias e indispensáveis só se viabilizarão com profundas mudanças individuais de comportamento e atitude.

Na mídia exterior, especificamente, temos a clareza de que grande parte dos problemas que estamos enfrentando é culpa e responsabilidade exclusivamente nossa. Foi a ganância, a falta de ética, o amadorismo, a deslealdade e o egoísmo que nos levaram à atual situação. Foi a negligência de conduta nas inúmeras oportunidades em que discutimos a globalização, as legislações, os projetos comerciais e a necessidade de regras claras de relacionamento, especialmente entre colegas, sempre boicotadas por uma minoria míope e uma maioria omissa.

Vencidos pelo ego, pelo orgulho e pela vaidade, imputamos a todos, com extensão aos nossos filhos, o legado de estupidez e

da brutalidade, em que os valores humanos subordinam-se ao dinheiro e às efêmeras sensações de poder. E o que é pior, a troca de nada! A história contemporânea nos mostra não existirem super-homens, na maioria das vezes, somente superbandidos que, travestidos de empresários arrojados, lançam-se em jogos de vale-tudo, cujo resultado final é a dilapidação do mercado, a desvalorização e a desmoralização do meio.

Considerar que são os colegas/concorrentes o foco maior de atenção transformou-se em um grave equívoco, pois deturpou o conceito de competição, estabelecendo-se a falácia de que o desenvolvimento de uma empresa estava atrelado necessariamente à destruição da outra, esquecendo-se o fundamental mercado, ávido por competição qualitativa e inovadora. Implantou-se a lógica do tamanho em detrimento da rentabilidade, eficiência e eficácia.

Modernizar as empresas, adotar tecnologia de ponta, profissionalizar equipes e racionalizar custos são medidas indispensáveis, mas absolutamente atreladas à conjuntura macroeconômica, às oscilações globais e locais, daí a importância dos sindicatos e associações sérias como fóruns de discussões e encaminhamentos de decisões coletivas de fortalecimento do mercado. Olhar somente para o umbigo foi o grande erro dos que menosprezaram a importância do todo, da inserção macro, das relações públicas honestas, da verdade e do respeito aos contratos e compromissos assumidos. O valor da palavra foi absolutamente desmoralizado pelos donos dos falsos nichos da mídia exterior.

Fomos nós que, com visão de curto prazo, investimos, sem importar os meios, no crescimento de nossas empresas, com a ingênua ideia de vendê-las aos gringos. Com a desvalorização do dólar, as empresas brasileiras, de todos os setores, ficaram 50% mais baratas, tendo os gringos percebido que as frágeis legislações e “livre compra” lhes permitiam outros espaços de compra e barganha. Fomos nós que, ao arrepio da lei, estabelecemos o vale-tudo nas cidades, cuja consequência mínima foi a desvalorização do negócio e a poluição visual descontrolada. Foram os empresários da mídia exterior que traíram os acordos celebrados assinados com seus próprios companheiros, mentindo, enganando, blefando. Foram alguns de nós que, pelas portas do fundo dos palácios, tramaram acordos que depois se voltaram contra todos. Fomos nós que, com a mais vil das intenções, trouxemos os preços para patamares abaixo dos custos, esquecendo, inclusive, os terríveis reflexos no mercado, colocando em risco a rentabilidade final dos negócios. Fomos nós que trocamos a cooperação e parceria pela traição e covardia.

Foram os métodos corrompidos e subornados que fragilizaram as legislações e as administrações públicas, transformando-as em permanentes focos de intranquilidade e manipulação negativa. Fomos incapazes de compreender a importância soberana das entidades e da contribuição efetiva de cada um à sua consolidação, não somente em momentos de crise, mas como espaço fundamental de discussão e encaminhamento de questões

comuns. Enfim, fomos nós que permitimos a convivência entre o empresário e o aventureiro, o empreendedor e o sobrevivente, como se fosse possível agregar tantos desiguais, com a demagogia e a hipocrisia características dos parlamentos do terceiro mundo. Fomos nós que fizemos a maioria dos gols contra.

Neste momento em que, unidos na crise, reunimos nosso resto de força em busca da salvação de todos, as avaliações dos erros e acertos passam a ser indispensáveis. Precisamos, mais uma vez, fazer o nosso dever de casa. Para que possamos lutar pelos nossos interesses comuns, precisamos aos menos concluir quais são eles. Para que possamos nos defender, precisamos identificar o inimigo. Para que possamos vencer, é necessário que estejamos unidos e fortes.

Temos que trilhar o caminho, não buscar o atalho que nos levou à situação em que nos encontramos, cuja consequência maior será o desaparecimento da grande maioria das empresas, quer seja por venda (baratas), por proibições diversas, por inviabilidade econômica, por falta de competitividade.

Temos plena consciência do quanto difícil é a missão, certos também da impossibilidade de cumpri-la se mantivermos as posturas individuais egoístas, equivocadas, desprovidas de inteligência empresarial, fruto do caráter vaidoso, egoísta e ganancioso de uma minoria arrogante e prepotente, que sufoca uma minoria omissa e submissa, esquecendo-se da importância e do papel de cada um no mercado competitivo, negando as regras básicas que

definem monopólios e oligopólios. Não se trata de ganhar ou perder, dar ou receber. Trata-se de bom senso, inteligência, habilidade negocial, visão empresarial de médio e longo prazos, competência. Todos estamos perdendo, sabendo os que acham que estão ganhando que sua ilusão é proporcional ao seu isolamento.

Como consequência prática e real dos fatos e atos descritos, assistimos, inertes e estupefatos, à invasão do mercado pelo capital internacional, o grande ficar pequeno, o rico ficar pobre, o negócio evaporar-se como se não houvesse raiz ou história, tudo com uma simples portaria, decreto, pela vontade de um senhor ou por um dólar a mais.

Faz-se necessário rever métodos e formas, conciliar o econômico ao ético, o individual ao coletivo, sem ingenuidade, mas com dignidade, caráter, responsabilidade e respeito aos acordos. Para mudar a situação, temos que mudar, antes de mais nada, a todos e a cada um de nós, seja de que lado estivermos.

Brasília, 22 de maio de 2001.

Antonio Carlos Aquino de Oliveira

Presidente do Sepex-BA

Presidente da Anepo

Por uma nova ordem na mídia exterior

Nada mais oportuno do que aproveitar as crises para alterar rumos e rever métodos. Há muito que no ambiente institucional da Anepo, dos Sepexs e das demais entidades setoriais e nacionais de mídia exterior se discutem novas formas de relacionamento interno (entre empresas exibidoras) e externo (com agências/anunciantes/poderes público) com o objetivo claro e único de fortalecer, profissionalizar, qualificar e dar credibilidade a este importante segmento da propaganda brasileira.

No âmbito da Anepo, criamos, após um ano de intensas e duras negociações, as Normas de Relacionamento com o Mercado, com representações setoriais da Abap, ABA, Abigraf, Grupos de Mídias e aval do Cenp. No âmbito do Sepex-BA, aprovamos por unanimidade as Normas Internas de Relacionamento, também em tramitação na Anepo. Trata-se de dois instrumentos básicos e essenciais para estabelecer regras, limites e papéis entre os diversos parceiros desta desafiante missão que é fazer propaganda. Tudo passa, entretanto, por questões complicadas e difíceis, como ética, lealdade, respeito, visão empresarial e estratégica, exigindo-se, em determinados momentos, cumplicidade de todos os envolvidos para a sua aplicação.

O que percebemos, após todo este esforço despendido, é que os mesmos agentes do processo que cobram adoção e execução de

medidas moralizadoras não dão as respostas estimuladoras para a sua aplicação. Os maus empresários, os descumpridores das regras e contratos, os predadores e irresponsáveis continuam sendo programados, com suas licenças municipais para funcionar, desestabilizando mercados e setores. A crise conjuntural global não deve esconder as crises locais e específicas de cada cidade e setor da mídia exterior. São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Belo Horizonte, busdoor, outdoor, táxi, mobiliário urbano, painéis e outros engenhos são parte de um todo que precisa e deve ser visto e revisto no seu conjunto de importância, que é internacional e pode representar mais de 10% de todo o bolo publicitário.

Urge, portanto, que todos os verdadeiramente interessados e comprometidos com este negócio, de forma solidária e responsável, atuem diretamente no seu fortalecimento, crescimento, legalização, profissionalização e qualificação, fortalecendo as entidades e exigindo cumprimento das regras aprovadas por todos. Colocamos nossas entidades e produtos à disposição da Abap para apoiar a campanha das marcas, ação que adotamos em todos os estados quando somos mobilizados para apoiar iniciativas que visem fortalecer o setor. Temos certeza de que, com os investimentos de grandes empresas internacionais e nacionais na mídia exterior, o amadorismo e a visão de sobrevivência dará lugar ao profissionalismo e à visão empresarial, que necessariamente passa pela compreensão de que há espaço para todos; que é possível compatibilizar ética e negócio; que é legal ser legal e os

poderes públicos têm o seu papel; que as regras valem para todos, independentemente do tamanho; que o crescimento e expansão de uma empresa não significam a extinção de outra; que concorrência não é guerra.

A macronegociação que estamos realizando para atender às necessidades gerais de Pesquisa de Mídia Exterior, os esforços para criar a Federação de Sindicatos do setor, associadas às inúmeras ações das entidades e empresas para fortalecimento do meio, precisam da reciprocidade do mercado e acenam para uma nova ordem para a publicidade ao ar livre.

Revista Sinal Extensivo – novembro de 2001.

Antonio Carlos Aquino de Oliveira é presidente do Sindicato das Empresas de Publicidade Exterior do Estado da Bahia – Sepex-BA e da Associação Nacional das Empresas de Publicidade em Ônibus – Anepo

A crise e as entidades

Tem sido ímpar a oportunidade de trocar experiências e aprendizado com colegas presidentes e dirigentes de entidades representativas do mercado publicitário e da mídia exterior brasileira. São figuras fantásticas, de rico aprendizado político, técnico e de relacionamento humano. Citá-los é desnecessário para a análise que abaixo faremos. Dentre os pontos que nos unem nas angústias e responsabilidades está a busca da unidade e harmonia interna, condição fundamental para fazermos frente aos inúmeros desafios externos do mercado.

Percebe-se com clareza que unir heterogêneos (homogêneos em ramo de atividade), mesmo em torno de objetivos comuns, é uma das mais difíceis missões, originada em distorcidas visões como o presidencialismo e a subordinação a seus princípios históricos e culturais, dificultando a ação conjunta de diretorias e o espírito de equipe, transferindo-se responsabilidades, omitindo-se e sobrecarregando-se aos poucos a visão de valor e importância nas decisões, voz e votos, baseadas na superioridade monetária e estrutural de cada empresa, em detrimento das empresas associadas de menor porte, da capacidade de articulação, inteligência, representatividade política das lideranças, dos resultados efetivos do trabalho dos dirigentes e dos associados; a permanente tensão gerada na convivência dentro das entidades entre colegas/companheiros (concorrentes) que se digladiam quotidianamente no mercado, cujos métodos antropofágicos, desleais e antiéticos de competição transformam o cinismo e a hipoc-

crisia na base para os relacionamentos em reuniões e assembleias; a visão paternalista e distorcida da maioria, do papel e da importância das entidades na defesa das grandes causas e dos interesses gerais.

Por ser este o momento que estamos vivendo, para nós ele é historicamente o mais importante e necessário para que existam e tenham plena atuação entidades fortes e representativas, defensoras das causas impossíveis a ações individuais de empresas e pessoas, organizadoras e fiscalizadoras das relações e do mercado. Abre-se então o debate sobre o ambiente interno, a qualidade das relações entre empresários dentro e fora das entidades. Diz-se no Nordeste que, quando a necessidade entra pela porta, a ética sai pela janela, que quando a farinha é pouca, o mais esperto pega seu pirão primeiro. Constata-se o fato. Consequentemente, as normas, os códigos e os acordos perdem seu significado e importância. A não revisão destes métodos, posturas e hábitos pessoais de gestão empresarial e convivência continuará gerando atrasos inaceitáveis ao nosso crescimento e desenvolvimento, transferindo-se irresponsavelmente suas consequências para os governantes, para a sociedade, para a economia, para o mercado, para os dirigentes, para a mãe, para o pai... Esta crise somos nós que criamos!

Revista Sinal Extensivo, dez/jan 2002

Antonio Carlos Aquino de Oliveira é presidente do Sindicato das Empresas de Publicidade Exterior do Estado da Bahia – Sepex-BA e da Associação Nacional das Empresas de Publicidade em Ônibus – Anepo

Desastrosa constatação em ano de eleição

Mantenho a observação de que, para todas as regras, há exceção! Está nos jornais deste mês de março, deste ano eleitoral, que Ciro Gomes e José Eduardo Cardoso, secretário geral do PT, não mais serão candidatos a deputado federal, pelas mesmas razões: “desconforto com o sistema político–eleitoral brasileiro” e “não tenho mais paciência de passar nove horas conversando fiado e não fazendo nada pela vida de ninguém”. Se nem os políticos profissionais aguentam mais, é sinal que rompemos os limites do fundo do poço.

O normal e natural em um país com tantos homens e mulheres, trabalhadores e empresários, seria que tivéssemos várias opções de votos, alternativas de projetos de poder e administração, no entanto, em um cenário paupérrimo de propostas sérias, busca-se uma eleição plebiscitária, na base do eles ou eles, já que nossos interesses estão de fora, sem outras possibilidades concretas. A briga é de gigantes pela manutenção do poder, com os de “sempre”, de roupas novas ou velhas, mas com as mesmas práticas: patrimonialismo, nepotismo, corrupção, aparelhismo, empreguismo, clientelismo, paternalismo, autoritarismo e outras derivações de uma formação ainda viciada e cheia de defeitos.

O que acontece? Por que esta situação? Simples. Fazer política é uma profissão, um negócio (às vezes rentável) cuja formação e

seleção não se processa nas escolas, mas na capacidade individual das pessoas de moldar-se às conjunturas, despir-se de princípios e valores em nome da “causa”, hoje mais do que nunca, em busca do poder e do dinheiro através dos seus diferentes efeitos, custos e consequências. As pessoas de bem, com boas intenções e boa formação, ao conviverem nos seios dos partidos, sindicatos e associações, percebem suas “regras especiais” e não conseguem manter-se militando. É duro ter estômago para tanto.

Sentados na mais nobre das tribunas, uma mesa de bar, após cada um expressar seu pensamento sobre a conjuntura política atual, os intelectuais e trabalhadores chegaram a um consenso estarrecedor: se um cidadão comum, um profissional habilitado ou uma mãe de família quiserem encontrar um político ou uma autoridade para falar sério sobre política, sobre problemas e soluções da sua cidade, estado e país, e não tiverem votos ou outra moeda de troca, serão atendidos ou apenas ouvidos? Há espaço na política brasileira, especialmente nos municípios, para se falar com seriedade e profundidade sobre interesses da sociedade, geralmente contrários aos dos donos do poder?

Há sim. Muito pouco, mas há. Todos têm políticos amigos e amigos políticos. Porém, se o político for do grupo dos “éticos”, dele mesmo ouvirás a sentença de poucas possibilidades de ideias de interesse coletivo, sem contrapartidas, darem certo. A singela pracinha, a escondida rede de esgoto, a escolinha rural, a estradinha da roça têm sua razão de ser maior que o bem-estar que

promovem. E por aí se vai. Assim é. Assim será? Quantas obras inacabadas, quantas obras inúteis. Evidente que, para alguém, elas deram resultados.

Estima-se que 30% de todas as nossas riquezas sejam desviadas para fins ilícitos. Ninguém se alarma com isto. Isto não provoca reações, passeatas, indignação. Isto explica e justifica nossa falta de opção de voto, pois o regime é democrático, mas os poderes não são independentes e já não existem partidos políticos no seu maior e melhor sentido.

Se pudermos escrever em forma de desabafo, acuados por não vermos saídas fáceis ou de curto prazo, de alguma forma há o que se comemorar, pois pior são os regimes de exceção. Os jovens promotores, juízes e funcionários concursados já fazem a diferença. Já temos um sistema eleitoral menos vulnerável, respeitando-se a vontade popular, já se assiste a executivos e legislativos presos e cassados por gatunagem. Nem tudo está perdido, mas precisamos de gente séria fazendo política, que nada mais é do que decidir nossos destinos com respeito, com competência e honestidade. Onde vocês estão?



4^a

PARTE

Memórias, pensamentos, poemas e contos

“Não somente as fotos e a memória
devem registrar fatos da vida.
Escrever é uma oportunidade ímpar
de perpetuar histórias e casos”

Aquino

Uma carta para duas grandes mulheres

Minhas queridas Mãe Alzira e Tia Euponina,

Perdoem-me se em determinados momentos pareço afastado e recolhido. Se assim o faço é porque estou submetido à estúpida e equivocada lógica do mundo atual, em que a luta pela sobrevivência, pelo ter e pelo poder nos cega, amesquinha e entristece a todos, parecendo ser o dinheiro a razão de tudo e os valores materiais o determinante do valor das pessoas. Não é esta vida que quero para mim e não é esta vida que pretendo viver doravante. Cultivar o amor, a verdade, a paz, a saúde, a alegria e louvar a vida a cada minuto deve ser o nosso caminho.

Não é uma tarefa fácil, mas missão nobre será buscar dentro de nós a fórmula de vida. Não o que os outros acham e querem para nós, mas o que nós efetivamente queremos. Sei que esta luta pela sobrevivência e este medo louco de cada dia também lhes angustia, razão pela qual creio que estou sendo entendido. Para vocês, cuja missão maior já foi cumprida, vejo que é nos filhos que este medo e angústia se revelam e se transferem. Libertem-se. Libertem-nos! Apenas nos acompanhem, nos incentivem, nos deem força, rezem por nós. Sejamos amigos acima de tudo, mas não queiram mais viver nossas vidas. Vocês estão vivas e têm suas próprias e úteis vidas para viver.

Não têm sido fáceis os últimos anos no campo empresarial e emocional para mim, entretanto tenho a certeza de que estou no caminho certo, da busca de resolver meus problemas por dentro, pois até então acho que vinha vivendo para fazer aquilo que a sociedade dizia ser meu papel, mas quero descobrir qual o meu papel com minhas próprias forças e meios. Por isto pareço afastado, distante, tenso. Mas é uma fase, um momento. Isto significa caminhar ao encontro de Deus. Meu Deus é aquele que perdoa, ensina, incentiva, dá paz e felicidade. Meu Deus não pune, não castiga, não roga praga ou deseja o mal.

Tenho dito para mamãe das leis de Deus que hoje busco entender e praticar, e para as quais rogo-lhes atenção. A força da palavra: devemos falar coisas saudáveis, positivas, construtivas, pois pelas palavras estamos atraindo para nós e para os nossos esta energia. Por isto insisto que devemos ser mais responsáveis com o que dizemos e desejamos. A violência diária nos jornais e na televisão não deve ser o pretexto para tantas palavras amargas e tristes nas conversas familiares e entre amigos. Devemos cultivar e praticar a alegria. Às vezes, brincando com as palavras, atraímos coisas negativas para nós e para quem as dirigimos. Se não for para incentivar, dar força, elogiar, fazer críticas construtivas, devemos evitar dirigir palavras depreciativas. A palavra tem um forte poder, devemos saber usá-la.

A força do desejo: devemos desejar e acreditar no bem. Aquilo que semeamos, colhemos. Devemos, portanto, desejar sempre o

bem, do fundo da alma e do coração, para colher o bem, pois trata-se de uma imensa força, que deve ser dirigida para os canais justos, para que não produzam dores e perdas. Tenho notado, nos últimos dias, amargura, tristeza e peso nas palavras de vocês, razão por que lhes escrevo neste Natal. O maior presente que vocês poderiam nos dar, a todos que vocês amam, é exatamente as suas alegrias, seus carinhos, seus abraços e estímulos. A amargura, as palavras negativas e a tristeza nos afastam, como a todos em nosso redor.

Recebi de uma grande e querida amiga o livro Alegria e Triunfo. Presenteio-as com um único exemplar para que cada uma leia sozinha e depois possam trocar ideias sobre o que leram e viram. Tenho manifestado para mamãe minha discordância para com a interpretação negativa da palavra de Deus, principalmente por parte daqueles que vivem da exploração da fé alheia. Fim de mundo, sinal de tempos, castigo, nada disto existe. O que existe é lei de retorno e o mundo colhe hoje o que vem plantando desde o início da humanidade. Devemos fazer a nossa parte. Primeiro, conhecer-nos a nós mesmos, depois amar-nos uns aos outros e preparar-nos para o caminho da vida eterna.

Vocês, heroínas e vitoriosas desta minha passagem, meus parabéns pelo dever cumprido. Minha maior alegria é a alegria de vocês. Felicidade para todos nós é a felicidade de vocês. Dos seus exemplos, nossa referência, da nossa prática, nossa vida. Caminhemos juntos, ajudando-nos, apoiando-nos, incentivando-nos,

Uma carta para duas grandes mulheres

parabenizando-nos pelas conquistas, sendo solidários nas derrotas, que quando ocorrem são apenas das batalhas, passageiras, pois a vida não é guerra, é vida!

De tudo, uma certeza: amo vocês!

Para ambas, um pedido: suas bênçãos, seus perdões!

Deste que as ama,

Aquino
Bahia, Natal de 1999
Entrada de 2000

Recordar é viver...

Nas horas de folga, nada melhor do que um flashback para relembrar os bons momentos da vida. Às vezes rimos sozinhos quando lembramos daquela época em que éramos felizes e não sabíamos. Muita coisa mudou nas últimas cinco décadas, mas quem foi jovem em Salvador nos anos 70/80 certamente viveu algumas dessas experiências.

Ir à praia da 3ª escada do Farol, que era o point; e na Pituba, no Tatu Paka.

Esperar a Kombi de sorvete Primavera com o seu sininho.

Usou aquelas mortalhas que iam até o pé, inclusive a azul turquesa do Jacu ou o macacão do Traz os Montes.

Lembra-se de Luiz Caldas tocando em trio, do baile do Patropi e do baile do Preto e Branco no Bahiano de Tênis?

E a segunda-feira gorda na Associação Atlética, o Baile dos Internacionais e de Iemanjá, no Clube Português? Curtiu bailes de Carnaval no Clube Fantoques da Euterpe, no Largo Dois de Julho?

Quem não se lembra da Banda Reflexus e da Banda Mel?

Foi a festas de 15 anos na Cabana da Barra ou na Close-up, frequentou a Bual'amour, a barraca de Juvená e o Varandá de Sandoval?

Tinha algum colega de escola que fabricava loló para o Carnaval e vendia em frasco de Seiva de Alfazema?

Participou da Gincana da Primavera, na Fonte Nova?

Andava em ônibus da Vibemsa, estudou no Marista, ISBA, Vieira, São Paulo, Dois de Julho, Sacramentinas, Instituto Feminino e, se levou pau, acabou no Ipiranga ou em outra "fábrica"? Estudou também no Central, Iceia ou Severino Vieira...

Quem não se lembra do Cine Rio Vermelho, que tinha dois andares? Do cinema Guarani, que virou Glauber Rocha, e agora é Espaço Unibanco?

Ia com seus pais assistir a sessões matinais de Tom & Jerry no Cine Guarani no primeiro domingo de cada mês? No Cine Bristol, ficava em dúvida se sentava na parte de cima ou na de baixo.

Garanto que você deve ter assistido a muitos filmes nos cines Art 1 e 2 (que antes era o Bristol e antes ainda era Cine Politeama). Virou igreja evangélica, agora nem sei mais...

Lembra das Duas Américas, a primeira loja da Avenida Sete com escada rolante? E da Lobrás, da 4 e 400, da Sloper, da M. Krychete?

Viu o Leônico disputar título na Fonte Nova, com o goleiro ajoelhado rezando pra acabar o jogo?

Marcava encontros no Fundação Politécnica, pois o Iguatemi ainda não existia...

Passava as tardes de sábado no Iguatemi com calça OP, mochila da Company, camisa fio Escócia e Hang Loose e sandália Catina Surf.

Ia comer pizza no Giovanni no terraço do Iguatemi. Já usou muita roupa da Mesbla, da Sandiz, da Petronius Júnior, colecionou carrinhos de metal em miniatura da Match Box, que abria as portas e a tampa do motor, comprados numa loja que eu não lembro o nome, na Avenida Carlos Gomes;

E aquele hot dog do Tonni's na Pituba? Já assistiu muita cor-

Recordar é viver...

rida de caranguejo no Jardim dos Namorados; Assistia ao 'Parquinho' de Tia Arilma só para ver Miss Mara, Geisa e Deusdete;

Não perdia um show no Circo Troca de Segredos;

Sabe também o jingle da TV Aratu ("TV Aratu, canal 4/Salvador, meu amor, Bahia"), Telebahia ("E fale bem desta terra com emoção...") e da Cesta do Povo ("Nesse ano novo, eu quero meu povo..."); Lembra da música da Varig ("Estrela brasileira no céu azul, iluminando de norte a sul... nasceu Jesus, chegou Natal... Varig, Varig, Varig");

No São João, comprava bomba de mil escondido. Já teve uma calça jeans US Top, porque a Lee Riders era muito cara.

Viu seu primeiro show de strip-tease na Number One; foi a show no Bahiano de Tênis, curtiu A Cor do Som, Moraes Moreira, Novos Baianos...

Chupava bala Apache e Juquinha, e o pirulito Zorro;

Saía para pegar coroa no Quintela, Cabana's e Carinhoso;

Alistou-se na Barroquinha ou no Forte de Santo Antônio;

Programa de domingo à tarde era ir à Ribeira tomar sorvete.

Dançou lambada ou discoteca no Freddy's ou no New Freddy's;

Tinha algum parente que corria na Turma da Madrugada;

Chamava a Unifacs de Trabuco;

Participou de pegas na Barra. Era o maior auê quando jogavam óleo na pista para os carros rodarem;

Domingo à noite, vibrava com os pegas no Pitubão e corria quando a polícia chegava;

Já pulou do trampolim de saltos ornamentais na AABB, que virou Unimar, que virou Paes Mendonça, que virou Bom Preço;

Transou dentro do Fusca no Jardim dos Namorados;

Fez escolinha de tênis com Tchê na Associação Atlética;

Já foi ao Iguatemi de frescão. Praia longe era a do Sesc, Plakafor e Itapuá;

Recordar é viver...

Assistiu mais de cinco vezes à peça A Bofetada;

Já perdeu a conta de quantas vezes a Concha Acústica do TCA foi reinaugurada;

Lembra do Teatro Maria Bethânia, que virou bingo e depois churrascaria?

Assistiu a show de A Cor do Som no Farol;

Não perdia um domingo na Hippopotamus, ou na Maria Fu-
maça (\$ 100,00 com direito a pipoca e Coca-cola); Dançou
na Tropicália, dia de domingo, às 18 horas, com Cleber e
Pica-pau querendo dar show;

Foi na Boate Champanhe e na Green House.

Tomava sorvete na Bambinella, na Rua Marques de Leão.

Ouvia as mostras de som do ISBA e do Vieira;

Participou dos desfiles das escolas no Dia do Estudante;

Viu alguns malucos andarem de moto na balaustrada da Bar-
ra no domingo à noite durante os pegas;

Ouviu mixagem do DJ Wilson na Itapoan FM;

Quem não se lembra do jingle (“Ali, ali, ali, Alimbinha, a mais deliciosa merendinha” ou do “biscoitos Tupy, melhores eu nunca vi”);

Foi sócio do Clube do Mickey com Mara Maravilha;

Quem não lanchou na Cubana, em cima do Elevador Lacerda, e na Roses, no início da Carlos Gomes?;

E por falar em Carlos Gomes, quem não comeu as esfihas do Good Day e do Teng Teng, ali em frente ao Brazeiro?

E o hot-dog no Rei ou Príncipe do Hot Dog, na Piedade, em frente ao Curso Águia?

Por falar em sanduba, quem não comeu um no Baitakão da Piedade? O suco de laranja era colocado nos baldes enormes de maionese, que eram reaproveitados.

Entrou na Fonte Nova no xaréu só pra tirar onda;

Tomou banho com orgulho, na praia, ostentando a boia de trator.

Veraneava em Itapuã; viajava pra Itacimirim e Arembepe (looonge); quem não acampou durante o Carnaval em Guarajuba, que quase não tinha casas; e no Clube do Camping;

Assistiu à abertura da TV Itapoan, que durava 5 minutos, só para ver a bunda da menina que saía da água;

Esperou durante um mês a TV Bahia começar a programação e durante este tempo só estava no ar o logotipo;

Visitou o Museu de Tecnologia;

Quem se lembra do Bar Portal, onde Netinho cantava;

Quem se lembra do Sabor da Terra, barzinho de movimento;

Quem se lembra do Canteiros, barzinho na Pituba? E das batidas do Diolino e do Sobatidas, no Rio Vermelho...

E do caldo de sururu do Bar Popular, na Pituba?

Quem lembra que, para ir à praia do Conde, eram mais de 6 horas, pois a estrada era trilha... Quem não esteve (ou disse que esteve) na Fonte Nova quando o Papai Noel chegou de helicóptero...

E o boneco Fofão era mesmo maldito?

Curtiu banho de lagoa depois da praia em Stella Mares;

Curtiu as noites de sábado na Le Zodiac, imperdível...

Quem lembra do barzinho Inverno Verão da Pituba? Ou do Voyage? Ou do Cine Bahia, onde Ghost passou durante oito meses. Ou comprava uva na subida da Barroquinha no Carnaval...

Namorou escondido no Passeio Público... ou no Jardim de Nazaré? Ou no Alto de Ondina? Tomou cerveja mini e paquerou na Moenda, cheia de turistas;

Comia no chinês Tong Fong, no Campo da Pólvora, em frente ao Fórum;

Todas as sextas e sábados, o programa era ir para o Barravento...

E o pôr do sol no Farol...

Quanta coisa boa... Não dá pra esquecer.

Hahaha! Só dá pra perceber que tá todo mundo coroa...

Frases retiradas de e-mails enviados por amigos

Uma espécie de testamento

Reparto neste instante o meu mais precioso patrimônio, a maior das minhas conquistas nesta passagem, a descoberta em vida que:

O amor é a maior força existente no universo;

O maior patrimônio possível de ser construído é o autoconhecimento e a unidade espiritual;

A maior viagem possível de ser feita é para o nosso interior;

A melhor forma de receber é dando de coração;

A fé verdadeira é a maior das conquistas;

O único mestre é Deus. Buscá-lo deve ser razão de nossas vidas;

Deixo para as minhas filhas todo o patrimônio material que puder construir em minha vida, na condição básica e essencial de que sua utilização seja destinada à prática do bem, da harmonia, do amor e da paz.

Se a mim, doravante, for permitido ter empresas ou empreendimentos rentáveis e consolidados, parte dos resultados deve ser obrigatoriamente dividida com os responsáveis pela sua conquista (trabalhadores) e com instituições sérias de amparo a crianças, doentes e idosos (sociedade), decisão a ser seguida por quem me suceder.

Saibam todos que descobri em tempo que estão em mim todas as respostas às minhas indagações. Agradeço a Deus e a todos que em relações de vida serviram-me de espelho, dividiram, compartilharam, somaram e me ensinaram. Assumo a responsabilidade por tudo o que fiz, vivi e senti. Peço perdão e perdoo a todos que de alguma forma magoei ou magoaram-me. E quando este corpo não me for mais útil neste aprendizado, tenham certeza de que fui feliz em viver buscando a paz, o amor, a união.

Pensamentos para reflexões e práticas

Estas frases devem ser lidas diariamente, analisadas, avaliadas e comparadas com as experiências diárias de cada um de vocês. Não são leis, são bases para reflexões e referências comportamentais.

Resolva as pequenas coisas que estão lhe incomodando. Pequenas coisas que lhe chateiam todos os dias merecem ser observadas e resolvidas.

Esteja sempre aberto para o novo, para as mudanças, para conhecer, porém não despreze jamais as coisas em que acredita, seus valores pessoais.

Estabeleça limites para suas preocupações, que devem estar relacionadas com a capacidade que você tem para resolvê-las. Nada merece tirar suas noites de sono.

O corpo é a extensão da alma. Respeitá-lo é um ato de amor próprio. Jamais violente-se nos seus princípios para agradar a quem quer que seja.

A vida é feita de oportunidades. Aproveite-as, lembrando-se sempre de que você é responsável por seus atos.

Aprenda a apreender. De tudo é possível tirar lições, principalmente da dor.

Não existe maior fonte de sabedoria do que a natureza. Aprenda a amá-la, conviva o máximo possível com ela e aprenda com as coisas simples que ela nos ensina.

Não existem pessoas superiores a você. Trate a todos com igual deferência e respeito, pois também não são superiores a ninguém. Lembre-se: riqueza material não é sinal de nobreza. Conhecimento científico não está diretamente relacionado com espírito humanitário. Nem toda autoridade é séria.

Separe amizade de negócios, aconselhe-se com profissionais, evite bajuladores, fofoqueiros, vaidosos, orgulhosos, prepotentes e pessoas violentas.

O dinheiro é uma fonte esgotável e, como tal, deve ser usado. Dinheiro deve estar sempre subordinado às nossas necessidades e existe para nos servir, não nós a ele. Jamais transforme dinheiro ou coisas materiais nas coisas mais importantes de sua vida.

Aprenda a ouvir. Use o silêncio com sabedoria. Cultive e desenvolva suas curiosidades, sentidos de observação e sensibilidades auditiva, gustativa, olfativa e visual. Existem exercícios para isto.

Faça sempre aquilo de que tem certeza que quer. E quando o fizer, faça o melhor possível. Aprenda desde cedo a ouvir seu coração e segui-lo.

O preço das coisas não deve ser o fator determinante para a decisão de compra. Qualidade e utilidade devem ser levados em conta.

Não faça nenhuma economia quando aspectos da sua segurança estiverem em jogo.

A melhor forma de falar de um assunto é conhecê-lo bastante.

Lute contra seus preconceitos, rancores, ódios ou outros sentimentos que lhe tornem triste e amargurado. A melhor forma de fazê-lo é assumi-los, avaliá-los criteriosamente e transformá-los. Jamais negá-los ou mascará-los.

Não troque seus desejos por economias pequenas.

Conheça o mundo antes de decidir fincar raízes, onde morar e o que fazer. Descubra suas razões de existir.

Pratique esportes e experimente ao máximo as aventuras possíveis oferecidas pela natureza.

Só crie animais se puder lhes oferecer contato permanente com seu habitat natural.

Só possua aquilo que considere absolutamente necessário ao bem-estar, à felicidade e à segurança. Evite acumular futilidades.

Tristezas e alegrias fazem parte da vida. Enfrente-as e assumam-as por igual. Não deixe que nenhuma das duas fases abale suas estruturas emocionais. O bem e o mal, o certo e o errado existem dentro de todos os seres humanos. Assumirmo-nos como somos é fundamental.

Não feche negócios de boca, na palavra. Negócio é negócio. Não avalize nem para seu pai.

Faça dos livros e da música companheiros inseparáveis. Aprenda a tocar um instrumento e cante.

Demonstre indignação diante da violência, da covardia, da canalhice e de outros atos que firam a cidadania e o respeito ao próximo.

Corra atrás dos seus sonhos, fazendo deles sua razão de viver, mas não esqueça: cabeça na lua e pés na terra.

Saber falar é tão ou mais importante do que o assunto falado.

Preguiça e desânimo devem ser rigorosamente combatidos. O remédio é descobrir suas causas e transformá-las.

Não responsabilize os outros pelos seus problemas, pelos seus erros. Aprenda a valorizar seus trabalhos e realizações.

Não desanime por falta de elogios. Faça sempre por querer fazer, nunca para agradar ou esperar recompensas.

Resolva seus problemas emocionais. Não se deixe atormentar com recaídas. Em brigas emocionais, não relembre fatos superados.

Marque presença no seu grupo como pessoa realizadora e empreendedora. A dependência de coisas e pessoas é sempre negativa. Não tenha receio de perguntar o que não sabe ou de admitir erros.

O conhecimento é universal. Ensine o que sabe. Não tenha medo da concorrência, apenas respeite os adversários.

O maior beneficiário da verdade e da honestidade é você mesmo.

Se você não precisa de algo, não tenha.

Acredite em Deus e faça da oração uma base insubstituível de apoio.

Sua vida pessoal e financeira só deve ser dividida com pessoas de estreita confiança e quando absolutamente necessário.

Ajude as pessoas a levantar.

Não cultive sentimentos de vingança.

Não tenha medo de amar, mesmo sabendo dos riscos.

Quando se tratar de amor, seja verdadeiro e honesto.

Se algo lhe é caro e importante, não o arrisque.

Cuide de sua vida em primeiro lugar. Conheça-se e ame-se.

Não acumule dívidas e não prometa o que não pode cumprir.

Não é uma atitude inteligente ou sensata corrigir um erro cometendo outro maior.

Procure com todas as suas forças descobrir-se, conhecer-se e aceitar-se. Esta é a maior das viagens que você pode fazer nesta passagem na Terra.

As doenças do nosso corpo estão associadas à nossa mente. Procure identificar a verdadeira origem de suas doenças.

Devemos sempre usar nosso corpo com amor e reverência. Ele é nosso santuário. Na alimentação, no repouso, no exercício diário e em todos os atos, devemos transmitir-lhe amor.

A melhor forma de curar-se de qualquer coisa é aceitá-la quando existir. Resistir a uma coisa que existe em nós e não aceitá-la é fazê-la persistir.

O melhor caminho para a cura e para a paz é o perdão, a nós mesmos e aos outros.

Devemos abandonar qualquer julgamento crítico.

Descubra o que é o Ego, estude-o e trabalhe com ele com sabedoria e inteligência. Jamais abandone o auxílio de Deus no trabalho do autoconhecimento e do desenvolvimento espiritual.

Explore a dor para conhecer sua verdadeira origem e razão.

Seja sempre honesto, principalmente consigo mesmo. Verá que isto lhe trará paz.

Tudo o que você sente se origina em sua própria mente. Lembre-se disto.

Não existe nada neste mundo que você vê e sente neste momento que permaneça para sempre. Pense nisso e use com sabedoria.

Você não é pecador e não possui pecado original. Jesus morreu para nos salvar. Não alimente culpa, mas viva com sabedoria, respeito, dignidade e na certeza de que Deus existe. Busque-O em você mesmo.

Evite julgar a si e ao próximo. O julgamento constante que fazemos impede a luz divina de penetrar em nosso coração.

Não se sinta vítima, descubra a verdade dos seus sofrimentos sem pôr a culpa nos outros.

Não procure mudar o mundo, procure sempre mudar sua mente em relação a ele.

Evite relações de dependência com qualquer pessoa ou coisa, inclusive seu pai. A felicidade está dentro de você, não em outras pessoas ou coisas.

Cultive relações e amizades construtivas, positivas e saudáveis. Evite relações com pessoas negativas, violentas, pessimistas, dependentes e viciadas em drogas.

Use as diversas relações interpessoais (amigos, pais, professores, avós) para aprender mais sobre você mesmo, estando atento e trazendo à consciência o perdão e a cura das coisas que lhe causam dor.

O sentimento de dor e vazio não deve ser preenchido por outras pessoas ou coisas. Busque em você as respostas. Não culpe, não julgue e não responsabilize as pessoas ou coisas por seu estado de espírito (tristeza, mágoa, dor).

Não projete nos outros suas insatisfações, ódios e raivas. Descubra a origem dentro de você e cure-as, perdendo e transformando a culpa em aprendizado e autoconhecimento.

Existem coisas em nós que odiamos e negamos, que projetamos em nossos supostos inimigos e adversários. Precisamos descobri-las e transformá-las.

O passado não existe. Apenas o agora é real. Assim, o que você está sentindo neste momento depende da decisão do presente.

Estude os vícios de linguagem que transferem a razão de suas dores para os outros, como: “Você me fez mal”; “Estou sofrendo por sua causa”. São mecanismos de defesa usados para culpar os outros.

Tudo na vida tem um custo. Aprenda a avaliá-lo na hora de decidir e escolher um caminho. Lembre-se: a decisão final é sua, a vida é sua e quem vai pagar o preço é você.

Busque fazer as coisas que lhe fazem feliz e não as que lhe darão razão junto aos outros ou irão agradar às pessoas.

Quando apontar o dedo para alguém para acusá-lo de algo, procure em si mesmo se isto também não existe em você. Use suas relações como espelho.

Estude psicologia, neurolinguística, história do comportamento. Pratique o autoconhecimento.

A prática do perdão significa, antes de mais nada, parar de julgar o mundo e a nós mesmos.

Não tenha medo de assumir suas dores e desencantos, como também não hesite em pedir ajuda e apoio àqueles em quem confia.

Agredir pessoas, ser violento, é, antes de mais nada, uma agressão a você mesmo.

Faça do seu lar um local de paz e harmonia. Cada um deve dar a contribuição para isto. A desarmonia existe em casa porque um de nós está em desarmonia. Cada um só dá o que tem, por isso precisamos buscar dentro de nós, no nosso coração e em nossa alma, o amor e a paz.

Assuma a responsabilidade pelos seus sentimentos. Peça o apoio de Deus em suas orações.

A vida é feita de trocas. Você não perde nada quando dá de coração. Ter depende de dar e não de obter.

Lembre-se sempre: Deus existe em cada um de nós. Descubra-O. Buscar e praticar a verdade exigem fé.

Descubra os feitos mágicos e milagrosos da respiração. Aprenda a trabalhá-la e a usá-la no seu autocontrole.

Se sou seu pai e se vocês são irmãs, existe uma razão divina para isto. Vamos descobri-la juntos e aplicá-la em favor da nossa felicidade. Nada acontece por acaso. Jamais conseguirei dizer a vocês o quanto as amo.

Adágios populares que merecem reflexão

Respeitem a sabedoria popular. Em um velho analfabeto da roça pode haver muito mais sabedoria que em um doutor da cidade. Não se deixe influenciar pela aparência. Não julgue. Reflita com calma sobre cada frase.

Com raiva, respire fundo e conte até dez.

Quem canta seus males espanta.

Não mostre defeitos, apresente soluções. Faça críticas construtivas.

Não lamente a escuridão, acenda uma vela.

Dê o primeiro passo, sempre.

Cada dia com sua agonia. Não sofra por antecedência.

Não mate a galinha de ovos de ouro.

Rir é o melhor remédio.

Adágios populares que merecem reflexão

Vista-se com sua melhor roupa quando estiver na pior.

Pra frente é que se anda.

Viver aprende-se vivendo, pelejando, fazendo.

Aprenda com as derrotas.

Cresça e apareça.

Quem ouve sossega não precisa ouvir coitado.

Não adianta chorar o leite derramado.

Nunca menospreze o adversário.

Há males que vêm para o bem.

Jamais coloque todos os ovos em uma única cesta.

Não existe problema sem solução.

Deus dá o frio conforme o cobertor.

Gosto não se discute.

Malefício se faz de uma vez só.

Não julgue para não ser julgado.

Antes só do que mal acompanhado.

Beleza não põe mesa.

O que passou, passou. Viva o presente. O futuro se decide no presente.

Aqui se faz, aqui se paga. Respeite a lei do retorno.

Não dê aos outros o que não quer para si.

É dando que se recebe. Quem dá o bem recebe o bem.

Faça sempre como a água do rio, contorne os obstáculos e siga.

A pressa é inimiga de perfeição.

Um erro não justifica outro.

Arrependa-se do que não fez. Aprenda com o que faz.

Adágios populares que merecem reflexão

Descubra o lado positivo da dor.

Tristeza não paga dívidas.

Promessa é dívida.

Amar não é pecado.

Errar é humano. Persistir no erro é burrice.

Nunca foi um bom amigo quem por pouco quebrou a amizade.

Difícil é ganhar um amigo em uma hora. Fácil é ofendê-lo em um minuto.

O grande caminho não tem portas. Para ele convergem várias estradas.

Só percebemos o valor da água quando a fonte seca.

O tempo mostra o amigo.

Quem não zela não ama.

O homem comum fala, o sábio escuta, o tolo discute.

Só pessoas inteligentes sabem ser ouvintes.

O melhor educador é o que conseguiu educar-se a si mesmo.

O silêncio é algumas vezes mais eloquente do que os discursos.

Só recorre aos gritos quem não conseguiu triunfar com a razão.

O oásis é mais saboreado quando saímos do deserto.

O maior erro é a pressa antes do tempo, e a lentidão ante a oportunidade.

O segredo da perene juventude da alma é ter uma causa a que dedicar a vida.

Erramos quando transformamos diferenças de sexo, religião e raça em desigualdades.

Tudo vale a pena quando a alma não é pequena.

Quem quiser vencer na vida deve fazer como os sábios: mesmo com a alma partida, ter um sorriso nos lábios.

Seu tesouro

Onde está seu coração, aí está o seu tesouro!
A divina inocência que desfrutaste na infância
É o elixir da vitalidade, do entusiasmo, da motivação
E da coragem que gostaria de ver perpetuada na
Jornada de toda a sua existência.
Quisera poupar-lhes de dores e desilusões
Desnecessárias geradas pelas crenças e
Valores exteriores que uma sociedade enferma,
Equivocada e carente tentará imputar sobre vocês.
Quisera ver-lhes sempre luz e amor, irradiando e
Sendo mensageiras de paz e amor, desprovidas de medo.
Dá-me, Deus, o dom de, respeitadas as suas individualidades
Do viver e experimentar, do sentir e prover, transmitir-lhes,
Em ato de amor divino, feixes de luz de quem já está
No caminho, que tudo o que sabe é que muito há
Para aprender, que fez a jornada muito mais difícil
Que o necessário, que muita dor poderia ter sido evitada
Se desde cedo aprendesse a ouvir o coração, a exercitar
A verdade, amar a Deus e a si mesmo.
Como filho de Deus, criado à sua imagem e semelhança,
Liberto por seu filho Jesus,
Declaro-lhes filhas livres do pecado e da culpa.
Por meu amor e com todo o meu amor, que a luz divina as livre

Dos valores e crenças que lhes desviam
Do caminho da autoestima,
Do autoconhecimento, da felicidade, da paz e do amor.
Façam a sua parte: conheçam a si mesmas, tenham fé.

Mais uma lição

Levante, erga a cabeça
Enxugue os olhos
Olhe em volta e veja
Que o mundo não acabou.

Levante, sacuda o pó da roupa
Percorra o seu corpo com as mãos
Veja e sinta que estás vivo
E que hoje é o seu renascer.

Orgulhe-se do que viveu
Aproveite o que aprendeu
E sinta que ninguém
Pode ser mais feliz do que você!

Janeiro de 1980

Perdido e achado

É como quem rouba notícia
Mas não pode divulgar
É como se nada fosse
E a nada pudesse chegar.

É como dormir sem ter leito
E não ter com que sonhar
E se acorda, bate a fome
Mas não pode reclamar.

É como falar sem ter voz
Escutar sendo surdo
É como ficar a sós
Sendo o dono do mundo.

Fevereiro de 1980

Com coragem

Caminhar sempre em frente
Por caminhos que levem ao futuro
Com certeza e sem medo de andar no escuro
Com a coragem de quem descobre a vida.

Lançar-se de peito no mundo
Como forma de viver e amar
Sendo a cada instante – você para o que der!
Para o que chegar!

Enfrentar o novo com força nova
Não se dobrar nunca diante dos obstáculos
E ver
Se estás vivo,
Tens força,
Segue...
Com coragem!

Fevereiro de 1980

Amor adolescente

Quando o peito apertar
Num sufoco de dor
Quando os olhos molharem
É o gosto do amor.

Mesmo sem perceber
Ele começa a surgir
Mesmo sem querer
Ele sempre há de vir.

Quando ele chega, ele fica
Com alegria e com dor
É assim que se vive
A fantasia do amor.

Dezembro de 1980

Homenagem ao sol

Ergue-se belo e brilhante
Diante de uma plateia perplexa e hesitante
Que horas a fio o esperava.

Teu nome é universal
Teu poder, fenomenal
Quantas vidas dependem de ti.

Varre, seca, queima
Bronzeia, enxuga, embeleza
Torna a vida mais bonita.

Poucos te reconhecem o valor
Embora chorem sua falta
E quando te ausentas,
Gritam por ti
Estrela maior... Sol!

Janeiro de 1981

Deixa rolar o amor

Eu não vou determinar
Vou deixar acontecer
Vou deixar viver a vida
Vou deixar vida viver.

Se viver for ter contigo
É melhor do que morrer
Morte de dor e saudade
Do amor acontecer,
Sem pensar, sem medir,
Simplesmente, acontecer.

Brotado, suave, inocente,
Talvez de peitos carentes
Calejados, sofridos, vida
Doídos de amores
Sangue sugado da alma vivente
Que sorri feliz
Após descobrir a tempo
Que além de vivo sou capaz de amar
Ser gente!

Outubro de 1981

Canção para Luana

Clara como um dia de Sol
Linda como a noite de Lua
És Sol, és Lua, és Luana
És dia, és noite, és Luana.
Nasce como estrela de brilho
Na vida de quem é só amor
Quem por ti sonhou uma vida
Que teu nascer realizou.
Teu olhar de luar ensolarado
Vida que o universo traduz
Natureza brilho estrela
Sonho real, vida.
És Sol, és Lua, és Luana
És dia, és noite, és Luana.
A linha do horizonte do mar
Assemelha-se aos teus limites
Que como o infinito do céu
Resume meu amor por ti
Meu bem querer, minha alegria,
Luana.

Julho de 1988

Um caminho

Contestar e criticar o posto,
Propor o novo,
Viver por ideal.

Acreditar na vida,
Fazer o presente,
Transformando o sonho do futuro
Em consciência de paz e luz.

Quem encontrou o caminho
E seguiu, com sentimento de glória,
Vitória e dever cumprido,
Missão realizada
Por bravo e herói,
Que acreditou e viu
Acontecer,
Suas maiores metas.

Quem jamais se acomodou,
Passou por tudo, questionou,
Onde esteve, somou:
Marcou sua passagem com a luz de quem,

Um caminho

Como as estrelas,
Brilha e brilhou por ter sido sempre
Consciente e cidadão.

Janeiro de 1994

Acordando

Tudo eram moldes e fôrmas,
Tudo era padrão.
Tudo mandava e orientava,
Exemplos.

Nascer de conflitos,
Forjada falsa estrutura,
Crescendo, caminhando e aprendendo.

Quase ao fim do caminho,
Descobrir-se, não por acaso,
Que se luta para ser,
Aquilo que se acha que é,
Enfrentando o verdadeiro ser,
Que em luta permanente,
Entre o certo e o errado, o pecado e a boa ação,
Nas nuvens de sonhos e contradições,
Angústias e alegrias,
Procura-se descobrir.

Da lição, maior aprendizado, orgulho do fantástico acordar,
Descobrimo em tempo e vida
Ser possível corrigir rumos, mudar,

Acordando

Ser feliz de verdade,
Ao assumir, pura e simplesmente, de frente,
Quem és!

Agosto de 1995

Deus - arquiteto da natureza

Quem és tu, pintor ilustre
Que pintas estas aquarelas fantásticas
Com tintas incopiáveis
Que muda cores e tons sem trocar telas
Depois se dá ao luxo de tudo apagar?

Quem és tu, arquiteto fantástico
Que ergueu estas montanhas e vales
Que uniu rios e mares
Que deu equilíbrio ao movimento
Que transformou energia em vida?

Quem és tu, biólogo soberano
Que deu vida e sustento
Que nada deixou faltar
Que harmonizou a existência
Criando sistemas perfeitos
Interdependentes e equilibrados?

Quem és tu, pai de todos
Que deu origem ao que existe
Que rege com maestria a vida
Que ensinou o caminho da glória

Deus - arquiteto da natureza

Que deu sentido à paz
Que inventou o amor
Que criou a sua semelhança?

Deus, você não precisa aparecer para provar,
Mostrar e afirmar
Tua obra universal!

Setembro de 1996

O despertar da natureza

Somente o fim da madrugada,
E o início do amanhecer
São capazes de produzir
Esta poeira molhada,
Que, úmida e fria,
Desperta a natureza,
Acordando os pássaros.
Somente o canto forte do galo campina
É capaz de anunciar
O nascer de um novo dia.
Somente a fumaça da chaminé
É capaz de avisar que o homem
Atendeu ao chamamento
E incorporou-se à sinfonia,
Ao sonho, à alegria,
À beleza e à forma
Do despertar da natureza.
Um bom dia,
Anunciado pelos primeiros raios do Sol,
Somente para quem sabe,

O despertar da natureza

Como é o amanhecer no campo,
Onde eu tenho uma casa.

“Eu quero uma casa no campo, onde possa compor
muitos rock's rurais...”

Junho de 1997

Visão do tempo

Não conto o tempo
Porque o tempo passa.
Passando, o tempo soma
Somando o tempo, nosso tempo de vida diminui.

Desta lição da natureza
Aprendemos que a vida é curta
A morte é certa
Lições devem ser tiradas, aprendidas.

Nossa vida não é uma corrida pelo tempo
O amor não deve ser medido em tempo,
Pois sua permanência não deve ser medida pelo tempo
Não é um teste de resistência.

Capacidade de dar e receber felicidade plena
É o verdadeiro medidor do tempo, razão maior de viver.
Da paz conquistada pelo amor
Nasce a certeza de que o tempo,
Amigo, conspira a nosso favor.

Outubro de 1998

História das conquistas

Cada troféu teve uma história,
Cada história teve um personagem,
Cada personagem travou uma luta.

Cada luta teve um campo de batalha,
Teve um alvo.
Para cada alvo foi estabelecida uma estratégia,
Em cada estratégia havia a marca do personagem.

Cada personagem construiu uma história,
Alcançou o troféu,
Venceu as batalhas,
Atingiu a Glória!

Agosto de 1999

Poema da massa

Paraíba,

De repente, um repente. Já foi pior, ruim é e pior será. Será?

“Amassando a massa, a mão que amassa a comida. A dor da gente é dor de menino acanhado, menino bezerro pisado, no curral do mundo a penar...”

Movimento das massas,

Massas em movimento,

Moldes moldados. Formas forjadas, máscaras.

Estátuas e bonecos emassados,

De gesso molhado e ressecado,

Moldados.

Barro, tijolo, bloco

Rígidos e moldados, móveis imóveis.

“Vida de gado, povo marcado, povo feliz”

“Vocês que fazem parte desta massa”

Poder, fruta doce que já nasce apodrecida

Pelo falso encanto que traz

Droga insana e feroz que destrói

Mais do que lhe assiste

O uso que os que dela apraz

Quem lhes condena, passado e presente

Quem lhes injuria os casamentos

Com as mais vulgares deitam-se

Poema da massa

Nas mais cínicas e hipócritas relações
Sustentam-se e se satisfazem
Nas injustas injustiças
Sangram nosso suor
Nos palácios e tribunais venais
Que nem suas entranhas
Poupam as imoralidades que faz
Santa ignorância, abençoa a todos que
Nas torcidas se levantam e gritam
Puxados sem saber
Por um bobo e inexistente maestro
Que não tem nome e cara
São todos os que em um dia
E em uma hora, em efêmeras passagens
São chefes da banda
Brasil, triste Bahia, ó como és semelhante, triste
Importa sim quem mente mais,
Pois todos mentem muito
E nisto há uma diferença sutil e essencial
Pasmem, enlouqueçam!!!
Os que não foram iguais, foram piores.
Se és massa, não reclame
Se és cidadão, vá à luta!
Levante, sacuda a poeira e deite em cima

Uma breve história

Era uma sexta feira, 24 de abril de 1981, às quatro horas da tarde. Entrei no ônibus com livros e cadernos na mão para ir ao hospital ver Géó. Sentei-me em uma cadeira de um ônibus ainda vazio. Uma senhora de idade avançada apareceu ao meu lado quando não havia outros lugares vagos. Ofereci-lhe o meu e, meio relutante, ela aceitou. Como forma de convencê-la, disse-lhe que ainda crescia. Meio assustada, perguntou-me se eu tinha 18 anos. Eu lhe respondi que não, mas assegurei-lhe que cresceria sempre. Por dentro, no espírito, como gente, como aquele gesto. Sempre.

Abril de 1981

O menino de Ondina

Entre os bairros de Ondina e do Rio Vermelho, em Salvador, existe um trecho em que, de um lado, está o mar, e do outro lado, encontra-se um morro, em cuja parte superior está localizada a residência oficial do governo do estado – o Palácio de Ondina. Era começo de tarde. Havia pouca gente neste trecho e até o movimento de carros era fraco. Vinha para o trabalho, quando, no trecho deserto, percebi um senhor sujo e malvestido, mas de aparência suave, que andava apressadamente. Um pouco adiante, uma criança, menino entre 10 e 11 anos, corria angustiado, olhando sistematicamente para trás. Seu semblante era de pavor e medo. Parei o carro um pouco adiante e abri a porta do carona. A sua farda do colégio social indicava seu destino, que era um pouco adiante. Sem vacilar, ele entrou no carro. Dei partida em direção ao colégio e lhe indaguei a razão daquela situação e do seu estado emocional. Ele me relatou que, de repente, olhou para trás e viu aquele velho andando ligeiro no mesmo sentido que ele. Começou a perceber que o velho se aproximava e começou a correr instintivamente e com medo. Na medida em que corria, seu pavor aumentava sem que o velho tivesse feito nada para denunciar sua suposta perseguição, até que eu cheguei para lhe aliviar a tensão. Seu suspiro fundo denunciou sua inocência em entrar no carro de um desconhecido sem ao menos lhe perguntar o nome ou para onde ia.

Quando parei o carro para que saltasse, em frente ao colégio, lhe perguntei: “Como teve coragem de entrar no carro de um homem mais jovem, forte e desconhecido e teve medo de um velho fraco?” Com semblante calmo, ele me respondeu: “Não sei, isto é coisa de criança. O culpado é o medo. Vou deixar de ver filme de terror”.

Junho de 1986

A água do Prado

Foi no Carnaval de 1992. Eu, Géó, Nicinha e Maria resolvemos passar o Carnaval no Prado, cidade turística do litoral sul da Bahia. A maratona começou com a viagem de quase dez horas, apimentada com a falta de hospedagem na cidade, que somente foi resolvida com uma velha pousada em que ficamos, os quatro, em um mesmo apartamento. Quatro dias maravilhosos, em que só comemos peixe, camarão, caranguejo, lagosta, pitu e demais frutos do mar. Cumuruxatiba, Corumbau e Alcobaça foram alguns dos muitos lugares conhecidos.

Conhecemos o primeiro jegue elétrico de nossas vidas, ou seja, um jegue fantasiado de trio elétrico, com caixa de som e tudo. Mas a história da água do Prado aconteceu em um dos nossos passeios. Voltávamos de Cumuruxatiba, morrendo de sede e sonhando em chegar em uma fonte de água mineral que fica às margens da estrada de barro de acesso ao vilarejo. Quando chegamos, havia uma fila enorme, com pessoas cheias de vários vasilhames, de diversos tamanhos e capacidades. Deu quase que desespero. Todas as pessoas que acorrem à cidade neste período recolhem a dita água para consumo.

Após aguardar por um tempo, Géó solicitou à pessoa que estava abastecendo seu garrafão que permitisse encher ao menos um copo, no que foi atendida, apesar das caras feias. Quando Géó colocou o copo na torneira, a água parou de jorrar. Que

indignação! O que aconteceu? Como pôde? Abre torneira, fecha torneira e nada. Que pé frio! Aos poucos, a fila foi acabando e as pessoas indo embora. As pessoas que paravam nos carros para apanhar água perguntavam o que havia acontecido e seguiam adiante.

Nicinha quase não conseguia controlar os risos e gozações. Quando ficamos somente nós, comecei a procurar ver o que tinha acontecido. A água que chegava à torneira vinha de um carneiro hidráulico que deu entrada de ar. Com um pouco de água e uma mão tapando e destapando a torneira, o problema foi resolvido. Bebemos toda a água que sonhávamos, abastecemos nossos vasilhames, tomamos banho e seguimos. Que coincidência a água faltar exatamente na hora em que Géó colocou o copo, com todo aquele sol, aquela fila e aquela sede. Será que existe coincidência?

Fevereiro de 1992

Acordo familiar de mesada

Todos os dias, eu, Luana e Yana tínhamos nossa dose diária de briga e chateação coletiva, sempre com uma única razão: dinheiro! Todos os dias tinha um pedido R\$ 5, R\$ 10, sempre um desgaste. Finalmente, uma ideia que mudou radicalmente o quadro e melhorou substancialmente nossas relações. Celebramos um acordo familiar de mesada, partindo do levantamento das próprias crianças das suas necessidades. Após várias rodadas de negociações, assim ficamos:

Objetivo:

a) Desenvolver nas crianças o hábito de viver com orçamento, valorizar o custo do dinheiro e adequar-se a limites financeiros e a programar atividades a partir dos recursos disponíveis;

b) Evitar atritos diários relacionados com pedidos de dinheiro e descontrole nas despesas;

c) Facilitar o controle orçamentário dos pais.

Valores:

Luana Figueiredo de Carvalho Oliveira

X

Yana Figueiredo de Carvalho Oliveira

Y

Luana tem mais custos que Yana em função da idade

Prazos:

A mesada passa a ser paga a cada 30 dias, a partir de 1º de abril de 2000

Condições Gerais:

1. Estão inclusas nas mesadas despesas com passeios a shoppings e parques; presentes às amigas e colegas; prática normal e regular de uma atividade física ou esportiva; ônibus e/ou transportes cotidianos, almoço e lanche na escola ou em passeios; depilação e outras necessidades femininas; ingressos e despesas em shows e teatro, festas; aniversários; viagens e/ou passeios com amigas ou colegas fora do circuito escolar ou com os pais.

2. Não estão inclusos nas mesadas: viagens oficiais programadas pelo colégio; material oficial da escola; livros; roupa; transporte escolar; plano de saúde; despesas com remédio; cursos e treinamentos extracurriculares; viagens de férias e de lazer com os pais ou programadas.

3. A mesada está condicionada a: bom desempenho escolar (sem recuperação); frequência normal à atividade física; boa conduta e bom relacionamento familiar, cumprimento às normas de conduta em casa; organização em casa e das coisas pessoais.

4. Serão abatidos da mesada: prejuízos causados a casa ou a outras pessoas por negligência ou descumprimento das cláusulas anteriores.

5. Como forma de incentivo ao cumprimento deste acordo,

Acordo familiar de mesada

fazem parte as viagens de lazer, presentes, assinaturas de revistas, equipamentos e materiais especiais para aprendizado e bem-estar.

6. O valor estabelecido na mesada é o somatório das contribuições do pai e da mãe, estando descartado empréstimo, troços e pedidos fora de época.

7. O pagamento da mesada está condicionado às plenas condições dos pais em fazê-la.

Salvador, 23 de março de 2000

Luana Figueiredo de Carvalho Oliveira
Yana Figueiredo de Carvalho Oliveira
Antônio Carlos Aquino de Oliveira
Angelina Maria Figueiredo de Carvalho

Em 20 de maio de 2000

Não se intimide com pouco

A caminho do trabalho, após um dia de muitas visitas e tenso, pois havia chovido muito e o trânsito estava terrível, lembrei que precisava passar no banco. Eram 18:30 de uma quinta-feira, 12 de julho. Como sempre faço, parei fora do shopping, pois detesto o caracol do Barra e o tradicional pega-tíquete, entrega-tíquete e aquele sobe e desce de cancela.

Ao descer do carro, que ficou meio inclinado para a esquerda, o celular, que estava no bolso esquerdo, caiu e deslizou lentamente até uma boca-de-lobo, com aquela tradicional tampa de ferro grossa e sempre suja. A primeira sensação era do prejuízo de R\$ 600 do aparelho. A segunda foi de perplexidade e angústia, pois se avizinhava chuva grossa, e o aparelho insistia em ficar piscando no fundo do buraco. Imaginei alguém ligar e ele responder “glub-glub”.

Saí do carro e andei a esmo por uns minutos na busca de uma barra de ferro, pedaço de pau ou objeto qualquer que me ajudasse a remover aquela tampa que imaginava pesadíssima e emperrada. De repente, do outro lado da rua, vi um policial militar. Fui até ele, contei a história e ele me apontou uma senhora que havia acabado de ser roubada, tendo perdido o celular no ponto de ônibus.

O guarda me pediu que lhe mostrasse o lugar. Quando lá chegamos, ele pegou um pedaço de papel, colocou sobre a tampa

Não se intimide com pouco

para não sujar as mãos. Pediu que eu pegasse do outro lado e, com muita facilidade, removemos o gradil do bueiro. Abaixei, peguei o celular piscando e colocamos a tampa no lugar.

Ao me despedir, dei dez reais ao guarda como agradecimento e fui pensando: “Por que desisti antes de tentar? Por que pensei logo no pior? Mais uma lição da vida e da natureza: Não existe barreira intransponível. Nós é que a criamos! Nada é impossível!”

Um rastro de luz

Aquino, aquariano eternamente inquieto, é daquelas pessoas que cruzam o nosso caminho feito meteoro incandescente e deixam rastro indelével. Rastro de luz. Dele, a palavra flui fácil, sempre carregada de reflexão, questionamento, necessidade de traduzir momentos para multiplicá-los, mais felizes, lá adiante. Lá, bem longe de tudo e bem dentro de nós, onde a emoção corre solta e insiste em dizer que viver vale a pena. E ele sempre vai mais longe na peleja da vida plena, do gozo depurado, do aprender com a dor e a delícia da existência. Assim, agora, chegou a vez de Aquino, o bravo nordestino que sabe reinventar e multicolorir experiências, riscar sua trajetória em livro, num bailado consistente de letras minuciosamente escolhidas para tentar ser fiel ao homem às vezes austero e ao menino danado de buliçoso. O jornalista Marcos Navarro, com o talento que lhe é peculiar, topou a parada e respondeu de imediato ao estímulo. O resultado deste grande Encontro aqui está, oferecendo-se generosamente a quantos queiram degustá-lo. Sirvam-se!

Jeane Borges, jornalista